





O conteúdo desses relatos tem como finalidade tornar pública uma série de acontecimentos e experiências que começaram a surgir em minha vida após a cirurgia cerebral a qual fui submetido no dia 13 de agosto de 1991. Posso dizer que esse procedimento, sem nenhuma dúvida, permitiu que eu continuasse vivendo e, com a graça de Deus, pude, ao lado de minha esposa, acompanhar o crescimento e o desenvolvimento de nossos três filhos: Maurício, Clarissa e Fernando, que hoje muito nos orgulham. Posso dizer ainda que esse fato foi um divisor de águas, que proporcionou a minha vida duas fases distintas, antes e depois.



Veredas da
Alma

Antonio Martines Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Fevereiro de 2018

Primeira edição | Fevereiro de 2018

Copyright © 2018 *by*
Antônio Martines Brentan

Dados para contato com o autor: Antonio Martines Brentan
Av. São Sebastião, 564 - CEP 38292-000 - São Sebastião Pontal - MG

Copyright © [Todos os Direitos Reservados 2018] Essa obra possui Direitos Autorais reservados ao autor. É expressamente proibida toda e qualquer reprodução [cópia] republicação, transmissão, modificação, adaptação ou qualquer forma de utilização das imagens, textos, documentos, arquivos e fotos, no todo ou em parte, sem autorização prévia [por escrito] do autor ou toda e qualquer utilização considerada abusiva ou indevida deste material será penalizada e sofrerá as sanções previstas em Lei.

Diagramação, Composição e Capa: Marcos Ferreira.

Imagem da Capa: Wilson Granella

Revisão Gramatical: Mariza Ibraim Araújo

...

Impressão e Acabamento:



VIENA GRÁFICA & EDITORA.
Av. Dr. Pedro Camarinha, 31
Santa Cruz do Rio Pardo-SP
T: (14) 3332.1155
www.viena.ind.br

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Veredas da
Alma

Antonio Martines Brentan

São Sebastião Pontal - MG

Fevereiro de 2018

Dados de Catalogação na Publicação (CIP)
(Realizada pelo autor, São Sebastião Pontal - MG, Brasil)

Martines Brentan, Antonio (Escritor).

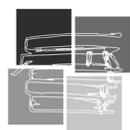
Veredas da alma | Antonio Martines Brentan.

-- São Sebastião Pontal, MG : Edição própria,
1ª ed. fevereiro de 2018.

1. Vida 2. Biografia 3. Família
4. Experiência de Vida I. Brentan, Antonio
Martines, 1956 II. Título.

Índices para catálogo sistemático:

1. Biografia : Experiência de Vida : Família



Índice

Comunicado	9
Prefácio.....	11
Introdução	15
Equívocos	20
Um Poema para Zara.....	21
Novos Horizontes.....	23
Mediunidade Aflorada.....	39
Paranoia	45
A Primeira Experiência.....	53
Lei do Progresso	59
Codificação de Mensagens.....	65
Três Pedidos	71
Conclusão.....	79
Novas Revelações.....	81
Mundo de Regeneração	85
Sonho Obscuro	93
O Poder da Mente.....	101
Imagem Distorcida	107
O Espiritismo em Minha Vida.....	111
Falando Ainda Sobre Espiritismo.....	119

Um Pequeno Trabalho.....	125
Volta ao Passado	129
Conclusão.....	141
Sonhos Enigmáticos.....	143
Obsessão	149
A Morte.....	155
Hospital Psiquiátrico Nosso Lar.....	169
Morri, e Agora?	177
Um Mundo de Trevas.....	183
A Ação do Tempo	189
O Suicídio.....	193
Amor Incondicional.....	197
A História do Castiçal	203
Almas Afins	207
Amor Transcendental.....	213
Reforma Íntima	221
A Natureza Humana	225
Amor Perfeito	229
Depressão.....	235
A Mágica dos Números.....	237
Jesus, Num Sonho	243
Quadrado Diabólico com 400 casas	245

Comunicado

COM ESTES RELATOS PRETENDO montar meu segundo livro e, quando estiver concluído, enviarei para edição. Cada exemplar será vendido a preço acessível a todos aqueles que tiverem interesse em conhecer seu conteúdo. Ao mesmo tempo, estarão colaborando financeiramente com as atividades assistenciais realizadas na Casa Espírita Alan Kardec, de São Sebastião do Pontal-MG e com a sua conservação, tendo em vista que meu objetivo é doar integralmente o valor arrecadado para esta instituição.

Por oportuno, adiantamos que não se trata de um livro espírita, muito embora os assuntos nele abordados insiram em sua essência a influência da filosofia e dos ensinamentos dos espíritos. Como seguidores dessa instrutiva doutrina, não poderíamos deixar de incorporar em nossa vida seus valores e pensamentos, que inegavelmente há muito nos têm auxiliado na concepção de ideias e conclusões.



Prefácio

A TRAVÉS DESSAS REVELAÇÕES pessoais, pretendo expor as experiências que vivenciei após a cirurgia cerebral em 1991. Acreditamos que as coisas não acontecem por acaso. Às vezes, para o nosso próprio progresso pessoal, é necessário que enfrentemos situações difíceis, para que despertemos e entendamos que, quando se quer viver, temos que procurar forças que dormitam em nós, e desconhecemos. O sofrimento, o desespero e o medo da morte são algozes que nos impulsionam a tomar atitudes. Sem a presença desses motivadores, certamente não teríamos a iniciativa de procurar, através de caminhos desconhecidos, a solução para nossos problemas. A normalidade nos habitua ao comodismo, então perdemos a oportunidade de descobrir que existem outras possibilidades.

A partir de então, por força das circunstâncias, descobri a importância e o enorme desejo de continuar vivendo, pois, apesar das complicações, a vida adquiria significado e valores antes não percebidos. Teria de superar

essas adversidades, ou certamente sucumbiria. Iniciou-se uma trajetória de experiências novas, que eu não tinha ideia para onde me levaria nem como terminaria. A cada uma dessas provas, não entendia como, mas eu sobrevivia, deixando um ensinamento que me dava força para enfrentar a próxima, que sempre diferia da anterior, dilatando conseqüentemente meu universo de paranoias. O desejo de compreender essas revelações tornou-se um desafio que até hoje persigo, e, apesar do progresso pessoal conseguido, não sei precisamente de onde procedem.

Essas revelações acontecidas ao longo de décadas, particularmente, me fizeram compreender muitas coisas, entre elas que nossa vida se eleva além de uma única existência, somos viajores do tempo, em nosso subconsciente os registros não se perdem, em determinadas circunstâncias afloram e essas reminiscências são reveladas, e revivemos fatos e acontecimentos que nos dão a certeza de que fomos nós que os realizamos, e nos deixam a impressão de quem fomos. A vida e a morte são fases periódicas que se locupletam, numa simbiose contínua, se alternam mudando o corpo físico e o cenário. Nosso eu “espírito” é imortal e indestrutível, destinado à compreensão e à evolução. Essa trajetória evolutiva tem a duração da eternidade e, através dela, experimentaremos todos os desafios e as refregas inerentes aos seres racionais, erraremos, sofreremos, amaremos, aprenderemos. Nesse e em outros mundos, sob as mais variadas situações, ora em condições privilegiadas, ora em situações difíceis e desafiadoras, estaremos predestinados a progredir infinitamente,

ascendendo a todos os estágios evolutivos que nos proporcionarão conquistas morais e intelectuais que solidificarão em nós o status que nos atribui a condição de, num futuro distante, nos tornarmos seres perfeitos, a que estamos irremediavelmente destinados.

Estamos, queiramos ou não, subordinados às Leis Divinas, nas quais estão inseridos todos os Seus desígnios e propósitos, que têm como destinação o aperfeiçoamento de Suas criaturas. Deus não concebeu ao homem comum sentido para compreender Sua natureza íntima, mas nos concedeu infinitos recursos para perceber Sua existência e a grandiosidade de Seus atributos, basta olharmos a nossa volta. Se ainda não adquirimos esse sentido elementar, significa que muito pouco progredimos, e uma grande distância nos separa do término de nossa destinação. Quando se adquire a certeza da imortalidade do espírito, que nossa existência não cessa após a morte do corpo, que nossos entes queridos não desapareceram definitivamente, continuam vivendo em outro plano, sob outras condições, continuam pensando em nós e nos amando, da mesma forma que também não os esquecemos, um dia os encontraremos, que é perfeitamente possível a comunicação entre esses dois planos, e a cada dia mais pessoas se convencem desta realidade, não por ouvir dizer, mas diante de provas incontestes, quando adquirimos essa certeza, nossa vida passa a ter sentido e significado especial, que nos estimula a querer conhecer de forma racional esse processo consolador. É com esse entendimento que pretendo discorrer sobre meus relatos,

em que estarão explícitas algumas experiências que me fizeram compreender verdades em que acredito, as quais conseguiram fazer com que mudasse minha maneira de entender a vida e a razão de existirmos, e o que DEUS espera de nós. Em virtude dos esclarecimentos que me proporcionaram concepções consoladoras, senti o desejo e, de certa forma, até a obrigação de compartilhá-los.

Introdução

O CONTEÚDO DESSES RELATOS tem como finalidade tornar pública uma série de acontecimentos e experiências que começaram a surgir em minha vida após a cirurgia cerebral a qual fui submetido no dia 13 de agosto de 1991. Posso dizer que esse procedimento, sem nenhuma dúvida, permitiu que eu continuasse vivendo e, com a graça de Deus, pude, ao lado de minha esposa, acompanhar o crescimento e o desenvolvimento de nossos três filhos: Maurício, Clarissa e Fernando, que hoje muito nos orgulham. Posso dizer ainda que esse fato foi um divisor de águas, que proporcionou a minha vida duas fases distintas, antes e depois.

Antes dessa cirurgia, vivia normalmente, penso que sempre fui uma pessoa muito responsável, desde cedo incorporei valores morais rígidos, o trabalho e o estudo foram sempre minhas prioridades. Nascido no seio de uma família rural simples de baixa renda, acompanhei a luta de meus pais para proporcionar aos filhos condições

básicas essenciais de sobrevivência e conforto relativo. Percebi prematuramente, através da orientação e dos exemplos paterno e materno, que somente pelo trabalho e pelo estudo alcançaria algum progresso. Ambicionava conquistar para mim uma vida digna, menos difícil da enfrentada por eles. Conciliei essas duas atividades até os dezoito anos, trabalhava para meu pai, em retribuição ao apoio e incentivo que recebia, sempre encarei os estudos como um investimento de baixo custo, que dependia mais de meu esforço próprio, sem a necessidade de despender recursos financeiros, pois sempre estudei em escolas públicas. Considerava a única via que certamente me proporcionaria condições para enfrentar os desafios de uma carreira independente, não obstante as dificuldades que inevitavelmente teria que superar.

Aos dezoito anos, desvinculei-me profissionalmente de minha família e iniciei minha carreira profissional. Exerci o cargo de professor primário por dois anos, no estado de Minas Gerais, depois ingressei na carreira de bancário, através de concurso público para o Banco do Brasil, iniciei a carreira de bancário no estado de Mato Grosso, onde concomitantemente também exerci o cargo de professor, durante três anos. Casei-me, antes de completar vinte e três anos, com Zara Lúcia, uma jovem de apenas dezessete anos. Começava assim a projetar a formação de nossa família e, consequentemente, a preocupação em iniciar a formação de um patrimônio material, para atender às necessidades básicas que proporcionassem conforto e segurança a mim e aos

meus dependentes. Preocupações e objetivos normais de qualquer pessoa sensata e previdente.

Talvez para muitos tenha deixado transparecer ser uma pessoa egoísta e ambiciosa, não vou negar que sempre me preocupei muito com o futuro, convivi desde a infância com as dificuldades da vida, senti na pele insegurança, complexos e incertezas, sentimentos de inferioridade, inerentes aos jovens, principalmente aos criados na roça. Talvez essas dificuldades me fizeram compreender que devemos aproveitar as oportunidades quando elas aparecem, por isso agi sempre de maneira previdente, economizando e aplicando minhas sobras salariais. Se isso é ser ambicioso e egoísta, talvez seja melhor que ser pródigo e perdulário.

Aos trinta e cinco anos, surpreendido com a descoberta de um tumor cerebral, fui submetido a uma intervenção cirúrgica, felizmente, com a graça de Deus, sobrevivi. Começava assim uma nova fase em minha vida, uma espécie de sobrevida, que me proporcionaria uma série de oportunidades e descobertas. A partir desse acontecimento, fatos estranhos, não vivenciados anteriormente, passaram a fazer parte de minha vida, posso dizer que deixei de ser a mesma pessoa normal. Minha mente passou a oscilar entre esferas múltiplas, variando do subterrâneo à estratosfera, entre a luz e a escuridão, entre coisas reais e outras inexplicáveis. Eu tentando administrar uma situação de normalidade, contemplando e vivenciando extremos, sem prejuízo de minhas responsabilidades. Muitas vezes achei que

sucumbiria, hipótese ainda não superada, porém hoje menos preocupante, talvez pelo fato de ter compreendido que acima de nós existe um Poder maior que jamais nos desampara, protegendo e nos auxiliando em todos os momentos. Essa certeza nos dá força para conviver com esses acontecimentos e, apesar das incertezas, percebi que estava aprendendo muito com eles.

Outros podem considerar que essas declarações são irreais e exageradas. Confesso que em poucos momentos conseguirei retratá-las com a intensidade e o realismo como elas aconteceram. Tenho convicção de ser assistido por protetores do plano espiritual, pois, sem essa proteção, certamente não teria encontrado forças para entender e superar essas manifestações, sozinho não teria sobrevivido aos efeitos e às impressões assimiladas.

Acredito não ser uma exceção, certamente muitas pessoas convivem com esses sintomas, mas suponho que poucos conseguiram compreender essas ocorrências com a intensidade e a profundidade que elas representam. Sinto que muitas revelações ocorrerão caso continue vivendo e que serão mais bem interpretadas, tornando-se oportunidade de novas descobertas.

Outras revelações são fragmentos de sonhos muito reais e estranhos que ocorrem sistematicamente quando acontecem as crises, interpretadas à luz de conhecimentos adquiridos ao longo de muitos anos, em contato com o universo de informações contidas no bojo dos ensinamentos dos espíritos, que nos descortinam formas lúcidas e racionais de interpretar e entender as coisas. Esses

ensinamentos estão disponíveis, ao alcance de qualquer pessoa, principalmente daquelas que convivem com problemas existenciais perturbadores e têm preocupação de entender melhor esses acontecimentos, desejam se libertar e, conseqüentemente, ter a oportunidade de se tornarem pessoas esclarecidas e melhores.

A religião é muito importante em nossa vida, todos nascemos dentro de uma, mas nem todas correspondem as nossas necessidades. Quando isso acontece, temos que ter a humildade e a iniciativa de procurar por aquela que responda aos nossos questionamentos. Graças a Deus, em um momento muito difícil de minha vida, tive necessidade de procurar outra religião que me auxiliasse no entendimento para superar dificuldades que acreditava insolúveis. Após algumas tentativas em igrejas evangélicas, foi justamente na doutrina dos espíritos que encontrei força e as respostas de que tanto necessitava, pois já me encontrava sem esperança. Sou muito agradecido à Doutrina Espírita, que mostrou um caminho seguro para levar-me diretamente aos ensinamentos de Jesus, e também possibilitou-me compreender uma infinidade de concepções inerentes aos desígnios de Deus e Suas Leis Perfeitas e Imutáveis, que governam toda a Sua criação. É compreensível que, quando nossa vida transcorre em perfeita normalidade, não tenhamos a iniciativa de voluntariamente procurar pelo novo, então é necessário que um aguilhão venha nos despertar, somente assim compreendemos que as adversidades são oportunidades de descobertas.

Equívocos

Quem nunca deu um passo em falso
E não pensou em voltar atrás
Quem nunca chegou à beira de um precipício
E não desejou saltar
Quem pode declarar-se livre de pecado
Sem haver causado nunca nenhum mal
Quem nunca acordou no meio da noite
Depois de ter sonhado
E não sentido vontade de chorar
Passado pela vida sem ter ajudado
Se esquecido de olhar para trás
Não sentido remorso e arrependido
Quem viveu sem ter percebido
Que chegaria o dia de partir
Esperando viver dias melhores
Descobre que seu orgulho era mentira
Nunca teve coragem de confessar
Tenho cometido tantos equívocos
Por isso muito tenho sofrido
Pagado um preço alto por viver assim
Exigindo muito sem ter merecido
Queria dizer tantas coisas
Faltam as palavras
Talvez vergonha para dizer
Que tenho direito de ser feliz.

Um Poema para Zara

*No passado éramos você e eu
Dois seres indiferentes
Eu vivia minha vida
Você vivia no seu mundo
Não nos conhecíamos*

*Um dia coincidentemente nos encontramos
Éramos dois jovens simples e felizes
Conversamos como velhos amigos
Nossos destinos haviam se encontrado
Estávamos felizes e envolvidos
De repente éramos um
Um casal de namorados
Continuávamos simples e mais felizes
Um sentimento nascia e crescia entre nós
Encontrei no seu olhar a luz que me iluminava
E no seu sorriso a paz que procurava
Era tudo que eu necessitava
Não era mais possível ser só eu
Já éramos nós
Amávamos
Em pouco tempo nos casamos
Agora você era minha esposa*

Conheceríamos o amor verdadeiro
Uma nova realidade se apresentava
Descortinando-nos um mundo de experiências
Que juntos compartilhávamos.
De repente não éramos mais um casal
Éramos cinco, uma família
Hoje na memória as lembranças e a saudade
De todos os momentos que se passaram
Dos lugares onde moramos
Das muitas casas que habitamos
Do sol iluminando a correria das crianças
Em tantas manhãs de nossas vidas
Em todos os lugares que estivemos
Sua presença sempre ao meu lado
Em todos os meus momentos bons e difíceis
Sem perceber que o paraíso era você
Quero que seja sempre minha sombra
Que esteja sempre comigo
Minha eterna namorada
Até findar meus dias
Porque sem seu amor não vivo
Porque te amo muito

Novos Horizontes

É DO CONHECIMENTO DE ALGUMAS pessoas que, depois de minha cirurgia em 1991, fiquei com algumas sequelas, que me obrigaram a fazer uso contínuo de medicamentos, mesmo assim não impediam que ocorressem periodicamente crises, as quais acontecem principalmente em estado de repouso. Vivencio em sonhos situações que são até difíceis de explicar precisamente como acontecem com o conhecimento do espiritismo, que elucida muitos mistérios inerentes ao nosso espírito, que é dotado de recursos que nem imaginamos que possui. Em estado de repouso, adquire autonomia e navega sem rédeas e freios por lugares localizados em esferas extrasféricas, que somente no estado espiritual podem ser acessadas. É um mundo diferente do nosso. Uma pessoa ignorante sobre essas verdades encontraria dificuldades intransponíveis para compreender e, certamente, consideraria que estivesse sendo acometida de loucura e se desesperaria, como acontecia comigo no princípio.

Tentarei, a seguir, descrever facetas dessas revelações. São fragmentos de sonhos, porque as sensações e as emoções somente quem as vivencia é capaz de avaliar. Caso desconsiderássemos a possibilidade espiritual, teríamos que admitir que tudo isso fosse produto de nossa imaginação. Nossos recursos mentais são limitados para idealizar um mundo tão completo e complexo, com tanta riqueza de detalhes, que tem a capacidade de nos envolver e nos tornar partes integrantes ativas nessas aventuras astrais, em que atuamos e interagimos com outras pessoas, colhemos todas as sensações desses relacionamentos, inclusive vínculos afetivos. Essas impressões são tão reais que afetam nosso modo de ver as coisas, quando retornamos à realidade.

Não obstante as justificativas acima, na condição de paciente confesso que em estado de vigília transitam pela minha mente complexa pensamentos que não sei de onde procedem, se de meu espírito que trava uma luta indômita contra alguns valores que nos elevam para estágios regeneradores, ou se por entidades invisíveis que sintonizam com meu padrão vibratório. Folgo em confessar que todo esse drama acontece no campo mental, minhas forças espirituais conhecedoras do livre-arbítrio e da lei de ação e reação não permitem que essas ideias ultrapassem o limite do pensamento e se estendam para o campo das ações.

Quando em estado de repouso, esses pensamentos fogem do controle racional consciente, adquirem autonomia, com absoluta liberdade realiza tudo aquilo que é reprimido em estado de vigília, e as sensações alimentam o desejo de não mais retornar à realidade. Confesso que nes-

ses momentos não importaria de desligar-me de tudo que é real e ficar para sempre nesse mundo imaginário.

Meus sonhos têm sido para mim, ao longo de décadas, um mistério incompreensível, com variáveis cada vez mais insolúveis, envolvem entidades alheias a minha vida real, me confundo com essa situação, crio fantasias, fico tentando vivenciar em pensamento aquelas passagens inescrutáveis.

Como esse relato se reveste de caráter de particularidade, são experiências pessoais, pretendo ao longo da narrativa revelar o que se passa comigo, para que esse material em algum momento no futuro sirva de alguma forma como objeto de análise, à luz de conhecimentos especializados que manipulam esses sintomas, e têm como objetivo elucidá-los. Quando uma pessoa considera que os caminhos escolhidos não chegaram ao destino almejado, que os equívocos e os desencontros aconteceram involuntariamente, quando não é mais possível recomeçar, renuncia a tudo e começa a projetar virtualmente um caminho fictício que dê motivação para se continuar vivendo, sem que percebam o fracasso auferido. Então encontrei nesses sonhos situações que me fizeram compreender que possuímos uma infinidade de recursos capazes de nos proporcionar experiências que não vivenciamos em nossa vida real, que se revelam ao espírito quando libertos temporariamente do invólucro físico, em viagens que nos levam de volta a existências pretéritas. Por vezes transitamos por mundos evoluídos, que nos deixam a impressão de que visitamos uma época futura, como se fosse possível

penetrarmos no âmago dos segredos do tempo que ainda não aconteceu.

Considero que a partir do momento em que comecei a experimentar essas sensações estranhas, meus horizontes se dilataram em um universo de informações novas, permitindo identificar duas realidades diferentes. Uma concreta, real, outra fictícia, virtual, que interpretei como fontes fornecedoras de conhecimentos que me esclareceriam muitas dúvidas inerentes a nossa existência. À medida que essas experiências foram se repetindo, outras informações foram se revelando, maneiras diferentes de ver as coisas, conseqüentemente a necessidade ingente de empreender em minha vida imprescindível e inadiável reforma íntima.

Apreendi a percorrer viagens imaginárias, em regiões paradisíacas, onde é de lei só dizer a verdade, onde a falsidade não encontra guarida, dizer tudo o que se pensa sem escandalizar-se, concordar com os absurdos que a mente extravasa, onde a hipocrisia foi extinta definitivamente. Se temos a eternidade para nos redimir de nossas fraquezas, por que a pressa? Viver plenamente não é crime, talvez sabedoria. Ter coragem de dizer o que se pensa é virtude dos fortes, esconder-se sob falsidades é hipocrisia. Revelar as intimidades aparentemente absurdas de um sonho não é constrangedor, é ação do espírito livre que faz e que age sem convenções ou preceitos morais estabelecidos por seres também falhos. Navegar por regiões proibidas da mente imperfeita, admitir fraquezas não é heresia, é se reconhecer como ser imperfeito em trajetória para níveis

posteriores que forçosamente nos conduzirão para esferas superiores, mas tudo a seu tempo, sem precipitações, sem queimar etapas.

Arrastar-se na superfície lodosa do umbral não é privilégio dos réprobos, são experiências purificadoras que nos enlameiam para nos mostrar valores das regiões saneadas, então sintonizamos com esses seres da retaguarda e ensinamos e aprendemos juntos a superar as adversidades. Devemos demonstrar humildade em nos nivelarmos com eles em resgate comum, todos sob o jugo do mesmo peso e da mesma medida, sem preconceitos de hierarquias sociais. Vamos esquecer os estribos que nos equilibram na crista das ondas efêmeras e nos ocultam o real, exibindo apenas aquilo que convencionaram que enxerguemos. A realidade dos sonhos não trapaceia com o ilusório, nasce no inconsciente, transporta-nos para o exercício das ações construtivas, onde vivenciamos aquilo que realmente desejamos, para que compreendamos o sentido do abstrato. São aprendizagens virtuosas que nos elevam a patamares mais profundos que as realizadas nos planos físicos.

As mensagens codificadas se revelam quando conseguimos decodificá-las, os sonhos ocorrem em laboratórios localizados em nosso inconsciente, região esterilizada dos miasmas do externo. Como negligenciar esse recurso instrutivo cuja fonte remonta há séculos? Desperdiçar esse recurso é conspirar contra as benesses da criação, que conhece todas as funções de cada sentido que nos concedeu, para que utilizemos na totalidade, sem restrições. Viajar

por esferas indefinidas do universo, sentir-se livre para fazer e dizer tudo o que pensa, com a certeza de que ninguém será prejudicado em nada, escrever o que vem na cabeça, sabendo que tudo procede dessas experiências íntimas que nos fazem portadores e reveladores de verdades que adquirimos nessas excursões astrais. Essas informações obtidas em fonte que julgamos confiável é um tesouro incalculável, pois nos permitem compreender verdades que até então nos eram desconhecidas. Flutuar na estratosfera desse planeta em ebulição, ignorar convenções preconizadas por entidades inconfiáveis. Tais fatos nos possibilitam questionar: Onde residem as verdades? Na bíblia? Nos livros? No noticiário? Ou na natureza? Conhecer e avaliar a importância da filosofia, sociologia, psiquiatria, outras *ias* e *logias*; entender o estágio de civilizações como as do continente africano, que conjugam e comungam os verbos *nascer, comer, sofrer, morrer, quiçá renascer*; os conflitos territoriais, ideológicos e religiosos que matam e exilam os habitantes de regiões como às do Oriente Médio, fazem-nos compreender a complexidade das seitas, doutrinas, crendices e superstições, amarras que imobilizam as mentes, cerceiam a liberdade, ceifam vidas em formação, impedem sistematicamente a evolução indispensável.

Convenções humanas atribuídas à divindade que ouve e assiste a tudo num inconformismo que nem fazemos ideia. Em segundos, continentes se sacodem, e o trabalho de séculos se transforma em ruínas numa apoteose espetacular, ouvem-se explicações, clamores e lamentos, tudo inutilmente. O curso de miríades de

mundos segue tranquilo na imensidão imensurável dos sistemas, tudo é ignorado no cosmo intocável.

Por que se afivelar a sistemas ultrapassados, leis corruptas, elaboradas por legisladores isolados da realidade das massas, papéis que dizem tudo, mas não representam nada na vida dos excluídos? Reclamar para qual autoridade? Para o papa, bispo, presidente, juiz, delegado. Certamente nenhum desses prepostos se levantará da poltrona para averiguar os fatos, representam monopólios que já realizaram suas funções em tempos remotos, tornaram-se ultrapassados e obsoletos, quedaram--se no conforto da inutilidade.

Levantar os olhos, apreciar novas paisagens, respirar outros ares, saciar água pura, sair da mesmice, alçar voo para o novo. A lama do igual tornou-se insuportável, o lodaçal ficou pegajoso, a mudança é uma realidade necessária, esperar a decrepitude para mexer-se talvez seja muito tarde, a iniciativa é a ferramenta que devemos usar na nossa imprescindível transformação. O tradicional não mais atende às necessidades dos novos tempos. Os quadros mentais arquitetados em séculos sucessivos fizeram de nós outros autômatos, vivemos num mundo massificado de seres semelhantes, física e intelectualmente. Ser diferente é o desafio que nos impulsionará às mudanças indispensáveis para a conquista do porvir. Resistir às inovações é alimentar o vício da ignorância que cultivamos por comodismo, para não dizer inércia.

Abandonar tudo, esse é o destino que nos espera, ser capaz de suportar o desconforto do nada, viver da co-

moção alheia, estender o chapéu na coleta do mínimo, degustar até a última migalha do pão dormido na lata do lixo, concorrer com caninos e felinos na sobrevivência das ruas, reconhecendo que a luta é desigual, por força da posse da racionalidade que se tornou obsoleta pela renúncia espontânea, o desuso condena o direito da posse. Sentir-se realizado com a disponibilidade do dia para ver e da noite para sonhar. Mudar constantemente de bairro, um dia em cada endereço, um mês em cada esfera, dividir nosso peso nos ombros de muitos, seremos leves como a brisa, ninguém se importará com a moeda doada, ela pouco vale mesmo, não acumular sucatas como fazem os andarilhos terrenos, nossos braços se balançarão livres, nossas mãos estarão sempre disponíveis. Caminharemos enquanto o sol estiver sobre as nuvens e, quando ele aparecer, nos refugiaremos sob as árvores. Nossos documentos serão apenas as impressões digitais e a íris dos olhos, nosso DNA será genérico, sem pedigree, nos orgulharemos de sermos comparados aos vira-latas, seremos fortes como eles, independentes por força da natureza, não da necessidade. Na hora de dormir, durante o sono partiremos em caravanas espirituais, com destino predeterminado, nos reuniremos na escuridão do umbral e, juntos, procuraremos as trilhas já conhecidas que nos conduzirão até as regiões aprazíveis, nossos iguais nos acompanharão num cortejo indiano. Com todos ao meu lado, serei o guia conhecedor dos atalhos que nos levarão aos picos, fronteira que separa a luz da escuridão. Aqueles que estiverem aptos a descer pelo despenhadeiro oposto da subida íngreme começarão a res-

pirar os ares purificados da salvação, os recalcitrantes não perceberão o esplendor da luz e retornarão pelo mesmo caminho pedregoso por onde subiram inutilmente. Faz-se necessário que se eleve para ser elevado, não cometer o desatino do erro incorrigível. Quem nos julgará senão nossa consciência que nos cobra a ação regeneradora necessária, mesmo ainda que nos pareça tardia?!

Seremos sempre uma fortaleza, nos protegeremos dos dois lados do abismo, teremos sempre o apoio necessário tanto na subida como na descida, tanto na luz como nas sombras, nunca estaremos em desamparo, necessitaremos em nosso caminho dessa luz consoladora, nos envolveremos com a força de nossas mãos protetoras, seremos sempre um, muitas partes que se interagem e se completam. Muitos outros desejarão se unir a essa corrente poderosa, muitos conseguirão, chegarão ao pico, conseguirão enxergar, não se ofuscarão com a claridade estonteante, persistirão e iniciarão a descida vitoriosa. Estaremos sempre na dianteira, calcaremos os espinhos venenosos das iniquidades, os da retaguarda não se ferirão, encontrarão os caminhos aplainados, não desfrutarão com o mesmo mérito, mesmo assim serão vencedores.

Quando o desânimo e o cansaço solaparem nossas resistências limitadas, nos apoiaremos uns nos outros, estaremos sempre rejuvenescidos com as forças etéreas do cosmo, que abundam em quantidade, energia desconhecida do cientista descuidado e relapso, seremos reabastecidos com forças provindas do éter infindável, existente na economia do espaço desconhecido e infinito.

Abriremos nossas mentes, que serão estimuladas pela adrenalina da natureza que o homem comum ainda não tem conhecimento da existência, gozaremos de antemão das benesses abundantes cuja fonte é pura e inesgotável. Tudo isso está ao alcance de nossas mãos percussoras, somos pioneiros na exploração desses recursos, não temos necessidade de explorá-las comercialmente, por não necessitarmos do valor ilusório da moeda terrena. Seremos como os animais que ignoram a existência de sistemas monetários, leis de mercado, reservas cambiais, barreiras protecionistas, entre tantas outras armadilhas enganosas que exploram, ludibriam e escravizam.

Se todos tivessem conhecimento do poder de alcance desses recursos poderosos, que são oferecidos gratuitamente, bastaria nos abastecerem deles, acondicioná-los para nosso uso diuturno, todas as preocupações com a sobrevivência e a manutenção da perpetuação de nossa espécie seriam colocadas em último plano. Ocupar-nos-íamos com coisas mais relevantes, como a conquista de esferas ainda não copiladas nos registros gerais, fornecendo subsídios para novas descobertas. Tudo isso está ao nosso alcance, basta direcionar as pesquisas exploratórias neste sentido. A velocidade que o desenvolvimento atingiria surpreenderia até as civilizações da vanguarda do universo conhecido. Aliás, essa preocupação deveria ser permanente, o conflito atrasa e empobrece as comunidades participantes do todo, causando descompasso na realização do padrão idealizado, com prejuízo geral. O mais incrível consiste na

falta de conscientização dos integrantes dessas colmeias, que geralmente se preocupam unicamente com seu planejamento e ignoram o esforço geral.

Reflitam na possibilidade de liderarmos não um grupo, mas uma legião de colmeias afins, que esperam os mesmos ideais de reformas. Formaremos uma falange indestrutível que avança sem recuar pelos caminhos onde o inimigo transita sem ser incomodado, dividiremos o mérito da conquista em partes equivalentes, o futuro fará justiça aos esforços que ora serão despendidos, o fruto será meritório, o descanso compensador da fadiga suportada. Participemos com nosso pensamento reacionário, cabeças pensantes conseguem aglutinar ideias heterogêneas na solução de problemas comuns. Prevejo o resultado dessa aliança que compactua os mesmos ideais de conquistas, de realização pessoal. A tormenta não será páreo para essa força organizada, juntos venceremos como preceitua o adágio, não está faltando mais nada, temos a foice e o martelo, o facho e o fósforo, nossa coragem é nosso escudo protetor.

É hora de encerrar os conflitos e atritos, a diplomacia dos tempos modernos tem sido a saída mais racional para a solução dessas crises seculares, os conceitos ultrapassados devem ser aposentados, tornaram-se ineficazes, os modos operantes são outros, as reformas estatutárias aconteceram durante o período da Guerra Fria, os fatos se sucederam incontestes, não se pode contrariar o óbvio, será retrocesso social nocivo. Pensadores modernos reformulam os dogmas criticados pelos analistas de plantão, cuja função

é emperrar os sistemas, forças heterogêneas se unem em aliança incompreensível, esses argumentos convenceram os céticos e incrédulos, que já admitem essas mudanças necessárias. O tempo faz o juízo, o resultado é o produto do esforço desferido, a solução foi alcançada, não houve mortos nem feridos, os vencedores comemoram a glória do feito.

Não aproveitar esse convite de embarque no trem que nos conduzirá ao novo é negligenciar a oportunidade de nos inserirmos, nos integrarmos, depois poderá ser muito tarde. Já nos antevejo ocupando o lugar que por justiça conquistamos, desempenhando a contento o papel que a cada um será designado. Sem sua presença, todo esse império de paranoias e alucinações não passaria de palavras mortas sem utilidades, mesmo assim não os esquecerei, não abandonarei a ideia e o propósito de aproveitá-los em um plano complementar, que seja menos radical e os encorajem a seguir-me.

Eu lhes proponho, em segundo plano, que abandonemos tudo que até hoje conquistamos, renunciaremos a todos nossos supostos valores materiais, sentimentais e morais. A fuga é o recurso daqueles que querem se livrar de todas as amarras, o passado ficará sepultado a sete palmos, a esponja do esquecimento apagará todas as reminiscências, não será permitido olhar para trás, uma amnésia providencial envolverá e apagará o registro das recordações. A lavagem cerebral permitirá construirmos uma nova identidade, escolheremos nossos novos nomes, nos chamaremos de “meu irmão”,

formaremos uma grande irmandade, nos transformaremos em seres purificados, uma nova existência se iniciará, não aceitaremos influências externas, só acataremos o que vier de nós mesmos, seremos um em muitos, mesmos pensamentos serão compartilhados para que nunca ocorram dissidências entre nós. Amaremos e lutaremos com a mesma intensidade e fervor e teremos o dia para viver e a noite para gravitar por mundos etéreos, onde descobriremos as verdades impescindíveis a nossa evolução. Seremos nômades errantes, seguiremos caminhos sem volta, não retornaremos, nosso objetivo será sempre avançar em busca do desconhecido, ninguém nos reconhecerá.

Um novo estilo de vida será vivenciado, isso será segredo e não seremos imitados por ninguém, seremos egoístas em nossa liberdade e conquistas. Quando nos sentirmos exaustos, procuraremos um paraíso natural, construiremos um acampamento às margens de um regato e desfrutaremos as regalias dos escolhidos, não falharemos porque não aceitaremos a intervenção de nenhum outro grupo. Envelheceremos infinitamente, e quanto mais convivemos, mais nos identificaremos. Numa época futura muito distante estaremos aptos a realizar o triunfal retorno, depois partiremos juntos para outras esferas, visitaremos muitas delas, porque abundam no vazio do firmamento. Nunca nos separaremos, nossas afinidades se ligaram por forças indeléveis, não mais retornaremos para experiências físicas, seremos eternamente centelhas percorrendo o infinito imensurável, até o fim dos tempos.

Bem sabe que tudo isso são visões transcendentais que transitam em minha mente que viaja, planeja e delira, tenta inserir-se nessas aventuras irreais. Digo-lhes essas coisas para que avaliem o nível de perturbação desse espírito açodado. Reconheço minhas deficiências morais, mas acreditem, tenho lutado para que minha conduta até hoje seja ilibada, refuto qualquer pensamento que tenta transferir para a prática comprometedora, essas considerações deverão submeter-se ao crivo consensual. Somos livres para ingressar ou não nessas empreitadas do ilusório, nosso livre-arbítrio pesará os prós e contras, nossa decisão é soberana e deverá ser respeitada, pensaremos e decidiremos, analisaremos e faremos nossa opção.

Ah, se pudessem compartilhar comigo as sensações prazerosas e aterrorizantes que experimento nas nuances de meus sonhos, a levitação como meio de locomoção, minha vontade transformando o meio, minha memória ilimitada, desvendando e compreendendo o oculto, o inexplicável! A dúvida em identificar minha real situação, morto ou vivo, o desejo de permanecer nesse transe consciente, excursionando por mundos desconhecidos maravilhosos, onde tudo posso menos retornar. Quando sinto perder o controle da situação, o desespero me envolve, começo a correr e gritar, meu corpo continua imóvel e ninguém me ouve. Uma aflição indescritível vai me conduzindo, me arrastando, uma força me domina e me impulsiona para o centro de um turbilhão em redemoinho, escuto gritos, choros e lamentações, um misto de pavor e êxtase preenche o emocional. Passei

por tudo isso muitas vezes, sempre acho que não mais retornarei, me entrego nesse devaneio, a expectativa do desfecho não demorará, é só me deixar levar, e sempre volto ileso. A refrega não me intimida mais, meu desejo é vivenciar tudo novamente, procuro entender esse mistério gradativamente. Quando dominar essas revoluções cerebrais e puder acessar livremente esse mundo, sei que ele existe e é semelhante ao real, porque sempre o encontro. Aí, terei todas as respostas, os segredos desaparecerão, procuro avidamente a chave que abra essa porta. Sei que sempre estarão a minha espera para outras viagens astrais, nelas procurarei por vocês na escuridão desse mundo irreal, para juntos percorrermos essas veredas acessíveis às almas necessitadas. Fizemos esse pacto, para sempre estarmos juntos.



Mediunidade Aflorada

COMECEI A TER UNS SONHOS, digamos estranhos. Nesses sonhos, interagia de forma bastante real, principalmente com parentes e pessoas muito próximas desencarnadas. A sensação que experimentava nessas ocasiões deixava impregnada em minha memória um misto de lembranças que confundiam como se estivessem acontecendo de verdade. As vozes, os cheiros, os sabores, os risos e as lágrimas, sensações de felicidade e aflições me remetiam para épocas e situações de meu passado longínquo, que identificava legítimos, verídicos, que não deixava nenhuma dúvida. Acordava arrepiado e impressionado, tentando entender o significado de tudo aquilo. Se me dissessem que essas coisas eram possíveis, não acreditaria. Revivia em sonhos acontecimentos ocorridos, outros desconhecidos, com uma autenticidade que impressionava.

Pensava que aquelas pessoas, minhas conhecidas, quisessem me fazer compreender ou dizer alguma coisa muito importante.

Quando essas ocorrências se tornaram mais incisivas, começaram a desestabilizar meu comportamento, influenciar minha rotina de vida, alterar minhas convicções e a maneira de ver as coisas. Sugeriram-me procurar entender o que significavam esses sonhos, consultei pessoas que detinham conhecimento sobre o assunto. Disseram que isso acontecia devido ao fato de eu ter mediunidade aflorada, que necessitava desenvolver, para ter domínio da situação e poder comunicar com os espíritos. Uma informação relevante, para quem até então não acreditava e nada entendia do assunto, que me atribuía um dom do qual desconhecia as consequências e a responsabilidade. Como os sonhos eram muito reais, passei intimamente a considerar que possuía esse recurso e a acreditar naquelas informações e acontecimentos.

Como as informações começaram a ficar substanciaosas e comprometedoras, e procediam de fontes supostamente confiáveis e envolvia pessoas próximas e queridas, senti-me envolvido numa teia de intrigas perturbadoras, estabelecendo dúvidas e desconfianças, desestabilizando ainda mais minha saúde que estava comprometida, a vida profissional perdia toda motivação, a importância da harmonia do lar começava a desmoronar. A orientação que recebia através dessas revelações me sugeria pôr fim na própria vida, maneira prática e definitiva de resolver todos os problemas. Quando me senti no fundo do poço, sem forças para sair

deste labirinto que cada vez mais me emaranhava e de certa forma me induzia a pensar em suicídio, quase como uma ideia fixa, decidi ouvir minha esposa, procurar ajuda na doutrina espírita, conhecer os ensinamentos dos espíritos e frequentar uma casa espírita, mudar muitas coisas relativas à minha crença e meu modo de agir.

Eu tinha um problema neurológico, que era controlado parcialmente com o uso de medicamentos, sem perspectiva de solução, agravado por um incômodo de natureza espiritual, que estava interferindo negativamente em meu livre-arbítrio, comprometendo minha vida profissional, social e particular, induzindo-me a pensar que era um caso perdido. Aqueles acontecimentos estavam acima de minha capacidade de entendimento e superação.

Nessa época morávamos em Campo Grande. Como ato de extremo desespero, tive a iniciativa de ir até uma livraria espírita, adquirei os cinco livros que compõem as obras básicas da doutrina, seria a última tentativa. Não conhecia nada de espiritismo. Iniciei a leitura pela obra “O Livro dos Espíritos”, mil e dezenove perguntas, formuladas pela equipe de Alan Kardec, respondidas por uma plêiade de espíritos superiores, contemplando a imortalidade da alma, a natureza dos Espíritos e suas relações com os homens, as leis morais, a vida presente, a vida futura e o futuro da Humanidade. À medida que lia as perguntas em ordem crescente, um universo de verdades se descortinava, cada resposta mensurava a dimensão e a magnitude de minha ignorância, a pequenez e a insignificância de meus conhecimentos perante os propósitos de DEUS. O quanto

necessitamos evoluir espiritual, moral e intelectualmente para entender nossa responsabilidade diante da vida e de nossos semelhantes. A maioria dos meus questionamentos, dúvidas e incertezas estavam inseridos naquele universo de perguntas e respostas, e respondiam racionalmente, me faziam compreender que a solução de meu problema dependia de minha capacidade de internalizar aquelas respostas em minha nova maneira de viver, e o difícil desafio de tornar-me uma pessoa melhor. Quando reconhecemos nossa ignorância, começamos a enxergar o quanto nosso comportamento deixa a desejar.

Quando terminei a leitura dos cinco livros, que não demorou muito tempo, menos de duas semanas, encontrei parâmetros e explicações para quase todos aqueles sintomas que estava vivenciando, entendi que meu caso tinha solução, dependia somente de mim mesmo, decidi que me empenharia ao máximo. Quanto mais aprendia, mais sentia necessidade de aprender e mudar minha maneira de ser. Em pouco tempo percebi que aqueles conhecimentos estavam me ajudando muito.

Depois de muito ler e estudar, entendi que meu problema não era propriamente afloramento de mediunidade, e sim um processo obsessivo, que me acompanhava há muito tempo, antes mesmo das sequelas neurológicas, causado por comportamentos inadequados perpetrado em vidas passadas, em detrimento a companheiros de jornadas, que foram lesados e prejudicados, que se sentiram no direito de cobrar os danos por mim causados, tudo consoante os códigos Divinos que permitem esses ajustes. A lei

que outorga punição permite resgatar dívidas após o pagamento do ônus, efetuado com a mesma moeda do delito perpetrado. E tudo é equacionado a seu tempo na contabilidade dos erros humanos perante a justiça Divina.

Penso que o objetivo de meus algozes, conhecedores de minhas fraquezas, de meus maus pendores, da fragilidade de minha fé em Deus, da minha ignorância espiritual, seria desestabilizar minha paz interior, induzindo-me ao desespero, levando-me à autopunição, ou cometer um desatino contra outrem, agravando ainda mais minha situação comprometida. Confesso que muitas vezes senti que não teria forças para superar essa provação. Graças a Deus, as instruções da doutrina espírita, o apoio e a compreensão de minha esposa, Zara, o acompanhamento de meu psiquiatra, Dr. Orestes, meu neurologista, Dr. Marcílio, depois de muito perseverar, fazendo uso contínuo dos medicamentos, sem abandonar a frequência à casa espírita, ao trabalho fraterno, e ao estudo sistematizado cada vez mais aprofundado de todo seguimento literário que alicerça os ensinamentos da doutrina, consegui forças para superar gradativamente as perturbações, deixando-me um legado de certezas e conhecimentos, que me proporcionaram uma fé robusta que me permite conviver sem desesperar com esse universo de revelações que me chegam constantemente, dilatando meus horizontes a cada experiência, refletindo positivamente no modo de aceitar as adversidades, na maneira de entender as coisas, sobretudo a consciência da necessidade de continuar melhorando todos os dias, e a dimensão de quanto somos ignorantes.



Paranoia

SEMPRE TIVE VONTADE DE SER poeta, daqueles que dizem coisas para confundir, não para esclarecer. As palavras têm capacidade de sensibilizar, por trazerem inseridas em sua essência, sentimentos contraditórios. Suas mensagens deixam impregnadas impressões consoladoras ou perturbadoras, que induzem o indivíduo a reflexões capazes de influenciar concepções novas, nunca antes vivenciadas. Como não nasci com o dom da poesia, nunca tive facilidade para encontrar as palavras certas, para expressar com fidelidade meus sentimentos legítimos e autênticos. Hoje as procuro despretensiosamente para transmitir situações e acontecimentos que, de certa forma, tornaram-se uma obsessão que necessito compartilhar, uma particularidade incomum, com finalidade de esclarecer conflitos internos, que talvez não sejam uma exclusividade minha. Há muito tempo experimento revelações, que não sei precisamente de onde procedem: se do mundo imaginário, ou de regiões extrafísicas. A verdade é que tais revelações nos concedem

situações irreais que nos proporcionam prazeres e sofrimentos, diferentes daqueles vivenciados na vida real. Tais fatos nos levam a caminhar por veredas desconhecidas, que só existem no inconsciente adormecido de nosso eu complexo, permitindo-nos descortinar uma reserva inimaginável de conhecimentos e verdades íntimas que nos pertencem e que ignoramos. Quando descobrimos algo diferente que nos envolve, tentamos decifrar e compreender seus fundamentos, então gostaria que todos que se interessassem por esse assunto intrigante e complicado ao mesmo tempo, compartilhassem da mesma experiência e passassem a desfrutar dessa dádiva natural, que acredito ser inerente a todos.

Para o leigo, uma obra de arte de inestimável valor não passa de rabiscos lançados aleatoriamente em uma tela vazia, pois o vulgo não decifra os segredos intrínsecos inseridos no contexto do retrato. Como não percebe o sentido do conjunto da mensagem e as particularidades dos traços do artista, não capta sua mensagem nem lhe atribui o devido valor. Traçamos esse paralelo com finalidade de comparação, para que avaliem o grau de interferência no modo de perceber as coisas.

Nossas impressões digitais aos olhos inaptos parecem todas iguais, mas em determinado momento alguém percebeu que havia diferenças entre elas, nenhuma era igual à outra, hoje a ciência da biometria possibilitou que uma máquina identificasse e diferenciasse uma entre milhares delas. Nosso “eu” é um arquivo universal particular único, cuja posse e os conteúdos são

propriedades inacessíveis a outrem, é o cofre mais secreto que existe, somente nós mesmos podemos experimentar forçar os ferrolhos que vedam nosso consciente e subconsciente, e demais compartimentos do inconsciente. Quando esse acesso nos é liberado através de sonhos, em viagens introspectivas, involuntariamente descortinamos um universo todo nosso, um tesouro particular, que em estado de vigília nem imaginamos sua existência. Pena que, quando acordamos, as sensações e as lembranças se desvanecem em fragmentos desconexos e ininteligíveis, uma vaga reminiscência às vezes aflora repentinamente e por momentos revivemos aquelas sensações paradisíacas e horas angustiantes não vivenciadas no estado consciente. Sabemos que nos pertencem, mas estão escondidas em esferas inacessíveis quando propositadamente tentamos encontrá-las.

Nossa memória é um composto do real presente e do imaginário ausente, propriedade exclusiva e inalienável, que não manipulamos ao bel-prazer, nem suscetível a interferências externas, que governamos de acordo com nossas conveniências e necessidades. Nossas fantasias são criações próprias resgatadas gradativamente dos arquivos alojados nos arcanos do inconsciente, armazenadas ao longo de nossas vivências milenares, que afloram em momentos específicos e apropriados. Essas considerações são baseadas em minhas próprias deduções, mormente as ocorrências captadas em estado de transe e momentos visionários que acontecem ocasionalmente, mais precisa-

mente durante e depois de meus sonhos, oriundos dessas crises cerebrais anteriormente mencionadas.

Não se deve acreditar em tudo o que se ouve dizer. No que concerne à sintonia mental, é uma teoria que leva em conta a faixa vibratória, convenhamos, de difícil comprovação. A comunicação telepática também se trata de uma teoria a comprovar. Enquanto não se realizam estudos aprofundados comprobatórios que assegurem a eficácia e a veracidade dessas ocorrências comunicativas reveladoras, mediante o universo de situações que vivencio, prefiro atribuir esses fenômenos ao posto de suposições nominadas. Acredito que todas as respostas estejam escondidas em processos desconhecidos que acontecem nos intrincados mecanismos que governam nosso complexo cerebral, que se revelam em situações excepcionais, quando deixamos de exercer qualquer tipo de controle. É a opinião de uma pessoa que não possui conceitos científicos, são conclusões pessoais, embasadas em experiências próprias, mas certamente no futuro serão decifradas e mais bem compreendidas.

Face ao exposto, calcado na repetição sistemática dessas evoluções mentais misteriosas, depois de muito supor e ponderar, concluí que tudo tem causa e efeito no nosso mecanismo cerebral, que age e reage involuntariamente, independente de nossa vontade, acionado por agentes autônomos que possuímos em estado latente, perceptível somente por quem experimenta essas manifestações, cujas causas geradoras desconhecemos.

Nosso vocabulário é limitado para transmitir com propriedade as nuances dessas aventuras fenomenais, que são lampejos de experiências extrafísicas que nem imaginamos como e por que ocorrem, não pertencem a esse mundo material em que vivemos. Enquadram-se no universo das alucinações e paranoias inexplicáveis, que somente os detentores desses sintomas têm conhecimento da existência das impressões que nos são transmitidas, e do poder de interferência em nossa vida real, apesar de não compreendermos profundamente. Concluímos ressaltando a dificuldade que temos de nos conhecermos integralmente. Nossa personalidade é uma fração dos valores armazenados ao longo de vivências pretéritas, o produto psicossomático encontra-se camuflado nos intrincados escaninhos da imaginação. Quando submetidos a condições especiais, afloram deixando transparecer particularidades desconhecidas de nós mesmos. Poderíamos traçar um comparativo do poder das drogas lícitas e ilícitas, que têm capacidade de revolver ou inibir essas reminiscências íntimas, causando euforia e satisfação. O indivíduo experimenta sensações especiais desconhecidas, é transportado para realidades alheias das vivenciadas, daí a necessidade de reviver constantemente, tem consciência de que é um vício prejudicial, sente-se atraído para esse labirinto revelador, e dificilmente encontra forças para resistir, acontece involuntariamente.

Quando os efeitos dessas sensações desaparecem, sente-se um vazio profundo, apatia e depressão são ingredientes desmotivadores e fomentadores, o indivíduo

se anula, a vida só tem sentido se reviver essa suposta felicidade mental, tornando-se um círculo vicioso, desvinculando-se por completo da realidade. Uma espécie de dependência emocional ganha força a cada experiência, o paciente alimenta seu psiquismo com essas emoções estranhas e se compraz mesmo quando submetido a situações deprimentes, angustiantes e de sofrimentos.

Insisto em dizer que esses argumentos não possuem embasamento científico, reflete a interpretação de quem experimenta essas sensações há muito tempo. O mais interessante consiste na diversidade das revelações, um universo de situações que não segue nenhum padrão lógico, nenhuma linha de pensamento, transita livremente por todas as esferas da imaginação, oscila do simples ao complexo, do conhecido ao improvável, do viável ao absurdo, do aceitável ao inconcebível, do verídico ao fantasioso.

Nas primeiras experiências, quando não conhecíamos o grau de comprometimento dessas alucinações, considerava que estávamos sendo conduzidos mentalmente a outra realidade, tínhamos a impressão de que seria uma viagem sem volta, atribuíamos a desajuste irreversível, que nos levaria à esquizofrenia ou loucura, mas depois lentamente essas impressões iam desaparecendo e tudo retornava à normalidade, uma realidade bem menos interessante. Como as manifestações divergiam, cada experiência gerava expectativa diferente, dando a impressão de agravamento. Não dominávamos o emocional, as incertezas geravam desespero que fazia

disparar os batimentos cardíacos, agravando o colapso mental e o medo de sucumbir.

Uma vez tentei explicar a um neurologista essas manifestações cerebrais, que estavam me levando à loucura. Disse-me não ter nenhuma explicação lógica para esses acontecimentos, mas poderiam ser encarados e aceitos como revoluções mentais próprias de pessoas que se submetem a cirurgia cerebral ou acidentes cranianos graves, que deixam sequelas, podendo variar da perda de funções motoras e mentais, gerando desajustes, convulsões, até ativação de funções múltiplas, ainda não identificadas em suas particularidades, precariamente registradas nos compêndios médicos, até ignoradas por profissionais da área, portanto pouco conhecidos seus fundamentos. Considerei compatível a justificativa. O que mais intriga nisso tudo é não saber de onde surge esse universo de informações. Talvez algum dia, as ciências neurológicas ou psicológicas encontrem as explicações e nos ajudem a compreender e nos forneçam as respostas.



A Primeira Experiência

ALGUMA COISA ME FAZIA PENSAR que fatos estranhos estavam acontecendo dentro de minha cabeça, pensamentos e desejos de realizar coisas inconsequentes afloravam o tempo todo, vontade de abandonar tudo, sair pelo mundo sem rumo, pôr em prática todas aquelas sugestões irresponsáveis, sentia-me invadido e dominado por uma personalidade poderosa com recursos que eu desconhecia. Sensação de felicidade e bem-estar me fazia pensar que poderia tudo, inclusive, tudo que eu não poderia. Morávamos em Iturama-MG, nessa época. Aconteceu minha primeira experiência transcendental.

Havia passado a noite toda sem dormir devido a distúrbios de natureza neurológica, minha mente era uma máquina pensante que não desligava, dava voltas e voltas. Nessa noite todos os registros dos acontecimen-

tos de minha atual existência vieram à tona. Como se minha vida regressa tivesse sido gravada em poderosa máquina cinematográfica. As recordações desfilavam automaticamente em ordem cronológica, como espectador acompanhava aquela sequência de reminiscências, sem compreender o que estava acontecendo comigo. Foi uma longa noite revivendo acontecimentos que julgava mortos e sepultados definitivamente, mas ressuscitavam como lembranças inesquecíveis que me acompanhariam para sempre. Levantei muito cedo, a casa estava pequena, precisava sair, ver coisas, desligar-me. Fui para o trabalho, cheguei à Agência do Banco, bati à porta, o guarda demorou um pouco para atender. Quando me viu, ficou olhando minha cara, muito desconfiado, pensando se devia abrir ou não a porta, o dia não tinha amanhecido direito, deviam ser menos de seis horas da manhã. Depois de um momento de indecisão, decidiu abrir, entrei e lhe disse uns desaforos, uma atitude incompatível com minha maneira de tratar as pessoas. Naquele dia estava preocupado em fazer um trabalho que nunca tinha feito antes, que considerava muito complexo, e não sabia nem por onde começar. Fui direto ao armário, peguei vários manuais de instruções, voltei a minha mesa, localizei o assunto, rapidamente li toda a instrução, entendi perfeitamente como executar o trabalho, em pouco tempo estava concluído. Fiquei surpreso com a facilidade com que resolvi o problema. Como não havia chegado nenhum outro funcionário, continuei lendo os manuais, cada vez mais me surpreendia com a facilidade e a simplicidade daquelas instruções. De-

finitivamente, minha mente tinha adquirido uma lucidez e euforia que não me pertenciam. Percebi que conforme o tempo passava tudo ficava mais transparente, minha capacidade de compreensão progredia a cada segundo, de repente senti os batimentos de meu coração cada vez mais acelerados, aquela taquicardia anormal começou a me preocupar, uma sensação estranha me induzia a pensar que estava na iminência de sofrer um infarto. Depois de um longo período naquela situação, não sabia o que fazer. Ao chegarem alguns colegas, relatei superficialmente o que estava acontecendo comigo, imediatamente perceberam e, devido a minha maneira estranha de expressar, levaram-me para um espaço reservado, sentei em uma cadeira, tomei um pouco de água. De repente percebi que os batimentos cardíacos começaram a desacelerar e sentir frio intenso. Nesse momento ouvi uma voz em meu inconsciente, que dizia: “Seu tempo está expirando, a lucidez é o reflexo de que a morte está próxima”. Fechei os olhos e fiquei ouvindo as batidas de meu coração cada vez mais espaçadas, até que cessaram completamente. Estava com os olhos fechados esperando a morte chegar, continuava lúcido, ouvindo a conversa dos colegas, que diziam: “Ele está pálido e gelado”. Como não morria, abri os olhos. Alguém disse: “Vamos ao hospital?” Eu disse: “Não”. “Então vamos até a farmácia, para aferir sua pressão?” Concordei.

Nesse meio tempo, enquanto fomos à farmácia, telefonaram para minha esposa. Quando ela chegou à farmácia, haviam medido a pressão, estava bem abaixo do normal, apesar do calor, sentia frio intenso

e tremia descontrolado. O farmacêutico sugeriu que fosse consultar um cardiologista para um parecer mais conclusivo. Minha esposa decidiu por mim, e concordou. Eu continuava alheio a tudo, minha mente superexcitada, tentava compreender aquela sensação desconhecida, meu pensamento viajava por outras esferas, em outra dimensão, tinha superado o medo de morrer, até o desejava, o mundo terreno estava insípido, insignificante, a preocupação daquelas pessoas não se justificava, eu estava no paraíso e todos ignoravam. Sentia-me privilegiado, especial, superior, imortal, talvez até tivesse morrido, mas não tinha certeza. Olhava para as pessoas e pensava: quero permanecer assim eternamente, vou abandonar tudo e todos, andar pelo mundo e não fazer mais nada, desfrutar desta felicidade para sempre. Entramos no carro, fomos até nossa casa, nos arrumamos, minha esposa decidiu que iríamos até Jales consultar o cardiologista. Saímos da cidade, tomamos a rodovia, quando começamos a viajar, senti que toda aquela sensação de euforia e satisfação ia me abandonando gradativamente, sentia a memória deixar escapar toda aquela sensação prazerosa que experimentava pela primeira vez, a mente límpida e visionária foi ficando embaçada como um nevoeiro espesso, estava retornando à realidade e readquirindo minha reles condição de simples mortal. Estava decepcionado, pensei que aquela felicidade seria permanente. Como seria minha vida agora? Senti uma irresistível vontade de chorar, de morrer de verdade. Minha vida não teria mais sentido depois de conhecer o paraíso.

⊕

Chegamos à casa de minha mãe, em Jales, estava inconformado, decidi que não iria ao cardiologista, definitivamente aquela maneira de ser não oferecia nenhum atrativo, desejava morrer, sentia-me envolvido num estado de depressão profunda, não desejava conversar, só queria entender o que tinha me acontecido, como pude deixar escapar aquela sensação que dava a minha vida sentido e satisfação nunca antes vivenciada. Só isso. Era tudo que necessitava saber, as outras coisas eram irrelevantes, não tinham nenhuma importância.

⊕

Nesse momento ignorava que uma nova fase se iniciaria para mim, que aquelas crises se repetiriam periodicamente, que seria levado a conhecer outros paraísos ainda mais complexos e interessantes. Que essas mesmas crises também me levariam a conhecer os submundos mais aterrorizantes imagináveis, em regiões que nunca antes tinha visitado. Na minha imaginação penso que descia às regiões do umbral, devido ser submetido às mais degradantes e apavorantes situações. Todas essas experiências no princípio eram verdadeiras despedidas da vida terrena, me conduziam até a fronteira do incompreensível onde me equilibrava sobre uma linha tênue que separava a vida e a morte. Em minha aflição permanecia aguardando o momento extremo, de repente uma força desconhecida me puxava de volta. Com o passar do tempo foram me fazendo compreender que nada aconteceria antes do instante preestabelecido. O melhor seria aceitar essas experiências com naturalidade e continuar vivo neste mundo de provas e expiações indefinidamente.

⊕



Lei do Progresso

QUANDO FALAMOS SOBRE A LEI do Progresso, a princípio nos vem a ideia do progresso material. O planeta Terra, através de milênios de civilizações consecutivas, atingiu um nível de progresso considerável, a transformação física efetuada pelo homem sobre a face do orbe é uma realidade, cidades suntuosas possuem estrutura para acomodar milhões de habitantes, oferecendo todos os recursos necessários para sua sobrevivência e manutenção, meios de locomoção suprimem as distâncias, seja por via terrestre, aérea, marítima, atende com eficiência quantidades de pessoas em todo o mundo, toda produção do planeta é transportada aos centros consumidores obedecendo a uma organização logística de alto nível, a facilidade proporcionada pelos meios de comunicação nos dá sensação de proximidade, descobertas científicas e tecnológicas facilitaram a vida do homem terreno, todas essas conquistas tiveram reflexos no modo de vida do homem moderno. Qualquer pessoa por mais insensata que seja tem a per-

cepção dos avanços que são introduzidos no mercado de consumo, a cada dia, novidades são anunciadas através dos meios de comunicação. As gerações dos aparelhos, em geral, se sucedem numa rapidez que não conseguimos acompanhar, uma demonstração explícita de que para a tecnologia não existem limites, a criatividade humana é inesgotável. As máquinas de produção evoluem na mesma velocidade e eficiência, a mão de obra humana, a cada dia, é menos requisitada, tornando-se facilmente substituível, com consequências imprevisíveis. Nada disso condenamos, esse é o reflexo da lei do progresso, necessária e imprescindível. O progresso material do orbe é um fato incontestável, e continuará prosperando e se aperfeiçoando indefinidamente. Como o homem tem capacidade de produzir e transformar, encontrará maneiras de se adaptar as suas próprias inovações.

Pretendemos agora refletir sobre o progresso da pessoa humana, a transformação que desperta o homem comum para a ingente necessidade de melhorar-se moralmente, a mesma lei do progresso, necessária e imprescindível também para a humanidade, caminha a passos lentos, quase imperceptíveis. Nós, seres humanos, temos dificuldade imensa em alterar nosso quadro mental, a velocidade de nossa evolução moral deixa muito a desejar. A razão dessa lentidão reside em nossa ignorância espiritual.

O próprio sistema religioso durante séculos ludibriou a humanidade com a prerrogativa de absolver o pecador de seu delito, oferecendo as benesses de um céu de

tranquilidade e ociosidade, barganhando uma penitência por um ou vários pecados. Muito conveniente para ambos, o primeiro investido do falso poder de absolver, o segundo lavando sua consciência sem reparar sua falta. O primeiro derogou todas as Leis Divinas, o segundo terá que resgatar suas dívidas em conformidade com a mesma Lei derogada.

Um dos grandes equívocos da humanidade é confundir a justiça dos homens com a justiça de Deus, o próprio sistema penal induz o infrator contumaz a pensar que depois de cumprir uma longa pena em uma prisão está quite com a justiça dos homens e de Deus. Vejamos: O homicida durante seu julgamento é defendido por um advogado auspicioso, capaz de comover e convencer um júri neutro que está cansado e indiferente à causa, recebe uma pena branda, dez anos de reclusão, mas como comportou-se decentemente na prisão, cumpre uma fração dessa pena, sete anos, e é posto em liberdade. Será que quitou seu débito com a justiça? Ele ceifou a vida de um pai de família de quarenta anos de idade, o motivo não nos interessa, ninguém tem o direito de tirar a vida de outrem, para as querelas sociais existe a justiça dos homens e a de Deus, esse cidadão deixou viúva com trinta e cinco anos, sem profissão, mãe de três filhos, com poucos recursos materiais. Deixou uma mãe com sessenta anos, um pai com sessenta e três anos e quatro irmãos, outros tantos parentes, e muitos amigos. Quantas pessoas ele vitimou? Definitivamente, por ora cumpriu uma formalidade da lei humana, ele não pagou sua dívida, mas com certeza ela será resga-

tada. As penas de morte e prisão perpétua, consideradas punições humanas extremas, que há muito deveriam ter sido abolidas da legislação terrena não eximem o réu de reparar sua falta perante os códigos superiores.

As leis humanas variam de um país para outro, são transitórias e imperfeitas, criadas por uma elite que desconhece profundamente os problemas da sociedade, mas são exímios conhecedores de seus interesses, sem mencionar que elas alcançam apenas uma pequena parcela de infratores, muitos são os subterfúgios usados para driblar essa legislação que nasceu contaminada. São, portanto, inconfiáveis, falhas e corruptíveis. Funcionam como paliativo, não fazem justiça, mas são necessárias, sem elas o caos se estabeleceria. O progresso da humanidade tem sua eficácia na aplicação da lei de justiça. Se ela for falha, o progresso moral é moroso, então o homem terreno dá prioridade ao seu progresso material e intelectual, em detrimento de seu progresso moral e espiritual.

Existe solução? Conheça a verdade, ela o libertará. Quando descobirmos que existem leis perfeitas, eternas, imutáveis, justas, incorruptíveis, que foram promulgadas por Deus, gravadas em nossa consciência, estamos, queiramos ou não, eternamente subordinados a elas. Quando as conhecemos e vivemos como preceituam, seremos menos infelizes.

Há de se considerar pela evolução material e intelectual da humanidade terrena que muitas práticas humanas condenáveis deveriam ter sido reduzidas drasticamente, até mesmo abolidas de nossa sociedade, a

exemplo de alguns países, como as guerras, os homicídios, o latrocínio, o aborto, o suicídio, principalmente os crimes que ceifam vidas. Enquanto o ser humano continuar eliminando seu semelhante revela explicitamente o quanto está mais próximo da animalidade do que da racionalidade, mesmo levando em conta seu elevado nível intelectual. *“A quem muito é dado, muito será cobrado.”* Com certeza deveria conhecer o preço que pagará por isso.

Quando todos os homens conhecerem e praticarem as Leis Divinas, as leis humanas se tornarão obsoletas e desnecessárias. Elas alcançam a todos, sem distinção, refletem a verdadeira justiça, a justiça de Deus.



Codificação de Mensagens

UMA NOITE TIVE UM SONHO muito estranho, em que eu era um soldado e estava em campo de batalha. Nosso batalhão estava sofrendo um ataque severo, atravessávamos um descampado, quando fomos surpreendidos pelo fogo inimigo. Os tiros de fuzis vinham de todas as direções, deitávamos nas fendas do terreno, como se fossem trincheiras naturais para nos protegernos, os projéteis sulcavam a terra próximo de onde estávamos deitados, não conseguíamos ver o inimigo. Quando o fogo cessava, levantávamos e corríamos alguns metros em direção a uma elevação que ficava na extremidade daquela área desprotegida, os tiros recomeçavam, atirávamos novamente nas crateras abertas no chão pelas explosões de bombas, ocorridas em ataques anteriores. A sensação angustiante e temerosa me afligia. Tudo era muito real, o medo de ser

atingido de morte era preocupação de todos. Nosso pelotão era composto de uns vinte soldados, portávamos armas e suprimentos, apesar do perigo iminente, ninguém tinha sido atingido. Mais alguns metros adiante chegaríamos à elevação rochosa e estaríamos protegidos. O fogo inimigo cessou por um instante, corremos e muitos se atiraram por trás da barreira de pedras, imediatamente começaram a atirar em direção de onde procedia o ataque, enquanto os demais também se protegiam.

Nossa posição agora era privilegiada, permitia que, andando por trás daquela proteção rochosa, escalássemos o terreno elevado, e nos possibilitava visualizar o campo onde se concentrava o inimigo. Quando perceberam que nossa posição oferecia perigo iminente, abandonaram suas posições, desistiram de atacar e desapareceram no matagal que ficava na sua retaguarda. O sol estava a pino, nesse momento consultei meu relógio de pulso, indicava meio-dia pontualmente.

Contornamos todo aquele terreno descampado, sempre protegidos pelo tapume de vegetação, até chegarmos ao lugar onde era ocupado pelos atiradores adversários. Uma clareira no meio dos arbustos revelava que se tratava de um acampamento abandonado às pressas, e muitos objetos foram deixados para trás: barracas, utensílios de cozinha, roupas militares, coturnos e algumas armas. Em uma barraca foram encontradas algumas mensagens que tinham sido recebidas via rádio. Cada uma delas estava transcrita em uma folha de papel, todas codificadas, abaixo trazia uma senha. Cada mensagem tinha uma senha

exclusiva, tornando quase impossível a decodificação para se descobrir seu teor. Eram informações preciosas, certamente revelariam o pensamento e as estratégias a serem incrementadas pelo inimigo, que diziam respeito ao conflito em curso. Mas como decodificá-las?

As mensagens consistiam em frases curtas, geralmente de quatro a sete palavras, uma salada de vogais e consoantes sem nexos, abaixo a senha, composta de números positivos e negativos, que era expressa assim: Senha= + 2, ou Senha= -3, ou Senha= + 18, ou Senha= - 13, ou Senha= + 25, e a data da comunicação não codificada.

A data de recepção dessas mensagens referia-se aos últimos cinco dias, sendo duas delas recebidas naquele mesmo dia, e diziam exatamente:

BCQMASNCJ W WPCW WQ -10: -2-2 FMPWQ Senha= +2
R DXDTZH DHUHR RFRUUHUD LRNH DV 48:33 LRUDV Senha= - 3

Passamos a estudar aquelas mensagens, tentando encontrar alguma pista lógica que nos levasse a interpretar aquelas informações. Muitas eram as conclusões, mas quando submetidas a um raciocínio mais racional, divergências surgiam e o elo lógico rompia-se, a ideia era descartada.

Copiei as mensagens daquele dia, afastei-me do grupo para pensar com privacidade, todos falando ao mesmo tempo ficava difícil raciocinar. Sentei-me à sombra de uma árvore, fiquei analisando as frases, definitivamente não encontrava nenhum sentido. Des-

cobri que a menor tinha cinco palavras e um número, a maior, sete palavras e um número estranho, separado ao meio por dois pontos, quanto às senhas nenhuma relação entre elas, uma negativa e outra positiva, era tudo. Por que teriam deixado para trás? Talvez propositadamente, pois sabiam que seria impossível decodificá-las. Nesse momento uma espécie de ausência dos sentidos foi me envolvendo, aquele silêncio foi rompido por uma voz que dizia: “Convença todos a se retirarem desse lugar, vocês caíram em uma emboscada, fujam para o interior da mata, escondam-se e não se mexam.” Então eu perguntei: “Como vou convencer se não consegui interpretar as mensagens?” “Diga a todos que na primeira mensagem, na menor, está escrito: ‘DESOCUPEM A ÁREA ÀS 12 HORAS’. Na maior está escrito: ‘O ATAQUE AÉREO OCORRERÁ HOJE ÀS 15 HORAS’. As mensagens foram deixadas propositadamente, para que ficassem concentrados tentando descobrir, facilitando o extermínio. Avie-se.”

Nesse momento me lembrei de que os inimigos abandonaram o local exatamente às 12 horas, em conformidade com o que instruí a primeira mensagem. Olhei para o relógio, faltavam quinze minutos para as 15 horas. Por dez minutos tentei convencê-los desesperadamente a abandonar aquele acampamento, que seríamos bombardeados por aviões, havia alguns minutos para nos escondermos no mato. Todos diziam que eu havia enlouquecido, não fazia sentido, o inimigo tinha fugido, não retornariam. Quando

percebi que o tempo estava se extinguindo e não convenceria ninguém, saí correndo em direção à barreira de pedras, onde nos refugiamos no princípio, me protegi deitado em uma espécie de fenda sob as pedras. Nesse mesmo instante ouvi o ronco dos motores dos aviões se aproximarem e uma chuva de projéteis varreu toda a extensão da área, em seguida outros aviões se aproximaram, sentia a terra tremer pelas explosões das bombas. Quando silenciou, saí rastejando debaixo da proteção de pedras, o cenário estava irreconhecível, dos arbustos restaram apenas pequenos troncos, soterrados pelas escavações que as bombas provocaram, todos foram trucidados e sepultados pela ação das explosões, não encontrei nenhum corpo.

Estava tão arrasado como aquele território revolvido, sentei-me desolado sobre um monturo de terra, fiquei olhando para aquelas mensagens codificadas em minhas mãos. Um pensamento despretenso me induziu a uma reflexão entre as letras e a senha da mensagem, e descobri automaticamente a solução do enigma, que correspondia exatamente à revelação daquela voz desconhecida. Senti uma emoção tão angustiante, um acesso de pranto me envolveu, chorei tanto que tinha a sensação de que toda a humanidade tinha sido exterminada, eu era o único sobrevivente, estava sozinho no mundo.

Naquele momento de extrema angústia e solidão, senti que estava retornando de um longo sonho. A sensação de veracidade era tão real, que minha mente conservou a lembrança daquela fórmula que permitia codificar mensagens e também decodificá-las.

FSZTSOT RFXZOSIW GXJSZFS Senha= -5

ANTONIO MARTINES BRENTAN

LWEZWZT XLCETWPD MCPWELW Senha= - 10 IDEM

PCIDCWD BPGIWCTUH QGTCIPC Senha= + 10 IDEM

Acima está escrita a mesma frase, “meu nome” codificado de três maneiras diferentes. Observe que a primeira palavra tem sete letras, a segunda, oito e a terceira, sete. São as mesmas palavras codificadas conforme a senha, decodificada obterá a mesma frase. Cada palavra pode ser codificada com centenas de formas diferentes. O mesmo processo, basta mudar a senha. Alguma coisa me fazia pensar que era um método nazista de codificar mensagens.

Três Pedidos

QUANDO MEU ESPÍRITO HABITAVA o plano espiritual, antes dessa encarnação, e o Ministério da Reencarnação planejava meu retorno ao plano físico, tendo em vista que meu espírito já havia perambulado por diversos setores daquela respeitável colônia de recuperação, sempre recebendo acompanhamento de orientadores comprometidos com meu progresso moral, mas por ter esgotado meu prazo de permanência naquelas paragens, sem expectativa de superar definitivamente minhas deficiências mais comprometedoras, fui convocado oficialmente a comparecer a uma breve reunião com uma grei de espíritos superiores. Entre muitos outros aspectos, explanaram a difícil situação de meu espírito, comprometido com dívidas pretéritas, vícios morais estacionados, sem perspectiva de reabilitação de curto prazo, por força de pendores de natureza comportamental, arraigados em encarnações sucessivas, desconhecedor e descumpridor das leis soberanas perfeitas e imutáveis que existem desde o princípio para ajudar toda a humanidade em sua ascensão espiritual, ignorava e direcionava sempre o livre-arbítrio

para satisfazer necessidades de cunho comprometedor, complicando cada vez mais o currículo que poderia proporcionar-me benesses para empreitadas menos sofríveis. Ou seja, meus créditos eram ínfimos, meus débitos intensos.

Como ato de misericórdia paternal, por ter reconhecido e aceitado como autênticos, os valores registrados em minha ficha pessoal, que mais parecia um dossiê, cômico da seriedade do trabalho escritural da Secretaria de Anotações, que segundo minhas recordações não deixaram de contabilizar nenhuma informação relevante, até mesmo ocorrências de somenos importância, concederam-me o direito de fazer três pedidos, seriam facilitadores que ajudariam a suportar os desafios que me esperavam no plano físico. Seriam analisados por essa plêiade de espíritos preparados para a função, imparciais, acima de qualquer suspeita, e o despacho deveria ser acatado sem contestação.

Como valorizaram a importância desses pedidos, senti que não estava preparado para formulá-los improvisadamente, pedi prazo de pelo menos um dia, teriam que ser bem estudados, analisados e ponderados, porque uma vez formalizados não tinha mais volta, afinal era tudo que podia contar a meu favor para auxiliar-me durante minha próxima existência. Meio a contragosto, concederam-me o prazo solicitado, a reunião foi encerrada. Deixei aquele local meio desorientado, resolvi me dirigir ao Departamento de Concentração, considerei esse ambiente propício para realizar uma reflexão profunda, que me inspirasse pedidos condizentes as minhas necessidades. Encontrei um ambiente espaçoso, além de confortável, que no momento

se encontrava praticamente lotado, com muitos espíritos como eu, buscando realizar um trabalho de meditação; apesar do contingente, o silêncio era absoluto.

Comecei analisando valores que me proporcionariam facilidades, porque as dificuldades, me anteciparam, seriam inevitáveis. O primeiro pedido ocorreu-me pedir saúde, pois uma pessoa doente não encontra disposição para as lutas cotidianas. Anotei como primeiro pedido no rascunho que levava comigo. Como as ideias não fluíam facilmente, decidi observar a multidão de espíritos, vi que muitos estavam em estado deplorável, uns estropiados, outros macambúzios, consequência dos excessos praticados, vidas desregradas, escolhas equivocadas, foi aí que percebi que uma pessoa necessita de um mínimo de inteligência. Como diz o velho ditado, *“Quem não tem inteligência, o espírito, juntamente com o corpo, padece.”*, considerei interessante esse pedido. Com inteligência podemos contornar os grandes problemas, sair de enrascadas e mesmo evitá-las. Decidi anotar “inteligência” como segundo pedido no rascunho. Ainda me restava um. Pensava: entre tantos imprescindíveis, tenho que caprichar nesse último. Comecei a escutar mentalmente as preocupações daqueles espíritos que estavam mais próximos, a preocupação do da direita era com a esposa, que ficara no plano físico, e a culpava pelos desatinos cometidos durante a última existência, a ingrata era responsável pela maioria de seus fracassos, se tivesse ajudado não estaria nesse estado lamentável, se analisava e justificava. Considerei sem muita importância essa preocupação, afinal, cada um tem o seu

próprio livre-arbítrio. Concentrei no da esquerda, coincidentemente também pensava no cônjuge, precisamente no marido que tinha ficado no mundo dos vivos, condenava-o em pensamento: o canalha me despachou e continua no bem-bom. Não era possível, muita coincidência. Passei a perscrutar outras mentes em sistemática concentração. Qual não foi minha indignação? O objeto de preocupação da maioria daqueles espíritos em reflexão residia nos cônjuges ausentes, que ficaram na retaguarda. A gama das razões consistia de motivos diversos e variados, por exemplo: pensão, traição, separação, violência, alcoolismo, abandono, indiferença, caprichos, incompatibilidade, rejeição, desprezo, homicídios, suicídios, entre outros. Todos inculcando ao companheiro ausente a responsabilidade pelo fracasso e pela desdita. Percebi que era um problema sério e alarmante, digno de reflexão bem fundamentada, não me constava nenhuma estatística terrena ou do plano espiritual informando essa calamidade coletiva. Perscrutei meu inconsciente à procura de fragmentos dessa natureza tão frequente. Uma mensagem cifrada me informava que pelo menos nas últimas três encarnações não havia me dado em matrimônio, possivelmente o motivo principal de meu comprometimento moral. Achei coerente tal preocupação, não esposava nenhum ressentimento neste sentido. Tinha que me resguardar dessa epidemia social, ou espiritual. Então, influenciado pela desdita daqueles espíritos inconformados, decidi que só me casaria se encontrasse a companheira perfeita, ou, pelo menos, aquela que suprisse minhas principais deficiências. Pensei

e concluí: casamento só se perfeito, escrevi por último no rascunho. Tinha concluído meu trabalho no Departamento de Concentração, só restava apresentá-los ao Conselho.

No outro dia, na mesma hora e local, a mesma equipe de especialistas me aguardava para análise dos pedidos e, conseqüentemente, o veredito. Entreguei ao chefe o rascunho que se encontrava meio amarrotado, esticou-o na mesa e leu, releu as três anotações, passou adiante aos demais membros do colegiado de escol, percebi quando realizaram uma conferência mental. Devido a minha baixa frequência, indicativo de inferioridade espiritual, não consegui captar nenhum detalhe da discussão. Passados alguns minutos o chefe se manifestou, perguntando: “Quem te ajudou nessas escolhas?” “Ninguém”, respondi tranquilamente e com segurança. Não acreditaram em mim. O chefe apertou um botão de sua mesa, no mesmo instante apareceu um Espírito que possuía recursos mediúnicos especiais. Após inteirar-se da situação, concentrou-se, fez um rastreamento mental envolvendo minhas últimas vinte e quatro horas e descobriu passo a passo como consegui formular os pedidos e, telepaticamente, passou a informação para a equipe. Olharam entre si, balançaram a cabeça negativamente, condenando meu procedimento, e o chefe disse: “Os três pedidos lhe serão concedidos, mas com ressalvas. Utilizou-se de metodologia ilícita à luz dos códigos espirituais, baseou-se em informações alheias, quando o correto seria consultar as de foro íntimo, porque é ali que se encontram armazenadas

todas as mazelas de seu pretérito comprometedor. Mas, como o tempo urge, o que está feito, está feito, vamos às ressalvas: SAÚDE, por ter se espelhado nas condições sofríveis de espíritos recalcitrantes nos excessos de toda ordem, principalmente no que concerne aos cuidados do corpo, uso de entorpecentes, alcoólicos, tabaco, orgias, etc., conviverá, pela mesma razão, com a presença ameaçadora de complicações orgânicas, que permanecerão gravadas indelevelmente no seu perísprito, submeter-se-á a intervenções para corrigir distorções, fará uso permanente de substâncias mantenedoras do equilíbrio das funções vitais. Se for vigilante e disciplinado, vencerá. INTELIGÊNCIA, somente a necessária, não obstante possuir uma bagagem considerável desse recurso, lhe será restringida, não estará preparado para administrar um cabedal maior desse patrimônio. Saiba que essa limitação é para seu próprio bem, observe seus erros e não reincida, observe os alheios e não os imite, copie os acertos de outrem, persevere naquilo que está dando certo. Aprendizagem é mérito pessoal, portanto terá somente o suficiente. CASAMENTO SÓ SE PERFEITO: existem, mas são raros. A maioria das uniões conjugais ocorrem por força das circunstâncias, pares mutuamente endividados e comprometidos por condutas inadequadas pedem nova oportunidade para equacionarem esses débitos, o que nem sempre conseguem. No seu caso, negligenciou para não errar, se comprometeu ainda mais, terá que procurar algures e alhures, que estarão no caminho, porém ocultos, vasculhará céus e terras. Se agir honestamente e com

sinceridade, no momento oportuno, reconhecerá. Como ninguém é perfeito, a perfeição se obterá juntando partes imperfeitas: se pobre em paciência, procure a paciência abundante; se rico em orgulho, sirva-se de humildade. Não se prenda à beleza, a flor é efêmera, a sinceridade está na consciência e nas ações. Encontrará e será menos infeliz. A felicidade completa não está na Terra. Procure não fracassar, isso gerará comprometimento que mais tarde, por força das leis soberanas, terá de ser reparado.”

Essas ressalvas foram escritas no verso do rascunho entregue por mim, e a mim devolvido. Achei que o poder de alcance de meus pedidos foi demasiadamente podado, teria que passar um dobrado para lograr algum êxito. Talvez a ideia de me refugiar no Departamento de Concentração tenha me prejudicado, mas o que estava feito, estava feito.



Conclusão

N ASCI EM UMA QUARTA-FEIRA, no dia 25 de abril do ano de 1956. Com poucos dias de vida, segundo minha mãe, travei uma luta ferrenha contra uma infecção na cabeça, causada pela presença de um parasita que inexplicavelmente ali se alojou. Graças aos conhecimentos medicinais de meu avô paterno, conseguiu combater o parasita com uma poderosa pasta a base de fumo de corda e urina. Como o bicho era muito resistente, quase morro primeiro. Como estava escrito que venceria, sobrevivi, e o parasita morreu. Depois desse episódio do parasita, não me consta que tive outro problema mais grave de saúde em minha infância, pelo contrário, fui sempre uma criança muito saudável. As complicações na saúde começaram a surgir após completar trinta anos. Por quatro anos convivi com fortes dores de cabeça, culminando com a descoberta de um tumor cerebral, que foi extirpado através de cirurgia, estava restabelecida minha saúde. Aos quarenta e seis anos sofri meu primeiro infarto, solucionado com uma angioplastia, desobstruindo três artérias comprometidas. Aos cinquenta e oito anos, meu segundo infarto, solucionado

através do mesmo procedimento, mais duas artérias desobstruídas. Desde a primeira cirurgia faço uso de medicamentos e frequento sistematicamente o cardiologista. Hoje posso dizer que desfruto de boa saúde.

Quanto à inteligência, nada mais do que a prevista, fui sempre igual aos de minha idade, gostava de observar meu pai em suas funções, desde pequeno gostava de ouvir histórias que meu avô paterno nos contava, quando nos visitava. Não tive dificuldades na escola, nunca fui o primeiro aluno da sala, porém nunca fui reprovado. Por força das circunstâncias, conclui os estudos que almejava depois de adulto, conciliando trabalho e estudo, sem muitas dificuldades. Na parte financeira, meu pai foi um excelente professor, ensinou-me através de seus exemplos a ser previdente, nunca me arrependi de ser econômico, nunca passei por necessidades.

Quanto ao sexo oposto, antes de ir para a escola eu já havia me apaixonado por uma menina mais velha que eu. Eram duas irmãs: a mais velha se chamava Elenir, o nome da mais nova era Maria Aparecida. Como frequentavam nossa casa esporadicamente, minhas irmãs elegeram a mais nova minha namorada, por ser mais condizente com minha idade. Apesar da conveniência, não aceitei a sugestão, devia ter uns cinco anos nessa época, disse que só namoraria se fosse com a Lenir, que devia ter uns sete anos. Começava assim minha longa busca, algures e alhures. Depois de ter vasculhado céus e terras, acredito que encontrei a pessoa certa: a Zara. Ao longo de quase quatro décadas temos completado juntos nossas múltiplas deficiências. Como a felicidade deste mundo não é completa, esperamos encontrá-la um dia no outro.

Novas Revelações

QUANDO PENSO QUE JÁ PASSEI por tudo, que doravante seria uma repetição de episódios vivenciados sob a ótica virtual do improvável, experimento situações novas que me remetem a universos ainda mais desconhecidos, que de certa forma ofuscam tudo que já me foi revelado, minha estrutura emocional sente-se frágil diante de tantas informações e situações. O velho questionamento insiste em perguntar de onde procede esse turbilhão de sensações novas, o que farei com tudo isso, por que me acontecem essas coisas, para que me servem essas visões irreais se não compreendo e cada vez mais me confundem. De certa forma me sinto envolvido e tudo isso também excita. Mergulhar nesse mundo abstrato é uma experiência que nos remete a sensações inéditas. Apesar de não encontrarmos

parâmetros para descrever sua essência, podemos dizer que é uma experiência que transcende o imaginável.

Um mundo supostamente existente, onde presenciemos acontecimentos miraculosos em que somos envolvidos, agimos e sentimos todas as sensações de prazer e sofrimentos que julgamos reais. As impressões ficam impregnadas em nossa lembrança, como os fatos ocorridos em nosso dia a dia, mas que sabemos que aconteceram em outra dimensão, em outra esfera, numa realidade que não podemos precisar onde se localiza, nem como devemos fazer para reencontrá-la, mas temos convicção de que estivemos lá, testemunhamos e participamos de acontecimentos, que em estado consciente não teríamos capacidade de realizar, por não condizerem com nosso modo de proceder e com nossa habilidade.

Nunca me encontro sozinho, muitos compartilham comigo essas aventuras indescritíveis, muitas vezes impróprias e absurdas. Sinto que são Espíritos comprometidos como o meu, que através dessas experiências estamos procurando solucionar pendências existenciais que de certa forma dificultam nossa evolução espiritual apenas no ambiente físico. Então necessitamos dessas experiências transcendentais. A maior parte deles desconhecemos. Nessas viagens vamos aonde nunca antes estivemos, a lugares muito estranhos. A diversidade de situações de certa forma nos fortalecem, nos sentimos unidos e protegidos, caso aconteça um transporte inesperado para regiões ignotas, muitos possuem recursos e sensibilidade que imagino particularmente

não dispor para sobreviver nesse mundo misterioso. Essa variedade de conhecimentos e recursos individuais funcionam como bússola a nos orientar. Sem essas presenças consoladoras, certamente extraviaríamos das rotas traçadas, nos perderíamos nesses novos caminhos e labirintos que sempre se revelam, então pactuamos percorrer sempre juntos por essas veredas do irreal. Uma união comprometedora nos mantém conscientes da necessidade de continuarmos nossa missão, que não poderá ser interrompida antes da conclusão. Necessitamos desta experiência evolutiva, apesar de muitos não terem necessidade de retornar, pois são habitantes dessas regiões e se encontram há mais tempo nessa empreitada, mas compartilham das mesmas deficiências, reconhecem minha humilde cooperação, funcionando como uma pequena alavanca que projeta entendimentos que muitos têm dificuldade de conciliar.



Mundo de Regeneração

E STUDANDO O ESPIRITISMO, constatamos que nosso mundo, através dos séculos, vem sofrendo mudanças perceptíveis. Essa transformação não se restringe às alterações realizadas sobre a estrutura da crosta terrestre. O homem, em sua busca incessante pela sobrevivência, para atender às necessidades de uma população que cresce exponencialmente, demograficamente, ocupando e explorando todos os espaços e recursos de nosso orbe, promove alterações que comprometem a integridade da natureza, que em seu estado primitivo oferecia todo seu potencial para sobrevivência dos seres existentes, sem alterar seu estado de harmonia e perfeição. Todas essas mudanças até certo ponto são justificáveis. O homem, um ser racional, que tem a necessidade de ganhar o seu pão com o suor de seu rosto, se desenvolve progressivamente, cria para si necessidades, na mesma proporção se multiplica o leque das atividades

humanas para se produzirem esses bens supostamente indispensáveis, digo supostamente, porque a vida poderia ser menos complicada.

O homem, esse ser gregário, em sua trajetória evolutiva, desbravando a formação primitiva do planeta, construiu estradas, pontes e cidades. A necessidade de sobrevivência induziu-o a produzir uma infinidade de produtos destinados a sua manutenção, a mesma necessidade levou-o a descobrir fontes de energias naturais e artificiais, explorando o subsolo, a força das águas e dos ventos, a energia do sol, fontes de energias inesgotáveis que sempre existiram e dormitaram latentes, usadas para impulsionar suas invenções, contribuindo e acelerando o progresso das coisas, tudo em nome de um progresso imprescindível e sem limites devido à demanda crescente, cada vez mais incisiva e sofisticada.

O orbe terrestre oferece a esse contingente humano, que nos dias atuais se aproxima de uma dezena de bilhões de seres, todo esse potencial de recursos naturais que entendemos inesgotáveis e é sistematicamente manipulado pela ação do homem. Através de sua inteligência e do trabalho incessante, inexplicavelmente, consegue abastecer-se de forma abundante ou precária, mas atende a todos, para que socialmente compartilhem das riquezas geradas, de acordo com sua capacidade produtiva e aquisitiva.

Através das épocas foram se desenvolvendo e aperfeiçoando racionalmente maneiras para aumentar a eficiência e a produtividade, permitindo atender a demanda que cresce progressivamente, a uma população mais numerosa e

exigente. A invenção de máquinas possibilitou substituir eficientemente o uso de ferramentas primitivas rudimentares e da força braçal e animal, usados durante longo período para realizar essas atividades produtivas. As máquinas industriais possibilitaram a produção em série, absorvendo a mão de obra operária, com expressivo ganho em produtividade. Diante destes facilitadores, a humanidade encontrou praticidade e tempo para se dedicar a atividades não relacionadas ao trabalho e à sobrevivência. Apesar de todo esse avanço tecnológico, a vida tornou-se complicada e competitiva, múltiplas são as maneiras que o ser humano encontrou para conduzir suas atividades e de certa forma contribuir com o todo, e a ingente necessidade de estar inserido, se instruir e conhecer as multiplicidades das coisas. Com a contribuição dos meios de comunicação que adentraram os lares através de aparelhos modernos, que nos informam em tempo real o que acontece em todas as regiões de nosso enorme planeta, que de repente tornou-se pequeno, coloca-nos à disposição variadas formas para nos comunicarmos instantaneamente em qualquer parte.

Durante séculos as civilizações se digladiaram motivados por objetivos diversos, pela posse, pelo poder, por ideais, pela religião, ou simplesmente para satisfazer seu instinto e o prazer da conquista e da dominação, fazendo prevalecer seu poderio econômico, demonstrando sua força e a eficiência de suas armas convencionais. O conhecimento tecnológico possibilitou desenvolver armas letais modernas, teleguiadas, com alcance intercontinental, munidas com substâncias nucleares, químicas e biológicas, com poder de destruição inimaginá-

vel, capazes de extinguir toda espécie de vida do planeta, tudo em nome de uma suposta segurança, na tentativa de se obter ordem, domínio, submissão de uma população impotente e subserviente. Paralelamente a esse arsenal oficial sofisticado, surgiram facções de grupos reacionários usando a máscara do terror, defendendo ideias absurdas, provocando esporadicamente atentados, contribuindo com a desestabilização da paz e harmonia social, acumulando milhares de vítimas inocentes.

Em contrapartida, outras tantas foram às descobertas das ciências, criando meios que facilitaram a vida: na saúde, na habitação, nos transportes, na comunicação, na educação, na segurança, no entretenimento, etc., melhorando supostamente nossa qualidade de vida, digo supostamente porque nem todos usufruem com a mesma intensidade dessas benesses, que é relativa, tudo gira em torno da capacidade aquisitiva de cada um.

Esse retrospecto tem o objetivo de fazer entender superficialmente como chegamos até os dias atuais, uma humanidade relativamente desenvolvida no aspecto intelectual, forjada sob a égide da força bruta, sobretudo desumana, agressiva, injusta, com seus valores viciados e corrompidos, desigual, sensual, corrupta e egoísta, privilegiando poucos em detrimento de muitos. Maldade, dor, sofrimento permeiam em abundância em todos os níveis sociais, em todas as partes do planeta. Tudo condizente com as características dos mundos da categoria de Provas e Expições, onde a ação do mal sobrepõe-se à do bem.

Da mesma forma que durante séculos nosso planeta foi agredido, violentado, vilipendiado, em sua formação

original, o homem, esse ser espiritual, que no princípio era completamente bruto, simples e ignorante, necessitou ser, por milênios, lapidado sistematicamente, sob a égide da barbárie, através de métodos desumanos, superando dificuldades em ambientes inóspitos e agressivos, subjugado por leis e governantes tirânicos, cerceado em sua liberdade e em seus direitos e necessidades mais elementares, tornando-se, através do tempo, um indivíduo embrutecido, materialista, possessivo, ignorante, orgulhoso e egoísta. O ato de viver e sobreviver tornou-se um desafio que exige muito esforço e determinação, os fracos e humildes explorados, dominados e escravizados, legalmente ou clandestinamente, tudo em nome de um progresso que privilegia a posse e o poder, em detrimento dos valores morais, intelectuais e fraternos.

A cultura da guerra entre as nações, considerada como um recurso legítimo e justificável, esteve presente em todas as épocas da humanidade. Esses conflitos projetam no poder comandantes déspotas e violentos, que legislam em benefício próprio e de grupos, perpetuando as dinastias, as monarquias, e tantas outras ditas democracias e tecnocracias que se sustentam sobre a força e a violência. A história da civilização foi escrita de guerras em guerras com tinta de sangue, prevalecendo sempre a lei do mais forte, do mais violento, do mais cruel.

Assim nosso mundo chegou ao ápice de sua categoria de Provas e Expições, e necessita urgentemente mudar sua trajetória evolutiva, ser elevado à categoria de Mundo de Regeneração. O primeiro passo: a população mundial precisa enxergar o perigo iminente que está vivenciando. Será que

os governantes das grandes potências têm essa consciência? Acredito que não. A indústria bélica não conhece crises, opera a todo vapor, continuam fabricando e desenvolvendo armas ainda mais poderosas. O estoque arsenal bélico dos países ricos tem capacidade de detonar o planeta várias vezes, podendo ser acionado simplesmente se alguns inconsequentes apertarem alguns botões, e tudo estará terminado.

Os nossos recursos naturais, como a água e o ar, encontram-se poluídos de forma preocupante, pois toneladas de dejetos orgânicos e químicos são despejados nos rios sem o devido tratamento na maioria dos países, em todos os minutos, comprometendo o abastecimento da população. O mesmo acontece com a atmosfera, a indústria e os automóveis, que lançam diariamente quantidades de gases nocivos, tornando-se um desafio a sobrevivência para a nossa e as próximas gerações em quase todo o planeta. Não obstante a humanidade ter conhecimento do perigo que essas práticas representam, continuam se acentuando a cada dia, numa escalada sem limites. A temperatura do planeta está aumentando, as calotas polares estão derretendo e diminuindo seu volume gradativamente, aumentando o nível dos oceanos.

A Regeneração não é uma utopia, é necessidade premente que a humanidade carece urgente, caso deseje continuar existindo. Não percebemos que esse problema é tratado com a prioridade e a urgência necessária, protelam-se iniciativas, sem disposição de assumirmos o ônus do desastre, todos alheios, ninguém se sente responsável. A gravidade do perigo aumenta na proporção da intensidade do problema.

A humanidade degradou parcialmente o planeta e a si mesma, e continua na mesma trajetória destrutiva. Será que temos vocação para consertar os danos causados? Eliminar todas as armas de destruição em massa. Despoluir as reservas de água. Melhorar a qualidade da atmosfera. Elegermos cidadãos honestos para administrar os recursos públicos. Abolirmos a corrupção pública e privada. Abolirmos os conflitos e as guerras. Erradicarmos, sistematicamente, a fome, a violência, o crime, o roubo, as drogas, a intolerância, o preconceito, a miséria, a desigualdade, a ingratidão, o abandono, a injustiça, a dor, o sofrimento, etc.

Somente após internalizarmos e praticarmos todos esses valores, quesitos necessários para sermos elevados na hierarquia dos mundos, conquistaremos a condição de Mundo Regenerado, uma condição intermediária, em que a prática do bem sobrepõe-se à do mal, em que aprendemos a amar nosso próximo como a nós mesmos. Daí, por muito tempo, preocupados em conquistar o status de Mundo Feliz, estaremos mais próximos da perfeição.

A Regeneração pressupõe conscientização de todos, mudança moral, responsabilidade, compromisso, posturas ainda não assumidas na proporção das necessidades que o problema exige.



Sonho Obscuro

A CORDEI, como sempre acontece, estava na escuridão de um sonho, particularmente neste sonho senti alguma coisa diferente, um silêncio de morte me envolvia naquela total falta de luz, faltava-me o sentido da visão, percebi que me encontrava completamente sozinho, tudo muito estranho, tateando no vazio, apenas o desconhecido e a desolação. Chamei por alguns nomes, companheiros de jornadas, nenhuma resposta, apenas silêncio ensurdecador, a ausência de companhia, preocupou-me mais que a falta de visão. Decidi procurar por alguém, mesmo na escuridão, meus passos incertos vagando sobre o terreno regular. Chamei novamente, nada, estava completamente perdido. A solidão talvez fosse motivo da falta de minha fonte de luz, guia para me orientar naquele ambiente desconhecido.

À medida que caminhava naquele mundo de sombras, sentia minhas forças se esvaírem, era também motivo da falta de minha fonte de energia, pois sozinho estava me extinguindo a cada passo, sentia-me fraco e incapaz. Mais

uns passos, senti as pernas fraquejarem, quedei imóvel. Nesse instante senti o contato de meu corpo com o solo frio. Percebia as batidas de meu coração cada vez mais fracas e esparsas, até que cessaram completamente, não tinha mais necessidade de respirar, continuava lúcido, analisando mentalmente, sem entender, aquele momento de incertezas. Lembrei-me de que a morte é um fenômeno que temos que encarar e aceitar solitariamente. Eu estava completamente sozinho. Transcorrido um período que não sei precisar, despertei, abri os olhos, vi diante de mim o movimento de muitas luzes que se cruzavam num espetáculo estonteante, era um jogo de luzes de todas as cores, não sei quanto tempo durou, a velocidade e os atritos desses raios coloridos aumentaram até o ponto que tudo se tornou um branco al-bino. Começaram a aparecer, quase imperceptíveis, imagens de pessoas vestidas de branco, que caminhavam em grupos, passavam por mim e não me percebiam caído na via pública, ou não queriam me perceber. Aos poucos tudo começou a se revelar nitidamente, andavam apressados como transeuntes das ruas de uma grande cidade.

Senti que aquela fonte de luzes gerava uma energia vital que ia me envolvendo, levantei com facilidade, estava completamente fortalecido e recuperado, comecei a andar entre a multidão em movimento, que se cruzava apressada, como quem soubesse aonde estava indo, somente eu andava a esmo sem rumo e destino. Resolvi perguntar alguma coisa aos viandantes, percebi que ignoravam minha presença, acho que não me viam nem me ouviam. Senti-me um espectro entre fantasmas. Como essas situações sempre

acontecem, não me desesperei, seria apenas mais uma de centenas de experiências irreais que estaria vivenciando, desenvolvi essa consciência, capacidade de controlar minha emoção sem desesperar. A minha maior preocupação era não saber precisamente minha real situação, se era um sonho passageiro ou desencarne definitivo, essa incerteza sempre me ocorre nessas situações. A lembrança da ausência de batimentos cardíacos e de respiração, detalhes que me faziam pensar e comportar como um espírito errante desperto em um mundo completamente nunca antes visitado. Sem dúvida, uma experiência surreal, mas que devemos aceitar porque está aquém de nosso livre-arbítrio.

Caminhava sem saber para onde ir, tudo a minha volta era desconhecido, porém interessante. Encontrava-me em uma cidade muito grande e moderna, dinâmica e agitada, edificações futuristas impecáveis. Trânsito intensivo de veículos coletivos, estranhos e rápidos. Agora andava com facilidade e rapidez, observava com curiosidade, cada cenário revelava uma novidade, a quantidade de pessoas andando impressionava, todos desconhecidos, vestiam-se impecavelmente de branco, com elegância e aprumo, homens e mulheres e muitos jovens, sozinhos ou acompanhados, dava impressão de que todos desfrutavam as mesmas condições sociais. Tudo muito limpo e organizado. As pessoas se comunicavam naturalmente, mas nem tudo que diziam, era compreensível. Como teria chegado até àquele lugar? Que mundo seria aquele? Era sem dúvida uma civilização muito adiantada e desenvolvida.

Andei por muito tempo por ruas intermináveis, todas rigorosamente urbanizadas, edificadas com esmero, intensamente povoadas, nunca tinha visto tantas pessoas em minha vida, um verdadeiro formigueiro humano. Apesar de não estar usando roupa branca, era imperceptível aos olhos daqueles seres, em nenhum momento fui esbarroado ou interpelado, me sentia invisível apesar de sentir, ouvir, ver tudo e a todos. Faltava-me alguma coisa, talvez um corpo físico visível para que me percebessem. Penetrava nas edificações ocupadas por muitas pessoas, sem nenhum impedimento, observava quantidades de objetos estranhos expostos em prateleiras e vitrines, espécies de lojas, supermercados, todos abarrotados de gente em movimento. Podia tocar os objetos sem nenhuma restrição, não sentia desejo em levá-los, não sabia precisamente para que serviam, não conhecia suas utilidades, exceto alguns que reconhecia como destinados à alimentação, mesmo assim não me interessavam, não sentia necessidade de alimentar-me, apesar da aparência saudável e cheiros agradáveis.

Entre em diversos veículos de transporte, todos sempre lotados, sem pagar nenhuma tarifa, tinha consciência de não possuir nenhuma moeda nos bolsos, não fui barrado nem importunado, viajávamos em altíssima velocidade por vias intermináveis, sempre por lugares desconhecidos, ora em regiões planas, outras acidentadas, ruas espaçosas e impecáveis, nenhum solavanco nem frenagens bruscas, tudo muito confortável e arejado. Com paradas rápidas de tempos em tempos, passageiros desembarcavam, outros entravam rapidamente sem

nenhuma dificuldade e ocupavam os assentos. Depois de muito viajar, chegamos ao ponto final, desembarcamos em um terminal muito grande e iluminado, praticamente dentro de uma espécie de shopping, uma infinidade de lojas compunha aquele conglomerado comercial.

Comecei a percorrer aquele labirinto de corredores que acessavam quantidades de pequenos estabelecimentos comerciais, asseados e abarrotados de mercadorias indescritíveis, não conseguia identificar a maioria delas. Entrei em uma espécie de livraria ou biblioteca, as prateleiras de livros se perdiam na imensidão dos corredores. A quantidade e a variedades de livros era inconcebível para minha imaginação limitada, letreiros luminosos orientavam sobre a disposição e o conteúdo das obras e suas finalidades. Como apreciador e leitor inveterado, lembrei-me do nome de um livro que há muito tempo venho procurando sem conseguir encontrá-lo. Aproximei-me de um funcionário daquele estabelecimento cultural com a finalidade de pedir informações sobre o livro que procurava. Depois de muito insistir percebi que seria inútil, definitivamente ele não percebia minha presença nem ouvia o que falava insistentemente, compreendi que era uma pessoa invisível e imperceptível. Depois de procurar por conta própria, sem sucesso, pelo livro desejado, resolvi abandonar aquele ambiente agradável. A título de curiosidade o livro que procurava se chamava “Amor Perfeito”. Oportunamente, pretendo tecer um comentário a respeito desse livro que me foi recomendado em um sonho interessante.

Entrei numa galeria onde estavam expostos milhares de objetos, que defini como sendo equipamentos ou aparelhos eletrônicos, não fazia a menor ideia da utilidade daquelas parafernálias. Aproximei-me de um atendente que explicava a um cliente as funções de um objeto misterioso, dizia ao comprador ou interessado que aquele era um aparelho multiúso, seu nome era Cisborelo, tinha vinte utilidades diferentes. À medida que manipulava um controle remoto, ele se transformava em outro objeto com forma completamente diferente da anterior e executava sua nova função. A cada comando, continuava se transformando sucessivamente. Aquela demonstração era demasiado complexa para meu entendimento precário. Pensava na possibilidade de que tudo aquilo poderia ser irreal, mas se fosse irreal, como seria possível estar vendo desenrolar diante de mim todos aqueles acontecimentos? Minha imaginação não teria capacidade para criar milhões de objetos e coisas diferentes e desconhecidas para que simplesmente as apreciasse. Milhares de pessoas em atividades, diferentes, todas vestidas uniformemente de branco, rigorosamente respeitosas umas com as outras, todas comportadas e ocupadas, demonstrando muita sobriedade e pressa. Onde eu estava? Que mundo seria aquele? Por que não me percebiam?

Depois de visitar outras repartições, deparei com uma espaçosa porta que dava acesso a uma escadaria, sem dificuldade venci quase uma centena de degraus. A parte alta da escada dava acesso a largo calçamento, apinhado de pedestres e, paralelamente, enorme avenida, por onde trafegavam grande quantidade de carros apressados. Con-

tinui caminhando, os cenários se alteravam naturalmente, apresentando as peculiaridades de uma metrópole, não tinha ideia de onde me encontrava nem como retornar ao ponto de partida, estava literalmente perdido desde o princípio, a cada momento mais me emaranhava naquele labirinto de ruas e edificações.

Depois de muito andar, sem passar duas vezes pelo mesmo lugar, pela primeira vez, deparei com uma paisagem diferente, era uma espécie de praça pública, extensa, toda gramada, muito limpa e arborizada. Nesse ambiente de descanso e passeio, sentei-me em um banco, notei a presença de muitas crianças e idosos, incomum nas ruas movimentadas. Analisava o comportamento daqueles anciãos, demonstravam tranquilidade e despreocupação, conversavam em grupos com lucidez em clima de jovialidade e respeito recíproco, enquanto crianças corriam monitoradas por acompanhantes em serviço de proteção. Grupos de matronas conversavam descontraídas, sorridentes, vestidas de branco, em trajes de passeio. Olhava aquele cenário bucólico, desejava profundamente conversar com aquelas pessoas, que aparentavam ser experientes, deixavam exalar conhecimento e sabedoria, certamente teriam muito a revelar. Gostaria de conhecer a intimidade daqueles seres que naturalmente deixavam transparecer elevado estágio de civilidade, passavam por mim em grande quantidade, mas ninguém percebia minha presença, sentado sozinho num banco da praça.

Aos poucos fui acometido de um sentimento de solidão acompanhado de imensa tristeza que invadiu

meu coração opresso. Perdi completamente a vontade de continuar caminhando por aquele ambiente urbano, intensamente povoado, me sentia excluído, sozinho e isolado, um desejo de evadir, desaparecer, foi me envolvendo, uma espécie de perturbação mental, povoada de miríades de imagens desconexas, embaçaram minha memória, senti-me arremetido através do espaço sideral, numa viagem solitária, dando a impressão que retornava ao ponto de partida. Quando retornei daquele sono profundo, ainda sentia uma forte impressão de tudo, abri os olhos assustado, percebi que me encontrava deitado em minha cama ao lado de minha esposa. Uma leve claridade se infiltrava pelas frestas da janela do quarto, o cantar dos galos anunciava que o dia estava amanhecendo, estava na hora de me levantar para um novo dia. Felizmente retornava de mais um de meus sonhos inexplicáveis, que poderia ser enquadrado no rol dos obscuros.

O Poder da Mente

O IDEAL SERIA VIVERMOS MUITAS vidas em uma única existência, mas como essa possibilidade é irreal, podemos utilizar o recurso do pensamento abstrato, criar fantasias virtuais, navegar em pensamento por regiões idealizadas inexistentes, desenrolarmos projetos de vidas prazerosas e de provações, onde os obstáculos da realidade não ofereciam impedimentos, poderíamos vivenciar tudo aquilo que desejamos, seríamos protagonistas de nosso próprio destino, manipularíamos os acontecimentos atendendo nossas fantasias mais absurdas e irrealizáveis. Passaríamos a desfrutar de situações que o mundo real não consegue nos oferecer, devido às convenções das leis de sociedade, normas cerceadoras que ditam aos seres os limites de suas ações, impõem regras, limitam os recursos materiais e financeiros necessários para obter o que se deseja. Burlaríamos com facilidade uma in-

finidade de obstáculos que infelizmente nos impedem de sermos e conseguirmos tudo que desejamos.

Descobri que esse mundo paradisíaco fictício existe, está inserido em nossa capacidade de sonhar. De posse dessas ideias, arregimentamos todos os elementos necessários e transportamos para o ambiente desejado onde possamos desenrolar os acontecimentos de acordo com nossas conveniências, tudo conforme desejamos. Passionalmente desempenharemos o papel de criadores ativos, conhecedores dos acontecimentos futuros que nós determinamos, nos colocaremos na posição principal desses acontecimentos, escolheremos os coadjuvantes desejados, que ao nosso lado representarão aquilo que idealizamos.

Parece difícil realizar esses exercícios mentais, mas, quando aprendemos a manipular essas ideias, torna-se uma atividade prazerosa, sentimo-nos donos de nós mesmos, a multiplicidade das situações vivenciadas amplia nosso universo de compreensão, descobrimos valores e reações íntimas desconhecidas. Descobrimos o quão ilimitado e interessante é nosso mundo de possibilidades, tornando possível vivenciarmos situações inusitadas, que somente em uma outra existência poderíamos quem sabe presenciar ou desfrutar.

Um mendigo maltrapilho, buscando sua sobrevivência nas latas de lixo, descomprometido com tudo e com todos, seu único objetivo é sobreviver, sua necessidade se resume no mínimo, essa quantidade lhe basta, o prazer do desconforto preenche suas aspirações, são realizações pessoais que lhe asseguram que está desempenhando seu

papel com toda dignidade e eficiência. Ser o mendigo número um, o mais carente de todos, concorrência gigantesca, teria que suportar sofrimentos e provações atroz, ser o menor entre os inferiores, capaz de suportar o desprezo e a indiferença dos mais humildes, e ainda sentir no íntimo um ser privilegiado, orgulhoso e arrogante, não merecedor da felicidade que esposa em seu íntimo. Seu objetivo, chegar à decrepitude, viver muito, suportar os piores sofrimentos, conquistar o grau máximo de resignação. Desconhecer qualquer sentimento de revolta, abdicar de qualquer sentimento de injustiça e direitos. Experimentar um final prolongado de dores e sofrimentos, não receber nenhuma espécie de socorro para aliviar seus padecimentos, sentir o escárnio das pessoas considerando-o um ser desprezível, inconveniente e indesejável.

Um inocente lançado no isolamento de um cárcere injustamente, sofrendo as mais torpes acusações sem poder defender-se, condenado à pena perpétua e inapelável, recebendo os tratamentos mais desumanos e ingratos, submetido às tarefas mais desgastantes e deprimentes, nutrindo-se de resíduos e rejeitos dos alimentos da dieta prisional. Ser obrigado a privar-se do mínimo, submeter-se a condições insalubres aviltantes, não contar com nenhuma voz a seu favor, todos lhe apontando o dedo pelo delito infame, não possuir nenhum argumento, nenhum álibi que levantasse a menor possibilidade de se descobrir a verdade. Considerar-se irremediavelmente esquecido e ignorado, assistir ao transcorrer das horas, dos dias, dos meses, dos anos, do restante de sua existência,

sem vislumbrar nenhuma perspectiva de mudança. Sentir-se sepultado vivo, na solidão de um cárcere infecto, até o momento da morte que o libertará. Durante uma longa existência de injustiça e sofrimentos, manter-se indiferente sem desenvolver nenhum sentimento de revolta, conservar-se alheio a toda incompreensão do mundo, e a cada dia fazer crescer em sua intimidade o sentimento de compaixão por todos os seus supostos algozes, sem nunca perder a esperança de que, acima de tudo, existe uma justiça infalível, que tardiamente reconhecerá o equívoco. Conseguir assim ser o último dos derradeiros.

Um jovem de vinte e cinco anos, muito inteligente, rico e apessoado, único herdeiro de um império de valores imorredouros, que passou a maior parte de sua vida sentado em bancos escolares até a conclusão dos estudos que o dotaria de recursos intelectuais necessários, para fazer frente aos desafios na condução progressiva à sobrevivência do negócio familiar. Ter a sua disposição todos os recursos materiais e financeiros imagináveis para lhe satisfazer todas as vontades, os desejos e os caprichos que a riqueza pode proporcionar. Amar apaixonadamente a pessoa mais linda e completa que a imaginação possa conceber e ser retribuído da mesma forma e intensidade a esse amor recíproco e verdadeiro, em que nenhum resquício de impedimento e objeção ameaçasse sua efetivação. Gozar incondicionalmente de mais elevado sentimento de apreciação e admiração. Ter consciência de sua responsabilidade frente ao conglomerado financeiro que representa arrimo de milhares de famílias de traba-

lhadores e um sem-número de fornecedores, um número ainda mais expressivo de consumidores, como uma âncora que proporciona segurança e equilíbrio a milhares de acionistas investidores, gerando estabilidade e progresso a diversas vertentes do complexo produtivo.

De repente descobrir ser portador de uma doença rara degenerativa, que em pouco tempo o transformará em um ser completamente amorfo e dependente, necessitando da ajuda de outrem para as mais insignificantes tarefas, condenado a uma vida contemplativa. Irremediavelmente condenado a encerrar repentinamente todos seus sonhos e aspirações.

Todas essas virtuais situações, que consideramos aparentemente impossíveis, mas que são perfeitamente vivenciadas, devido desconhecermos a multiplicidade de situações a que os seres estão sujeitos. Imaginamos bilhões de seres humanos de nosso mundo, cada um vivenciando sua história de vida, nenhuma igual à outra, cada um fazendo sua própria história de vida, cometendo erros e acertos, odiando e amando, sofrendo e gozando, poderíamos dizer muitos em condições de sofrimento extremo, muitos em situações supostamente privilegiadas.

A finalidade de narrar essas historinhas acima, digamos improváveis, reflete apenas a capacidade de nossa mente em criar situações, montar um mundo fictício e nele nos introduzirmos, adquirindo dessa forma alternativas para imaginarmos a realização uma vida diferente daquela que vivemos. Nossa mente tem a capacidade de nos proporcionar situações diversas. Concluímos que a história

de nossa vida real não é tão ruim como às vezes julgamos. Nossa vida somos nós mesmos que a construímos, é tudo aquilo que nossa capacidade de criar e realizar consegue nos proporcionar, possuímos o livre-arbítrio, que é a liberdade de decidirmos o melhor para nós. Agimos quase sempre de forma conservadora, evitando nos arriscar em experiências que poderiam trazer problemas e complicações, em detrimento do que gostaríamos de realizar. Se não fizemos mais e melhor, devemos considerar que temos nossas limitações e devemos respeitá-las, mas todos desejando sempre o melhor para si.

Acredito que o mais importante é termos nossa consciência tranquila de que tentamos fazer o nosso melhor, sem prejudicar nosso semelhante, de que sempre aprendemos e tiramos de cada situação uma aprendizagem que gradativamente nos modifica para melhor. O que mais nos interessa é o resultado dessa transformação. Se melhoramos, evoluímos, isso é o que conta. A maneira como isso aconteceu não importa. Uma coisa devemos ter sempre em mente: quanto mais nos afastamos de Deus, mais infelicidade encontramos.

Imagem Distorcida

QUANDO EU ESTAVA COM CINCO ou seis anos de idade, aconteceu de eu ir com meu pai até Santa Albertina, a cidade mais próxima de onde morávamos, exatamente no córrego do Schmidt, próximo do Rio Grande. Fomos de charrete, lembro que paramos do lado da casa de meu avô paterno, que ficava em uma esquina. Chegamos, adentramos pela entrada dos fundos, com intimidade de parentes muito próximos, e fomos muito bem recebidos pelo meu avô Manuel, que morava sozinho; minha avó Sterlina, nessa época, já havia falecido. Nessa enorme casa existia, na parte do fundo, imensa área de serviços, uma mesa grande com cadeiras, onde sentamos. Era de manhã, mais ou menos oito horas, meu avô serviu-nos café que ainda estava quente, acompanhado com pão francês, que ele havia buscado na padaria bem cedinho. Meu pai e meu avô começaram a conversar, o assunto não me dizia respeito, resolvi dar uma voltinha, le-

vantei da cadeira, comecei a andar em volta da casa, percebi que o portão da frente estava fechado apenas com o trinco, abri e saí na rua, decidi andar rua acima em direção ao centro da cidade, iria até a avenida principal e retornaria, não tinha como errar. Cheguei à avenida movimentada, o trânsito de automóveis nessa época era pequeno, as charretes e as carroças eram os veículos mais utilizados, decidi descer uma quadra, no meio da quadra existia a Loja Riachuelo. Em frente à loja havia um carro estacionado ao lado da calçada, era um Volkswagen (fusca) zero quilômetro que seria sorteado aos fregueses. Isso descobri devido haver um senhor com um megafone que ficava circulando o carro anunciando o sorteio para uma data próxima futura, convidando a população para realizar suas compras ao mesmo tempo que anunciava as promoções vantajosas.

Parei ao lado do carro, nesse momento vi refletido no vidro minha imagem, movimentei minha cabeça para ter certeza de que era eu mesmo que estava ali. A imagem obedeceu ao movimento, aproximei-me do vidro para ver melhor, pude ver com nitidez a figura de um menino todo sardento, com os cabelos cobrindo as orelhas e caídos sobre a testa, dei um leve sorriso e reconheci meus dentes frontais, aquela figura estranha efetivamente devia ser eu. Alguma coisa me fazia pensar que aquela imagem refletida estava muito diferente, não era exatamente como a minha, estava mudada, me recordava de outra maneira, me pareceu muito feia e esquisita, talvez fosse aquele vidro do carro que distorcia a imagem, me senti o ser mais desengonçado do mundo.

Afastei-me do carro, acostei na parede da loja e fiquei pensando. Em minha memória vinha outra imagem de mim mesmo, não tinha aquelas sardas no rosto e era mais aprumado. Eu não era aquele que apareceu no vidro, não poderia ser. Por outras vezes me aproximei do carro, me mirava nos vidros e na lata nova reluzente por outros ângulos, a mesma imagem estranha insistia em convencer-me de que deveria estar enganado, que era exatamente como aquela figura, que deveria memorizar aquela que seria minha nova fisionomia, senti pena de mim mesmo.

Decidi voltar para casa de meu avô, meu pai não poderia saber que tinha saído sozinho na rua. Quando cheguei ainda conversavam entretidos, nem deram pela minha ausência. Ao ver-me, meu pai levantou-se da cadeira encerrando o diálogo, disse ao meu avô: "Vou levar o Antoninho para cortar esse cabelo, está parecendo um jecá". Deixamos o Gaúcho com a charrete, amarrado na sombra de uma pequena árvore na rua ao lado da casa e fomos andando até a barbearia do Sr. "Orlando Barbeiro", que quando me viu também me estranhou, perguntou ao meu pai há quanto tempo não cortava os cabelos. Respondeu que devia fazer uns seis meses. Esperamos a minha vez, sentei na cadeira, a maquininha manual começou a despejar tufos e tufos de cabelos no chão. Quando terminou, aí é que eu estava diferente mesmo. Eu era literalmente outro moleque e continuava muito diferente e feio, então percebi que tinha crescido um pouco e minha aparência havia mudado para pior.

(Esse relato deveria ter colocado no livro “O tempo não apagou”. Como sempre me lembro desse episódio, como se fosse uma ideia fixa, resolvi escrevê-lo agora, quem sabe o esqueço para sempre).

O Espiritismo em Minha Vida

EXISTE UMA FRASE muito conhecida nos meios espíritas que diz: As pessoas chegam até as casas espíritas levadas por dois motivos muito verdadeiros: o primeiro é pelo amor, e o segundo, pela dor. Graças a Deus conheci uma pessoa que se simpatizava com essa doutrina desde menina, em sua família existiam muitas pessoas que frequentavam os centros espíritas, algumas delas dotadas com dons mediúnicos, inclusive ajudavam pessoas com problemas de natureza espiritual.

Por ser criado no catolicismo, até então sempre frequentei as igrejas católicas. Nos lugares onde residi sempre comparecia às missas aos domingos, juntamente com minha esposa que de certa forma também frequentava. Sempre insistia para que mudássemos de religião. Por ser uma pessoa muito cética, para dizer a verdade, eu não acreditava que essa doutrina possuíse tantas verdades que chegassem a mudar a vida de uma pessoa.

No ano de 1991, residia na cidade de São José do Rio Preto, quando foi diagnosticado um tumor cerebral. Fui submetido a uma cirurgia, tudo correu muito bem, porém após certo tempo começaram a aparecer algumas complicações, retornei ao médico, que me orientou sobre a necessidade do uso contínuo de anticonvulsivo, pois a cirurgia tinha deixado sequelas com as quais teria que conviver para sempre. O uso do medicamento não impedia que todos os meses as crises aparecessem, nessas ocasiões experimentava situações inexplicáveis, tinha sonhos perturbadores, acordava no meio da noite, assustado, arrepiado, não conseguia mais conciliar o sono, e cheguei a passar até três noites sem dormir. Aquela situação estava me levando à loucura. Quando a situação ficava desesperadora, minha esposa apelava para as primas dela em Barra do Garças, e através de orações e passes conseguiam amenizar a situação.

Convivi com essa situação por mais de dez anos. Com o tempo as crises tornaram-se mais intensas, os neurologistas não contornavam a situação, passei a fazer uso de mais medicamentos, sem resultado, por algumas vezes fui internado no hospital psiquiátrico Nosso Lar, de Campo Grande, as crises passavam, voltava ao normal, daí uns tempos tudo se repetia. Eu tinha um problema neurológico agravado por incômodos de natureza espiritual, fui orientado a fazer, paralelamente ao tratamento neurológico, tratamento espiritual. Como estava no fundo do poço, não restou outra saída, comecei a frequentar juntamente com minha esposa o Centro Espírita Discípulos de Jesus, em Campo Grande. Comecei a estudar as obras básicas

da doutrina e a frequentar a casa espírita. À medida que ia estudando, ia entendendo que todos aqueles sintomas que eu estava passando encontravam explicações nos ensinamentos contidos nas obras básicas codificadas por Alan Kardec. Aquele estudo foi me dando confiança para enfrentar a situação, pois já estava sem esperança.

Através dos ensinamentos da doutrina fui modificando meu modo de ver as coisas, mudando meu comportamento. Ninguém consegue compreender as coisas do dia para a noite, as conquistas são lentas. Como comecei a perceber alguma melhora, entendi que aquele caminho me conduziria à solução de meu problema, ou pelo menos amenizaria aqueles sintomas inexplicáveis. Com o passar do tempo adquirir confiança, quando as crises ocorriam, conseguíamos afastar com orações. Foi aumentando minha fé e passei a enfrentar sozinho, através da prece conseguia o controle da situação e continuava estudando. Quanto mais aprendia, mais necessidade sentia de conhecer a doutrina.

Nosso espírito é uma entidade individual que ao longo de muitas encarnações vem agregando valores e aprendizagens, que chamamos de evolução espiritual. Mas também ao longo dessas encarnações cometemos muitos equívocos, desagradamos muitos irmãos pelos caminhos, pela nossa ignorância espiritual, não praticamos a lei do perdão, não perdoamos nem somos perdoados por aqueles que prejudicamos; então, muitas dívidas não foram ressarcidas, e o plano físico é o ambiente perfeito onde devem ocorrer esses ajustes. Quando adquirimos consciência dessas verdades, reconhecemos a necessidade de realizar

mudanças no nosso modo de encarar as coisas e iniciamos nossa reforma íntima.

A primeira pessoa beneficiada com essa mudança somos nós mesmos, depois aqueles que nos são mais próximos. Podemos até pensar que não prejudicamos nossos familiares com nossa ignorância espiritual, afinal eles nos amam e nos aceitam como somos, sem percebermos que as pequenas ofensas e incompreensões vão calcificando ressentimentos que através do tempo se tornam irreversíveis. O que dizer daqueles mais distantes, que inconscientemente prejudicamos, e nunca reconhecemos que erramos, tornam-se nossos inimigos ocultos, muitas vezes gratuitos que nem imaginamos?!

Muitas vezes esses inimigos estão no outro plano existencial, e as leis Divinas permitem cobrar por sua vez tudo que fizemos sofrer no passado: é a lei de ação e reação, em ação. O mundo espiritual exerce influência em nossa vida mais do que imaginamos, por isso a necessidade de conhecer esse mundo misterioso, que se encontra codificado nas obras da doutrina espírita. Quando vivenciamos esses problemas, podemos enxergá-los claramente nas revelações dos espíritos superiores que orientaram a compilação dessas informações até então desconhecidas pelo vulgo. A partir desses conhecimentos adquiridos através das leituras, consegui compreender racionalmente esses acontecimentos que o leigo consideraria loucuras inexplicáveis, mas, como conhecemos as razões, encaramos como coisas normais da vida cotidiana.

Considerando que cada caso é um caso, podemos avaliar o motivo por que os consultórios psiquiátricos vivem sempre

lotados de pessoas buscando solução para seus problemas misteriosos, o mesmo acontecendo com os manicômios, onde uma infinidade de pessoas rotuladas como loucos ou doentes mentais, controladas pela ação de medicamentos psicotrópicos, que inibem os efeitos comportamentais dessas revelações espirituais indevidamente interpretadas. Digo isso por já ter frequentado esses lugares antes do conhecimento que adquiri. Apesar da necessidade de ainda fazer uso desses remédios, em alguns casos são indispensáveis durante toda a vida. Nessas condições se incluem muitos irmãos que por ignorância das leis Divinas decidem, por falta de esperança e orientação, pôr fim em suas existências pela via do suicídio enganador.

A morte é um denominador comum que nivela todos os seres vivos. Como se reveste de mistérios inexplicáveis à luz de muitas religiões que evitam estudá-la e, conseqüentemente, entendê-la, mas que inevitavelmente nos espera e nos alcançará com toda certeza, a prudência nos recomenda conhecê-la ao máximo possível. À medida que levantamos o véu das incertezas que nos impedem o entendimento, percebemos que um universo de verdades se torna evidente, o medo e a dúvida vão se dissipando à medida que aprofundamos nosso conhecimento. Um mistério deixa de ser mistério quando desvendamos as causas e as razões de sua existência, adquirimos confiança e a ótica de aceitação muda completamente.

O ser humano é vítima de sua própria ignorância, desconhecer a verdade nos torna frágeis e inseguros. Como disse JESUS, cegos conduzindo cegos, ambos cairão no abismo. Uma infinidade de inverdades e credices foi

repetida exaustivamente tornando-se guias falsos que emperram o entendimento da humanidade, o preconceito e o medo impedem as pessoas de procurar solução para suas incertezas. Não obstante os ensinamentos de JESUS, assistimos a uma humanidade recalitrante há dois milênios com dificuldade em interpretar e seguir seus ensinamentos. No espiritismo estudamos os evangelhos de JESUS, interpretados à luz da visão e do entendimento de espíritos evoluídos, desvencilhados dos enganos e interesses do mundo material, designados pelo plano superior para orientar e ajudar a humanidade em sua trajetória evolutiva para o bem, corroborando com a missão do Nazareno.

A reencarnação preconizada pela doutrina espírita esclarece uma infinidade de mistérios considerados insolúveis pela maioria das religiões refratárias, impossibilitando o entendimento dos desígnios de DEUS e da interpretação de Suas leis eternas e imutáveis. A comunicação dos espíritos é um fato incontestado em todas as épocas da humanidade, ignorar essa realidade nos tempos atuais demonstra no mínimo desinteresse pelo destino de seu próprio espírito após o desencarne, é negar sua existência.

A perfeição é um estágio que a humanidade terrena ainda levará muitas encarnações e muito tempo para atingir. Os espíritos de vanguarda, aqueles que se encontram mais adiantados em sua evolução espiritual, inevitavelmente num futuro não muito distante, terão que renascer em mundos mais adiantados que o nosso. Por sua vez, aqueles da retaguarda, espíritos recalitrantes no erro, que emperram e prejudicam o desenvolvimento da huma-

nidade com seus crimes e comportamentos hediondos, serão recambiados para mundos inferiores, onde as condições grosseiras primitivas se encarregarão de educá-los para a demorada ascensão espiritual. Essa é a lei que rege a humanidade e os mundos. Todo esse esquema seletivo purificador será administrado e conduzido pela esfera espiritual, por entidades responsáveis e comprometidas com os desígnios das leis eternas e soberanas do Criador.

A compreensão da pluralidade das existências e dos mundos habitados possibilita o entendimento racional de muitas interrogações, inerentes às diferenças e recursos individuais, tão perceptíveis entre os seres. O intercâmbio planetário é uma atividade atuante há muito, espíritos mais evoluídos transitam entre os mundos em missões temporárias, com a finalidade de alavancar e adiantar o desenvolvimento em todas as áreas da atividade humana, como nas ciências, nas artes, na educação.

O conteúdo das obras básicas que compõem a doutrina espírita esclarece racionalmente sem atritos e preconceitos os aspectos religiosos, científicos e filosóficos, vertentes distintas que compõem um manancial perene que o homem hodierno necessita, em vista de seu grau de compreensão e a gama dos conhecimentos disponibilizados para seu adiantamento intelectual, espiritual e moral, face ao atual estágio evolutivo dos habitantes do planeta, atingido com muito esforço e sofrimento dos bons espíritos dos dois planos de vida. As transformações são visíveis, perceptíveis para quem tem olhos de ver. Os escolhos responsáveis pelo surgimento de guerras,

morticínios, misérias múltiplas indizíveis serão alijados definitivamente da face de nosso orbe.

Amai-vos uns aos outros, ensinamento milenar que certamente ouvimos pelas diversas vezes que aqui estivemos, em estágios edificantes, que precariamente aproveitamos e praticamos. O ensinamento que ora a doutrina preconiza em caráter de urgência é “*Amai-vos uns aos outros, e instruí-vos*”, para que conheçam a verdade que os libertará dos equívocos.

O ser humano, apesar de sua racionalidade, traz impregnado em sua natureza espiritual uma dificuldade nata, seu quadro mental arquitetado através de milênios em reencarnações sucessivas rejeita sem averiguar fundamentos capazes de modificar o entendimento de certas verdades que afetam diretamente nosso progresso evolutivo. Comprazem-se na mesmice, ignorando as leis naturais que possibilitam enxergar o novo. O julgamento infundado, sem conhecimento de causa, é um obstáculo à aceitação racional do inquestionável. A dor e o sofrimento são algozes implacáveis que mobilizam o ser, a busca da solução oferece a oportunidade da descoberta, razão do aumento da população espírita. Como a descoberta é uma conquista pessoal, inerente a cada um, o máximo que posso aconselhar é que procure, persevere e encontre.

(Este relato *O Espiritismo em minha vida* foi extraído de meu primeiro trabalho, “O tempo não apagou”. Como reflete com fidelidade minha iniciação à doutrina espírita, considere importante aproveitá-lo).

Falando Ainda Sobre Espiritismo

AS MANIFESTAÇÕES ESPIRITUAIS se perdem na noite dos tempos, existiram em todas as épocas da humanidade, sempre foram entendidas como fenômenos sobrenaturais, atribuídos a uma categoria de seres desconhecidos de natureza malfazeja, cuja procedência estava aquém do entendimento humano, sobrenatural, que de alguma forma interferiam na vida de pessoas, causando malefícios de difícil solução. Como apenas conheciam os efeitos, acreditavam que a origem residia em esferas sobre-humanas. A ignorância incapaz de conceber entendimento racional sobre o assunto incutiu no imaginário da humanidade a existência de uma falange de entidades que seriam os responsáveis por essas manifestações. A esses seres supostamente existentes nesses moldes, atribuíram diversas denominações, como demônio, Lúcifer, diabo, satanás, etc.

Essa crença ganhou força através dos tempos, com o aval de religiões descompromissadas com a revelação de verdades, ou com propósitos que desconhecemos. Em nenhum momento pararam para investigar esses fenômenos e identificar de forma concreta sua natureza, desmistificando assim essa mentalidade primitiva ultrapassada, inconcebível depois da revelação dos ensinamentos contidos na codificação da doutrina dos espíritos, que contempla e esclarece racionalmente todas as interrogações que durante muito tempo permaneceram no campo do incompreensível, tal como milhares de descobertas efetuadas pela ciência e os recursos tecnológicos, em todos os ramos das atividades humanas, que antes não eram cogitadas nem nas esferas das possibilidades, e hoje fazem parte de nosso cotidiano.

Como essas manifestações incompreendidas aconteciam amiúde, em determinado momento um grupo de pessoas, investidas de sentimentos nobres e responsáveis, resolveram investigar a fundo esses fenômenos e identificar as causas. Esses fenômenos de natureza física consistiam em movimentos de objetos sólidos, sons de pancadas, sem a interferência de uma causa aparente. Descobriu-se que aconteciam com mais frequência na presença de determinadas pessoas, que forneciam condições naturais que viabilizavam a realização – a essas pessoas chamaram médiuns de efeitos físicos. À medida que as experiências prosseguiam, percebeu-se que essas pancadas respondiam de forma inteligente, respondendo sim ou não a certos questionamentos, a que chamaram de médiuns

de efeito inteligente. As comunicações foram evoluindo gradativamente, e uma variedade de mediunidades foi revelada. Essas pessoas dotadas de dons especiais foram e são utilizadas pelos espíritos para se comunicarem com o mundo físico, através da palavra e da escrita.

Todo ser racional, em algum momento em sua vida, deve ter deparado com interrogações sobre as razões de sua existência. Por que nascemos, desenvolvemos modos de vida tão diversos uns dos outros, comportamentos e filosofias de vida completamente diferentes. Em todo o mundo não existem duas pessoas idênticas em seu modo de pensar e ver as coisas. Cada ser é um universo particular único, em alguns momentos dessa longa existência passamos inevitavelmente por momentos e situações muito comuns a todos. O nascimento é um fato que nos coloca em situação de igualdade, pelas necessidades que nos são indispensáveis. Como recebemos atenção diferenciada nesses primeiros socorros, começa-se a desenvolver em nosso psiquismo registros próprios, que vão formando nosso histórico de vida.

Acontece que ao nascer já possuímos registros em nosso inconsciente de muitas existências já vivenciadas em encarnações anteriores, fornecidas pelo nosso espírito que sobreviveu e é acoplado ao novo corpo após a fecundação, num processo bem lento que ocorre durante a gestação. Esse vasto histórico de reminiscências pretéritas são armazenadas em compartimentos de regiões cerebrais inacessíveis em condições normais. À medida que desenvolvemos e nos deparamos com experiências

semelhantes aos conhecimentos que dormitam em estado latente, são emancipados gradativamente em forma de pensamentos que nos facilitam entendimentos, explicando assim as habilidades individuais natas.

Como cada pessoa tem sua bagagem própria de reminiscências adquiridas através de reencarnações sucessivas, de valores sentimentais, morais e intelectuais, agregados ao longo de existências, justifica-se a infinidade das diferenças individuais. Agimos e nos comportamos em conformidade com esses orientadores que determinam nossa personalidade exclusiva e governam nosso livre-arbítrio. Nos primeiros anos de nossa existência, nosso espírito experimenta um período de fragilidade e dependência muito grande, permite sem resistências que seja moldado facilmente, é a oportunidade que os pais têm de agregar valores que nortearão comportamentos que possam sedimentar sentimentos nobres que ajudarão o espírito a enfrentar pendores, provas e expiações pendentes de encarnações anteriores. Nesse período o espírito possui pouca preocupação e responsabilidade, as lembranças e influências do passado comprometedor não interferem na assimilação dessas novas verdades, possibilitando superar sem conflitos aquelas reminiscências adormecidas.

As obras básicas da Doutrina dos Espíritos, composta por cinco livros, a que chamamos “O Pentateuco”, mais especificamente o primeiro livro da codificação, “O Livro dos Espíritos”, composto de mais de mil perguntas e respostas, contempla todas as questões inerentes a nossa existência. Quem somos, de onde viemos, para onde

vamos. As Leis naturais ou Divinas, que regem todos os aspectos de nossas vidas. Esses ensinamentos procedem das esferas espirituais, ditados por Espíritos elevados, desvinculados de interesses terrenos, cujo objetivo é instruir a humanidade.

Um dos maiores equívocos da humanidade é formar conceito próprio sobre determinados assuntos sem se dar ao trabalho de analisar e conhecer os fundamentos. A ideia preconcebida sem conhecimento de causa impede de nos apropriarmos de conhecimentos que certamente permitiriam que enxergássemos os fatos de forma racional, como realmente são. A razão nos convence de verdades, a partir daí, aceitamos as coisas, as respostas permitem dissipar nossas dúvidas dando lugar às convicções.

Os ensinamentos de Jesus, relatados nos quatro evangelhos, obtidos através da mediunidade dos Apóstolos, lastreados nas palavras e exemplificação de Jesus durante Sua trajetória terrena representam o caminho, a verdade e a vida. Uma das páginas mais importantes dos ensinamentos de Deus à humanidade estão refletidos no Decálogo, recebido através da mediunidade de Moisés, diretamente de Deus no Monte Sinai, registrados no livro do Êxodo, no Velho Testamento. Esses mesmos mandamentos foram implicitamente corroborados através dos ensinamentos e das exemplificações de Jesus, durante sua trajetória messiânica, e por último ratificados em “O Livro dos Espíritos”, à luz de esclarecimentos mais reveladores, ditados por plêiades de Espíritos Superiores, denominado “Espírito de Verdade”, identificados por “Leis Morais”, fornecendo ao homem um manancial

perene dessas informações verdadeiras inquestionáveis, que, se observadas, facilitarão muito nosso entendimento e, conseqüentemente, nossa transformação para o bem. Justamente o que Deus espera de nós.

Um Pequeno Trabalho

O SENTIMENTO DE CARIDADE É um dom pessoal, não é um sentimento isolado, uma série de virtudes inatas do ser humano também se faz presente. Quem possui essas virtudes automaticamente deixa transparecer uma personalidade benevolente, dificilmente fica indiferente às dificuldades dos menos favorecidos, sente-se incomodado, na obrigação de fazer alguma coisa.

Quando nos mudamos para São Sebastião do Pontal, minha esposa, Zara, conhecia poucas pessoas, exceto os parentes e alguns conhecidos. Em Campo Grande (MS), participávamos de um grupo fraterno vinculado à casa espírita “Discípulos de Jesus”, éramos voluntários e colaborávamos nas atividades assistenciais em um bairro carente da capital, nas manhãs de domingo. Depois da mudança, no final do ano 2002, em poucos dias, Zara já havia visita-

do muitas casas do bairro Vila Santa Inês, sabia o nome de muitas pessoas e muitas crianças. Quando íamos à cidade, ia até o supermercado, comprava uns pacotes de bolachas e um saquinho de balinhas, e a pé se dirigia a Vila Inês, e por lá ficava horas. Em pouco tempo era conhecida de quase todas as crianças, e algumas a chamavam de “a mulher das bolachas”.

Depois de algum tempo, cultivamos uma horta, iniciou-se a preparação da sopa no sábado em nossa casa no sítio, à tarde íamos à cidade, até as casas e distribuíamos a sopa. Assim começava um trabalho tímido, todos esses trabalhos eram iniciativas dela, a única contribuição de minha parte era meu apoio incondicional, infelizmente meu espírito não conseguiu esse progresso, não possuo esse mesmo dom natural, procuro colaborar de outras maneiras sem forçar um atributo que ainda não adquiri.

Em algumas datas comemorativas, como no Natal e no Dia das Crianças, costumávamos doar alguns brinquedos para crianças mais carentes e realizar alguma festinha. Por mais de uma vez Zara percorreu a cidade, de casa em casa, distribuindo mensagens contra o suicídio e o aborto, um trabalho solitário que, aos olhos de muitos, pode ser considerado sem importância, mas Deus sabe a eficácia que obteve.

No final do ano de 2009, fomos procurados por Wilson Granella, genro do Sr. Salvador, conhecedor do trabalho que Zara realizava e da nossa condição de espíritas, e aventou-se a possibilidade de fundar uma casa espírita em São Sebastião do Pontal. Senhor Salvador ce-

deria o espaço que ao longo de muitos anos funcionou como bar, dissemos que poderia contar com nosso apoio. No dia 09/01/2010, inaugurava a Casa Espírita Alan Kardec, concomitantemente também foi criada a Associação Assistencial Maria de Nazaré, com finalidade assistencial e filantrópica. As primeiras pessoas que abraçaram as atividades da casa espírita, na época, foram: Zara, Deodato, Ueine, Hercília, Eu, Niltomar, Eder, D. Elsa, Sr. Rodolfo e outros.

A partir do momento que entrou em atividade a casa espírita, acionamos o pessoal da Casa Espírita São Vicente de Paula, de Paranaíba-MS, o apoio foi imediato e até hoje muito tem nos ajudado. É oportuno citar colaboradores, como Maristela e Ednilson, Guilherme e Eleusa, Barroso, Eloisa, Pablo, Gabriel, Luciano, Rose, Cláudio (*in memoriam*), Lídia, e tantos outros, inclusive de cidades vizinhas, que têm trazido suas mensagens e suas forças imprescindíveis. A todos somos eternamente agradecidos.

Com a mudança do Sr. Salvador e D. Aurora para Fernandópolis, o quartel general da sopa passou a ser na cozinha da casa, e as pessoas começaram a vir até ali para buscá-la nas manhãs de sábado, inclusive havia a presença de muitas crianças.

Depois do desencarne de dona Aurora e do senhor Salvador, adquirimos o imóvel das filhas, Valderes e Valdelice, com finalidade exclusiva de fazer ali perpetuar uma casa destinada a trabalhos espíritas e outras atividades afetas à doutrina. É oportuno registrar que possuímos e disponibilizamos nossa biblioteca com quase um milhei-

ro de obras de conteúdo espírita a todos aqueles que têm interesse em conhecer os mais variados seguimentos da doutrina.

Também gostaríamos de registrar o apoio que temos recebido do pessoal de Uberaba que comercializa verduras e há muito tempo fazem doação de verduras de qualidade para auxiliar na preparação da sopa. Somos eternamente agradecidos, temos convicção de que Deus os recompensará, pois temos conhecimento da dimensão da generosidade dessas pessoas. Por longo período, aos sábados, recebíamos cinquenta litros de leite, doados pelo laticínio local, Promilat, que eram repassados aos moradores carentes de nossa cidade. Em nome de todos os que foram beneficiados, agradecemos e sentimos profundamente que tenham decidido encerrar suas atividades neste domicílio.

Nossa Casa Espírita Alan Kardec é pequena, dispõe de um número reduzido de voluntários, não fazemos milagres, não realizamos curas. Podemos dizer que conduzimos uma pequena casa de orações, uma escola para as almas necessitadas como as nossas. Cumpre-me esclarecer que não é minha intenção exaltar o trabalho que Zara vem realizando há mais de uma década em nossa pequena cidade, pois o que ela faz, fala *per si*. Sem ela nada disso seria possível, ela representa o espírito da casa e desse pequeno grupo.

Volta ao Passado

S ENTI-ME ENVOLTO POR FORÇAS que me faziam girar em sentido anti-horário, em meio a um turbilhão de imagens e paisagens, que a custo captava como quem tenta identificar um lugar, olhando por uma pequena janela de um trem em alta velocidade. Tudo se passava muito rapidamente naquele emaranhado de miríades de imagens sucessivas, instintivamente percebia que estava retrocedendo no tempo. À medida que mergulhava em queda livre na direção de um passado longínquo, identificava certos cenários como lugares conhecidos, que em uma remota época certamente habitara e sem nenhuma dúvida agora reconhecia. Acontecimentos inerentes a cada um daqueles lugares afloravam na memória em *flashes* desconexos, aos poucos a velocidade daquele móvel estranho foi diminuindo, agora podia identificar com precisão aquelas paisagens que se mantiveram inalteradas depois de uma eternidade. O deslocamento lento me permitia visualizar os cenários cada vez mais próximos, percebia que estava chegando ao

fim daquela viagem que me deixaria em um lugar especial e circunscrito. Neste cenário se revelariam informações que meu espírito necessitava reviver, que me permitiriam compreender situações vivenciadas em época muito distante, quando tudo divergia de nossa realidade atual, mas que de certa forma ainda estava presente.

Sem compreender como ocorreu, o movimento do transporte misterioso cessou, aquele turbilhão de forças desvaneceu-se em forma de fumaça, me encontrava desembarcado em uma pequena cidade, a rua não possuía nenhuma espécie de calçamento, construções rústicas ocupavam os dois lados de uma única rua estreita e extensa, que pelas características de urbanização revelava o aspecto medieval. Havia sido transportado para um lugar que sobrevivera inalterado na imensidão dos tempos idos, que me transmitiam sensações próprias daquela época, como se fosse um de seus habitantes que estava de volta depois de um longo tempo, tudo se encontrava como tinha deixado e reconhecia como familiar aquele ambiente. Percebi que não me encontrava sozinho, muitas pessoas, minhas conhecidas, começaram a sair dos estabelecimentos e residências, vieram em minha direção, trajavam roupas pesadas, como nos velhos tempos, botas de couro de cano longo, muitos usavam barba, cabelos compridos cobertos por chapéus de couro, surrados e maltratados pelo intenso uso. À medida que se aproximavam, reconhecia-os como velhos conhecidos, meus companheiros de jornada e amigos de longa data. Cercaram-me examinando como se eu fosse um animal

exótico, ou um alienígena chegado de um planeta estranho, olhavam-me espantados e receosos, com ares de desconfiança e hostilidade. Minha roupa, meus sapatos e meus cabelos curtos destoavam completamente do modo como se apresentavam. Antes que surgisse um gesto de repúdio ou agressão, tomei a iniciativa de elucidar a estranheza, caminhei com os braços abertos na direção de um senhor, o mais idoso, que me conhecia desde que nasci, chamando-o com intimidade como sempre fazia por “tio Grego”, irmão mais velho de minha mãe, com quem sempre desfrutei de estreita amizade. Ele também me olhava de maneira desconfiada e, como não estava me reconhecendo, se afastava à medida que eu me aproximava para abraçá-lo. “Sou Frederico Cerva, o Fred, Sr. Gregório Vesgo.” Disse seu nome completo, com a finalidade de solucionar definitivamente aquela estranha recepção, poucos sabiam seu nome. Ao me ouvir pronunciar seu nome completo, imobilizou-se, nesse momento percebi que o círculo de curiosos se expandiu num movimento brusco, impulsionados por forças invisíveis. Abracei tio Grego, que me olhava espantado sem entender o que estava acontecendo, permanecemos abraçados por alguns instantes, agora no centro do círculo que se dilatava a cada momento. Olhou-me desconfiado, e disse: “Deve estar acontecendo algum engano. Qual é seu nome mesmo?” Respondi: “Sou seu sobrinho Frederico Cerva, o Fred do morro”. Percebi que ele empalideceu rapidamente, dando a impressão de que desabaria, segurei-o incontinente, ao tempo que seu filho, meu primo Jorge, que o

acompanhava, percebendo a desestabilidade emocional do pai, veio rapidamente em auxílio. Apoiado dos lados o conduzimos até um banco de madeira que existia em frente a um estabelecimento comercial. Depois de tomar um copo de água, sua cerviz foi readquirindo a cor normal, em meio a um sorriso forçado, completou: “Impossível! Vamos esclarecer essa história direito. Qual é seu nome de verdade?” “Eu sou Frederico Cerva, sou proprietário da fazenda do morro, sei que o senhor me conhece desde que nasci.” “Isso é heresia, pare com essa história” – disse-me sério, em tom severo. Olhei à minha volta, tive a impressão de que todos ratificavam aquele posicionamento com segurança, demonstrando unanimidade de opinião.

As pessoas se aproximaram menos receosas, querendo compreender aquele desencontro de informações, me olhavam desconfiadas, exigindo uma explicação convincente para elucidar a situação. Sentei-me no banco de madeira ao lado de tio Grego, olhei para todos à minha volta e perguntei: “Ninguém está me reconhecendo?” Todos balançaram a cabeça negativamente, confirmando que não era quem eu dizia ser. “Como, se conheço cada um de vocês há muito tempo?” Apontava a pessoa dizendo o seu nome, ou como era conhecido vulgarmente, com intimidade de conhecimento de longa data, e todos confirmavam minha identificação. Relacionava as pessoas, identificando entre si seus parentescos com extrema precisão. Pai, filho, irmão, cunhado, tio, avô, primo, vizinho. Enquanto fazia aquela demonstração explícita para provar que não estava mentindo, aproximou-se um

senhor de meia idade, identifiquei-o mentalmente como sendo meu irmão mais velho, Francisco. Pensei: agora tudo será esclarecido. Uma emoção, carregada de imensa saudade, fez-me explodir num grito de alegria, meu gesto e minhas lágrimas me impulsionaram em abraçá-lo comovidamente, instantaneamente perceberam que era uma prova inconteste que estava sendo sincero. Francisco Inácio Cerva era o irmão mais velho de Frederico Cerva.

Sem me reconhecer, nem entender o que estava acontecendo, meu irmão Francisco tentava desvencilhar-se de meu abraço emocionado. Percebi que todas aquelas pessoas se comoveram com a naturalidade de minha atitude e reconheciam autenticidade naquele gesto instintivo e espontâneo, apesar de não compreenderem como tudo aquilo era possível. Eu também não compreendia como meu próprio irmão tinha se comportado tão indiferente ao nosso reencontro, não esboçando nenhum gesto de emoção e alegria, face aos fortes laços fraternos que sempre nos uniu. Tio Grego, que continuava sentado no banco de madeira e tinha acompanhado na íntegra todo o desenrolar daquele novo acontecimento, era quem mais estava convencido de que presenciava um drama verídico e que carecia de uma explicação lógica, diante de tantas evidências que não deixavam margem para a possibilidade de uma fraude ou enganação.

Levantou-se do banco, colocou sua mão em meu ombro, disse-me em caráter de particularidade: “Vamos até minha casa, quero que me revele algumas coisas,

também tenho algo para lhe dizer que talvez não saiba. Começo a acreditar no que está falando.” Todos ouviram suas palavras, saímos na direção de sua casa, que eu sabia perfeitamente onde se localizava. Quando seu filho Jorge demonstrou querer seguir-nos, tio Grego lhe disse: “Não se preocupe, a conversa deve ser só entre nós dois”. Antes de nos distanciarmos do grupo, olhei para trás. Meu irmão Francisco se sentara no mesmo banco de madeira, estava cabisbaixo, triste e pensativo.

Chegamos a sua casa que ficava próxima de onde estávamos, entramos, ocupamos uma sala espaçosa, onde havia várias cadeiras confortáveis, sentamos frente a frente, ele iniciou a conversa, dizendo: “Você diz ser meu sobrinho, Frederico Cerva, ou Fred, proprietário da fazenda do morro. Gostaria que me dissesse como se faz para chegar a essa fazenda.” Respondi: “Vamos até lá, preciso saber como estão todas as coisas”. “Só me diga como se chega até lá!” A pequena cidade tinha apenas uma rua, uma extremidade sentido norte, outra sul. Achei estranha e desnecessária aquela revelação, mas, para não restar nenhuma dúvida, comecei descrevendo minuciosamente todo o itinerário do caminho que nos levaria do vilarejo até a fazenda do morro, de difícil acesso, que ficava a quarenta e dois quilômetros daquele povoado. Pega-se a estrada na direção norte, passando a ponte do rio Rochedo a cinco quilômetros, depois a estrada no sentido rio abaixo que margeia o rio por uns dez quilômetros, em seguida uma estrada à esquerda menos movimentada sentido norte atravessando uma espessa mata por mais sete quilômetros, chega-se

onde se localiza sua fazenda, onde mora seu filho Jorge, de onde já se pode avistar o morro que fica em minha propriedade no lado norte. Basta seguir a estrada quase em linha reta até o rio do Morro, mais vinte quilômetros. Minha propriedade, como o senhor sabe, começa no lado esquerdo do rio e termina na fralda do morro. Vamos até lá amanhã?”

Quando olhei para tio Grego, senti que acompanhava minha descrição como se estivéssemos percorrendo aqueles caminhos que conhecíamos como as palmas das nossas mãos. Estava com a cabeça baixa, um rosário de interrogações afligia seu espírito, que denotava necessidade de desabafar rapidamente verdades que não mais podiam esperar, tinha urgência em compartilhar o lado oculto da história que sentia que eu ignorava. Olhou-me nos olhos e começou dizendo: “Meu filho, tudo que você falou até agora condiz com a verdade, apenas uma peça não se encaixa nessa história toda: você não pode ser quem diz ser. Frederico Cerva faleceu há três anos, ajudei pessoalmente a sepultá-lo em nosso pequeno cemitério, que fica a menos de trezentos metros desta casa. ” “Como? Eu sou Frederico Cerva, estive ausente por uns tempos, não lembro precisamente onde estive, nem por quanto tempo, acho que percorrendo o mundo, porque lembranças de muitos lugares diferentes me vêm à cabeça sem saber exatamente por onde andei esse tempo todo. Lembro-me perfeitamente de tudo que me aconteceu nesse lugar” “Como você mesmo disse que te conheço desde que nasceu, é verdade, conheço a vida

de Frederico, como se fosse meu filho. Só que se meu sobrinho Frederico não tivesse morrido, estaria agora com vinte e cinco anos, enquanto você deve ter quase sessenta.” Achei graça daquela informação esdrúxula. “Então me ausentei por muito tempo? Preciso ir à fazenda do morro urgente, deve estar tudo abandonado.” “Vou te contar a história de Frederico Cerva, de quando o conheci, quando era uma criança recém-nascida, até o dia em que sofreu o acidente que interrompeu sua existência.” “Não me lembro de nenhum acidente” – intercedi convicto, e completei: “Ninguém melhor do que eu para contar minha história.” “Então pode começar, talvez possa esclarecer essa confusão que está começando a me deixar maluco.” Comecei a contar minha história de vida, elencando as informações mais relevantes, que provariam não ser um impostor, porque, diante de tantas dúvidas e incertezas, também começava a duvidar de mim mesmo, tinha urgência em dissipar tantas suspeitas injustificáveis. “Sou filho de Ignácio Frederico Cerva e Jovina de Jesus Cerva, sua irmã mais nova, que quando solteira se chamava Jovina de Jesus Vesgo. Nasci na fazenda do rochedo, que fica no rio Rochedo a dez quilômetros deste povoado, que pertencia ao meu finado pai, que morreu juntamente com minha mãe e minha irmã Joviana Maria Cerva, que tinha apenas treze anos, atingidos violentamente por um raio, dentro de nossa casa, exatamente no dia que eu e meu irmão Francisco Inácio tínhamos ido buscar um pequeno lote de bovinos que nosso pai havia adquirido de um vizinho. Eu tinha nessa época quinze anos e meu irmão, vinte e um

anos.” Olhei para tio Grego, mantinha a cabeça baixa entre as mãos, e parecia não acreditar no que estava ouvindo. Quando fiz essa pausa, ergueu a cabeça e fez um gesto que interpretei como procedentes minhas informações, continuei meu relato superficial. “Meu pai possuía duas propriedades, a que morávamos, a do rochedo, e outra maior no rio do morro. Depois da tragédia que dizimou nossa família, ficamos eu e meu irmão Francisco morando no rochedo. Depois de três anos, quando Francisco se casou com Madalena, decidimos de comum acordo que eu herdaria a fazenda do morro e me mudaria, ele continuaria na fazenda do rochedo com a esposa. À medida que a fazenda do morro fosse cercada e formada, iria buscar no rochedo parte do rebanho que ainda me pertencia.”

Nesse momento tio Grego fez um gesto com as mãos, e disse: “Deixe-me continuar a narrativa, para você concatenar melhor os acontecimentos”. Tomou a palavra, dando sequência em minha narrativa. “A fazenda do morro prosperava rapidamente, o jovem Frederico, com ajuda do irmão, arregimentou uma leva de famílias para acelerar a formação da fazenda, para dar suporte ao gado que aumentava no rochedo. Em pouco tempo, vinte por cento da área da fazenda do morro estava ocupada pelo gado de Frederico, e o trabalho continuava avançando ano a ano. Frederico se ocupava com o manejo de seu rebanho que na época já era bem numeroso e tinha a preocupação de conduzi-lo devidamente, com apoio e a colaboração do irmão mais velho, que o ajudava. Raramente Frederico se ausentava de suas terras, gostava

de caçar nas matas e pescar no rio do Morro, essa era sua vida. Um dia saiu para verificar o gado, montado em seu cavalo, como sempre fazia, acredita-se que, quando atravessava o ribeirão Lajeado, o cavalo derrapou e, ao cair, ele bateu fortemente a cabeça em uma pedra, seu corpo foi encontrado pelos moradores da fazenda do morro, sem vida, no local da queda. Francisco foi avisado na fazenda do rochedo, providenciou sistemática investigação, onde foi caracterizado o incidente sem sombra de dúvidas, devido às escoriações verificadas no animal que cavalgava. Seu corpo foi transportado de carroça até este povoado, com a participação de todos, foi sepultado no pequeno cemitério, junto de seu pai, sua mãe e irmã, e logo mais iremos até lá para que comprove pessoalmente o que estou lhe falando.”

Tudo que tio Grego narrou eu me lembrava perfeitamente, até o momento que estava atravessando o pequeno córrego, onde suas águas passavam sobre uma plataforma de pedras, que servia como ponto de passagem do gado, a caminho do mangueiro. Depois desse momento nada mais se encontrava registrado em minha memória. Tio Grego continuou sua narração.

– Depois desse acontecimento, meu sobrinho, Francisco Inácio Cerva nunca mais foi a mesma pessoa. Seu relacionamento com o único membro familiar de sangue era de pai, de mãe, de irmão, de amigo, de companheiros inseparáveis. Depois que ouviu dizer que moradores da fazenda do morro viram por várias vezes seu irmão cavalgando pelos pastos da fazenda e pescando no rio, decidiu

doar a parte da fazenda que estava formada aos moradores, aproximadamente vinte por cento, cercou o restante, uma das matas mais lindas da região que ocupa enorme área que vai do rio do Morro até a base da pequena montanha que limita a propriedade ao norte. Diz ser propriedade de Frederico e continuará sendo enquanto viver. Há três anos, Francisco perdeu o interesse por suas terras, sua fazenda se encontra em total abandono e se embriaga constantemente. Você tem alguma coisa a acrescentar nessa triste história?

Depois de ouvir essa parte da história que desconhecia, refletir por algum momento, disse:

– Com certeza. Concluí que em uma época, que aconteceu em algum momento de minha longa existência, eu fui Frederico Cerva, filho de Ignácio Frederico Cerva e Jovina de Jesus Cerva, tive dois irmãos, Francisco Inácio Cerva e Joviana Maria Cerva, sinto que a todos eu amei profundamente e os conservo vivos em minha lembrança. Apesar de estar aqui neste momento, um universo de reminiscências e lembranças afloram em minha memória, que permitem recordar confusamente de existências posteriores a essa, que me dão a certeza de que não mais pertencço a esse momento. Minhas roupas, meus sapatos e meu jeito de ser diferem demais do modo de viver dessas pessoas, uma intuição me diz que preciso retornar, devo pertencer a outro lugar localizado em outra época, que não sei exatamente onde.

Gostaria que dissesse a meu irmão, Francisco, que não necessito dessa propriedade, que dê a ela uma

destinação mais útil, que proporcione benefícios às pessoas e à localidade. Não posso mais usufruir dela, tenho certeza de que isso está atrapalhando minha trajetória existencial. Desejo imensamente que ele aceite todos os acontecimentos como fatalidades irreversíveis e retorne ao caminho anterior, pois a vida possui atrativos que desconhecemos, faz-se necessário que os encontremos.

Quando terminamos esse colóquio demorado e co-movente, percebemos que o sol declinava, arrefecendo o calor da tarde. “Vamos até o cemitério antes que o dia termine” – disse tio Grego. “Não é necessário, mas será engraçado visitar meu próprio túmulo depois de tanto tempo, conheci quando era apenas de meus pais. Como é de sua vontade, então vamos” – concordei.

Em poucos minutos adentramos um pequeno cemitério, que continha um número bem reduzido de túmulos, paramos em frente ao jazigo da família “Cerva”, na lápide estavam gravados nossos quatro nomes e as datas dos respectivos sepultamentos. Enquanto tio Gregório Vesgo olhava distraidamente para as inscrições esculpidas com capricho sobre a lápide, senti-me envolvido por uma força estranha, que me fazia girar em sentido horário, ao tempo que ia me sentindo ser deslocado verticalmente, uma sequência de imagens e lembranças desfilavam em velocidade cinematográfica, sentia a ampulheta do tempo girando como uma turbina e me aspirando de volta para o momento presente.

Conclusão

QUANDO DISSE QUE DEPOIS DE minha cirurgia em 1991, depois que ocorrem uns sintomas de natureza cerebral, vivencio sonhos que ora me remetem ao futuro, outros ao passado, dificilmente se reprisam, mas por muitas vezes andei procurando em sonhos por uma fazenda de minha propriedade, tinha certeza de sua existência, mas nem sempre conseguia encontrá-la. Lembrava que era exatamente como a fazenda do morro. Um rio muito bonito passava na parte baixa das terras, as pastagens bem cuidadas, com gado pastando, e extenso mato fechado, do lado esquerdo, no extremo norte, erguia-se uma pequena montanha coberta por espessa vegetação, de onde descia um pequeno riacho que cortava toda a propriedade. O leito deste riacho era revestido de pedras, formando poços de águas muito limpas, até se encontrar com um rio maior. Por muitas vezes me senti cavalgando no meio do gado nestas pastagens, também lembro que costumava pescar em sonho nesse rio que passava nos fundos da fazenda.

Sentia um vínculo muito forte que dizia que tudo aquilo me pertencia, tinha sempre o desejo e preocupação em estar ali, zelar daquele local. Sentia-me frustrado quando procurava durante o sonho e não encontrava, ficava com a impressão de que havia perdido tudo, de que não era mais dono de nada.

Depois desse sonho de volta ao passado, em que tive conhecimento de toda essa história, através desse senhor que se dizia meu tio, nunca mais vivenciei essa situação, libertei-me daquele sentimento de posse que me sugeria procurar e encontrar aquele lugar. Apesar dessa “viagem” ter acontecido há algum tempo, somente agora essas reminiscências se revelaram mais nítidas em minha lembrança, possibilitando-me escrever e ser fiel ao máximo à realidade do sonho.

Depois de muito ponderar a respeito dessas “viagens”, principalmente daquelas que acreditava estarem localizadas em uma época futura, concluí que essa possibilidade seria impossível. Essas visitas acontecem em mundos mais adiantados, onde o progresso material e a evolução espiritual já atingiram estágios de desenvolvimento que o nosso orbe levará algum tempo para conquistar. O tempo é uno em todo o universo, o passado aconteceu, o presente está acontecendo, o tempo futuro ainda acontecerá para todos.

Sonhos Enigmáticos

EM ALGUNS SONHOS ACONTECEM certas coisas que, por mais que nos esforcemos para encontrar uma explicação lógica para conceber, de como procedem e se desenrolam os acontecimentos, sentimo-nos incapazes de decifrar mistérios que estão aquém de nosso entendimento e de nosso poder de interpretação. A primeira dificuldade consiste em não nos lembrarmos integralmente de todos os detalhes quando acordamos, pois o mais leve movimento, principalmente da cabeça, é o suficiente para se perder parcela expressiva do conteúdo do sonho. Escapam-nos informações preciosas deixando lacunas, buracos negros impedem de reconstruirmos exatamente como aconteceu. Daí a dificuldade de se obter na íntegra, com precisão, o enredo e o roteiro das fases que compõem toda a história transcorrida. Então juntamos fragmentos de lembranças e montamos nossa versão, que geralmente se revela uma incógnita.

Antigamente existiam as pitonisas e os pítons, que eram pessoas que se diziam intérpretes de sonhos, ou adivinhos. Essas atividades acabaram sendo proibidas pela igreja nascente, tendo em vista a confirmação de práticas de extorsão e charlatanismo que ludibriavam a fé das pessoas, configurando-se crime. No entanto, a revelação bíblica relata o talento de José do Egito, que era exímio intérprete de sonhos. Quando estava preso em poder do Faraó, o seu poderoso dom contribuiu para evitar que ocorresse um colapso na produção de alimentos, mais precisamente no abastecimento. Ele interpretou um sonho do Faraó, de que ocorreria o flagelo de uma seca generalizada, por um período de sete anos. O Faraó acreditou e se preveniu para enfrentar a catástrofe, que se confirmou, evitando assim uma tragédia para a população de seu reino, culminando em sua libertação e ascensão política.

Ao longo de décadas tenho convivido com sonhos misteriosos, que se enquadrariam no rol dos enigmáticos. Ora sou elevado ao posto de pessoa muito importante, possuidor de vasto cabedal de recursos intelectuais, detentor de invejável poder de oratória, capaz de envolver e liderar multidões, com poderoso poder de convencimento, demonstrando segurança e autoridade. Logo depois, em outro sonho, vejo-me destituído de qualquer capacidade, na condição de reles mendigo, garimpando migalhas de pão em uma lata de lixo, envergando humildemente um corpo frágil, sofrido e maltratado, despido de qualquer sentimento de ambição e poder. Em outro realizo cálculos complicados,

solucionando questões com alto grau de complexidade, com recursos e facilidades que reconheço nunca ter possuído na presente existência. Noutros não consigo montar simples palavras, tarefa simples até para uma criança de seis anos, fico tentando ler alguma mensagem, sem conseguir descobrir o sentido, como se estivesse escrito em um idioma desconhecido.

Em um sonho consegui montar o motor de um avião com habilidade de profissional traquejado, verdadeiro prodígio para quem não tem nenhum conhecimento em mecânica, sem considerar que nunca vi um motor de avião em minha vida. Em um deles, me apresentava coberto de ouro, com colares, pulseiras e anéis que resplandiam ouro; no entanto, nunca apreciei joias para meu uso pessoal, verdadeira incompatibilidade. Também acontecem esporadicamente sonhos que me remetem à condição de um menino frágil e desprotegido, procurando desesperadamente por meus pais e irmãos, quase sempre em um cenário de guerra, devastado pela ação de combates fratricidas, como se estivéssemos sido separados irremediavelmente em condições trágicas e desesperadoras. Outras vezes a mesma situação se repete, mudando apenas o cenário, uma região desértica, caminhando solitário sobre a areia e debaixo de sol causticante, sempre em busca de entes desaparecidos.

Esses sonhos mais interessantes, com elevado grau de realismo e autenticidade, sempre ocorrem nas noites posteriores às crises cerebrais. Quase sempre tenho a impressão de ser outra pessoa.

Há muito tempo tive um sonho que se dizia revelador: se conseguisse me lembrar na íntegra, todos os seus detalhes, minha mente adquiriria a capacidade de lembrar sonhos, interpretar as mensagens; em contrapartida, obrigatoriamente, teria que respeitar e executar com fidelidade sua finalidade. Essa conquista estaria condicionada a uma série de merecimentos, aquisição de valores morais, capacidade emocional de administrar com sabedoria e discrição essas informações, “estritamente para fins: nobres, úteis e salutares”, conforme orientações implícitas no próprio sonho, não tirar proveito financeiro ou pessoal, não divulgar nem fazer alarde. Seria uma revelação de cunho pessoal, com caráter de confidencialidade. Caso prevaricasse com esses valores informativos, incorreria na suspensão imediata do atributo, com consequências morais devastadoras.

A primeira condição pressentia a necessidade de sete pessoas estarem dormindo na mesma casa – nem mais, nem menos. Esse contingente forneceria fluidos magnéticos que proporcionariam força mental na dosagem necessária, que permitiriam sustentar um padrão vibratório correspondente à energia despendida para realizar a sintonização com as fontes reveladoras, no meu entendimento, “espirituais”. Os sonhos fariam referências a sete celebridades de reconhecimento público, cada uma dessas personalidades teria alguma coisa em comum com sete pessoas comuns conhecidas; entre essas, quarenta e nove pessoas vinculadas por afinidade às celebridades; uma de cada grupo possuía uma característica em comum entre si, por exemplo, a mesma profissão. A revelação

desse sonho recairia sobre uma dessas sete pessoas que possuísse a mesma particularidade, com base em algum acontecimento de conhecimento público envolvendo uma dessas celebridades. Seria fácil identificar a pessoa objeto da razão daquele sonho, por evidências. Em conformidade com as informações, executaria as decisões e as orientações recebidas no sonho. Por exemplo, poderia ser orientado a ajudar, salvar, curar, proporcionar uma coisa boa, até mesmo evitar que acontecesse uma tragédia a essa pessoa, mesmo que no íntimo não desposasse nenhuma simpatia ou não tivesse nenhum relacionamento especial, ou mesmo se fosse uma pessoa indesejável, mas, por força do pacto, teria que executar na íntegra todas as instruções fornecidas através do sonho, sem medir nenhum esforço.

Na noite em que eu tive esse sonho, as regras e as condições apresentavam-se claras e facilmente executáveis, superestimando minha capacidade de lembrar, pois no momento minha mente desfrutava de uma lucidez ímpar, então pactuei mentalmente em sonho que aceitaria o desafio, tendo em vista o universo de revelações incompreendidas que recebo sem cessar, através de uma infinidade de sonhos, muitos deles complexos e intrigantes. Coincidentemente nesta noite estava na casa de minha sogra, éramos exatamente sete pessoas que dormiam sob o mesmo teto.

Depois desse primeiro sonho, experimentei outros pertencentes à mesma categoria, cada um deles se desenrola fornecendo os mesmos ingredientes, sete celebridades e um monte de pessoas minhas conhecidas,

inclusive muitos parentes, todos encarnados e próximos, mas na hora de montar o quebra-cabeça falta-me capacidade de lembrar, não consigo agregar as pessoas comuns à respectiva celebridade. Sete celebridades mais quarenta e nove simples mortais são cinquenta e seis pessoas, às vezes me lembro de quinze ou vinte. Não obstante ser raro dormirem sob o mesmo teto sete pessoas, muitas vezes sonhava com algumas celebridades, e muitos parentes e conhecidos. Durante o sonho consigo visualizar a relação entre elas, mas quando acordo os elos vão se separando e os personagens desaparecendo, apagando-se de minha memória misteriosamente. Apesar de fazer muito tempo que tive esse sonho, e por muitas vezes me senti envolvido em um emaranhado de informações, induzindo-me a decifrar esse enigma, acredito estar muito distante de reunir as qualidades necessárias para solucionar o problema. Sinto que, além de memória, necessito, principalmente, de valores morais, discernimento, sabedoria e muitas outras virtudes que me façam merecedor de lembrar e interpretar meus próprios sonhos.

Obsessão

O MUNDO ESPIRITUAL INTERFERE em nossa vida mais do que imaginamos, às vezes nos sugerindo bons pensamentos, isso quando sintonizamos com bons espíritos, principalmente nosso espírito protetor, ou anjo da guarda, como popularmente conhecido. Essa figura não é uma lenda ou crendice, é um fato, quem nos assegura sua existência e sua atuação são os próprios espíritos. Esses espíritos protetores estão investidos de responsabilidades sobre nós, quando percebem que estamos propensos a prevaricar, interferem em nosso pensamento alertando-nos sobre as consequências de nossas más atitudes. Como temos o livre-arbítrio, muitas vezes não atendemos suas sugestões e agimos por conta própria, contrariando sua vontade. Quando nos tornamos prevaricadores contumazes, nosso anjo protetor sente-se impotente e deixa de interferir em nossos maus pensamentos, pressentindo que não o ouviremos, então acaba por afastar-se envergonhado de nós.

Pergunta 490 (“O Livro dos Espíritos”): — *Que se deve entender por anjo guardião?*

Resposta: — *O Espírito protetor de uma ordem elevada.*

Pergunta 491 (“O Livro dos Espíritos”): — *Qual a missão do Espírito protetor?* Resposta: — *A de um pai sobre seus filhos: guiar seu protegido no bom caminho, ajudar com seus conselhos, consolar suas aflições, sustentar sua coragem nas provas da vida.*

Pergunta 497: — *O Espírito protetor pode deixar seu protegido à mercê de um Espírito que poderia lhe desejar o mal?* Resposta: — *Há união dos maus Espíritos para neutralizar a ação dos bons. Mas se o protegido quiser, ele dará toda a força ao seu bom Espírito. O bom Espírito talvez encontre uma boa vontade, alhures para ajudar; disto aproveita até seu retorno junto do seu protegido.*

Então perdemos sua proteção momentaneamente, abrimos precedente para um espírito nosso inimigo ocupar seu lugar. Como deseja que nossa vida se transforme em um pesadelo, sintoniza-se aos nossos maus pensamentos, dando-nos o maior apoio, sugerindo-nos ações ainda mais comprometedoras, facilitando o envolvimento de outras mentes também comprometidas com o erro, encorajando-nos a pôr em prática as ideias mais absurdas, que inevitavelmente nos trarão consequências. Dessa forma surgem as quadrilhas de ladrões e assassinos, todos sintonizados na mesma faixa vibratória, sustentados pela influência

de uma legião de maus espíritos que se comprazem com nossas condutas equivocadas. Essa convivência vibratória torna-se um vínculo tão forte que dificulta ao máximo a interferência de equipes de socorro quando solicitadas.

A mesma coisa acontece aos viciados, inconscientemente estão sintonizados com Espíritos também viciados, que de certa forma sustentam seus vícios através dos encarnados, tornando-se quase impossível que estes abandonem o vício.

Na pergunta 457 (“O Livro dos Espíritos”): — *Os Espíritos podem conhecer nossos mais secretos pensamentos?*

Resposta: — *Frequentemente, eles conhecem aquilo que quereríeis ocultar a vós mesmos, nem atos, nem pensamentos podem lhes ser dissimulados. – Nesse caso, pareceria mais fácil esconder uma coisa a uma pessoa viva que fazê-lo a essa mesma pessoa depois de sua morte?* Resposta: — *Certamente, e quando vos credes bem ocultos, tendes frequentemente uma multidão de Espíritos ao vosso lado, que vos veem.*

Na pergunta 465 (“O Livro dos Espíritos”): — *Com que objetivo os Espíritos imperfeitos nos compelem ao mal?*

Resposta: — *Para vos fazer sofrer como eles. – Isso faz diminuir seu sofrimento?* Resposta: — *Não, fazem por inveja de verem seres mais felizes.*

Muitas vezes o Espírito obsessivo se aproxima de sua vítima com um objetivo extremo, retirá-lo da vida física, não suporta ver seu algoz usufruindo de uma vida física, enquanto ele está na condição de Espírito sofredor. Como

não possui os meios para executar diretamente a tarefa, estuda todos os pendores de sua vítima, induzindo-o a executar aquela que tem possibilidade de provocar sua morte. Exemplos: A pessoa alimenta pensamentos suicidas, o obsesso dará todo seu apoio, fazendo lembrar constantemente que ali se encontra a solução para todos os seus problemas. O indivíduo tem um desafeto, então o induz através de sugestões que resolva aquela pendência provocando uma briga, que poderá terminar em morte.

Quando o obsedado descobre que está sob influência de um Espírito que pretende destruí-lo, procurará ajuda. As informações que receberá o farão mudar seu padrão vibratório, dificultando a sintonização. À medida que vai se libertando através de orações, bons pensamentos e mudança de atitudes, vai se desvinculando até interromper a sintonia. Isso não quer dizer que estará livre dele para sempre. Caso retorne à faixa vibratória anterior, ele poderá se aproximar novamente.

Daí a importância de nossa reforma íntima, abandonar pensamentos e comportamentos indignos, elevar nossa condição moral, instruir sobre as verdades do Espírito, praticar a caridade.

Como muitas pessoas, durante muito tempo, também cultivei ideia distorcida da Doutrina Espírita. A ignorância sem conhecimento de causa nos induz a criar um falso conceito sobre o assunto, inclusive comentários descabidos. Foi necessário um processo obsessivo complicado, para me levar pela dor. Conhecer o conteúdo desses ensinamentos, sem dúvida nenhuma foi

o acontecimento responsável pela minha transformação comportamental, diria até moral, possibilitando-me ser uma nova pessoa. Sem esses esclarecimentos certamente não estaria escrevendo essas experiências. Entendo que o inimigo que tinha o firme propósito de me destruir, de certa forma, conseguiu me salvar, e certamente também tirou algum proveito com minha aprendizagem, entendendo que para evoluirmos temos de implementar mudanças para o bem e abandonar os caminhos equivocados.



À Morte

A CREDITO QUE CADA PESSOA encara esse acontecimento de uma maneira diferente, mas que todo mundo, em algum momento, parou para refletir sobre ela. É um fato que inevitavelmente está em nosso caminho, e dele não podemos nos livrar. Todos os dias morrem pessoas, crianças, jovens, adultos e velhos. Ela nos escolhe aleatoriamente, um a um, somos abordados, o método dessa escolha é um mistério, nenhum raciocínio lógico explica seu modo operante. Nenhuma fórmula exata contempla os fatores que desencadeiam essas combinações reais, nenhum cálculo numérico, envolvendo datas, idades, inevitavelmente culmina em uma combinação definitiva. Então concluímos que cada um de nós é potencialmente candidato com as mesmas chances de se tornar o próximo a ser o escolhido, independente de idade e das condições de saúde.

Diante dessa conclusão inquestionável, cabe-nos direcionar alguns momentos de cada dia que conseguimos acumular no depósito de nossa existência para

meditarmos sobre a possibilidade que a cada momento estamos inevitavelmente caminhando em sua direção, conseqüentemente diminuindo o espaço de tempo que nos separa do fatídico encontro. Esse exercício diário deve ser feito naturalmente, sem nenhum sentimento de privilégio ou perseguição. O sentimento que devemos desenvolver em nosso íntimo, com relação a esse fato, é de estarmos espiritualmente preparados para o evento.

Como cada pessoa tem seu próprio histórico de reminiscências a esse respeito, quero confessar que desde pequeno esse assunto esteve presente em minha vida, um misto de medo e curiosidade me atraía para desvendar segredos que entendia insolúveis e inexplicáveis. O desconhecido nos oferece ideia distorcida da realidade, então fantasiámos conceitos absurdos que, ao invés de nos ajudar, comprometem ainda mais o entendimento.

A grande maioria das religiões, em vez de ajudar a esclarecer os mistérios que envolvem o espírito após o desencarne, encobre com um negro véu esse assunto, como se fosse um acontecimento que não temos direito de conhecer profundamente e em detalhes, como se essa realidade não estivesse em nosso caminho, que não é importante saber o que nos espera. E muitas vezes nos ensinam de maneira superficial que nossa alma, após a morte, tem a opção de três destinos: o céu, o inferno ou o purgatório.

O céu seria um lugar reservado aos bons, aos crentes, ambiente aprazível de gozos e tranquilidade, uma vez conquistado, lá permaneceríamos indeterminadamente

em estado de contemplação e ociosidade. Enquanto o inferno, um lugar mais espaçoso, destino das pessoas más, dos assassinos, dos ladrões, dos desonestos, dos velhacos de todos os matizes, essas almas estariam condenadas a se queimar eternamente, sofrendo dores atrozes e aflições indizíveis. O purgatório seria uma posição intermediária onde o indivíduo não estaria apto aos merecimentos do céu nem aos castigos do inferno. Convenhamos que esses conceitos são muito simplórios para refletirem, com riqueza de detalhes, tudo que realmente acontece depois de nosso desencarne. Essa interpretação é bastante primária, podendo até ser considerada infantil. Quando realizamos um estudo razoável, lastreado em fontes idôneas e confiáveis, sentimos que jogamos luz sobre o assunto, daí a necessidade de questionamentos mais profundos. Um leque de situações diversas nos leva a concluir que essa explicação não convence mais ninguém. O homem hodierno não mais se compraz com respostas evasivas, o assunto é muito sério e deve ser muito bem fundamentado. Afinal, pensa-se tanto no futuro, por que não no futuro de nosso espírito?

Quando me referi que esse tema “a morte” sempre esteve presente em minha vida, levando-me a sentir um misto de medo e curiosidade, é como se alguma coisa dissesse para me preparar, que inevitavelmente teria que enfrentar situações que me colocariam diretamente em contato com essa realidade.

A primeira experiência foi apavorante. Antigamente, na época de minha infância, existia a crendice de que

chupar manga e tomar leite era morte certa, eu e meus irmãos religiosamente seguíamos essa tradição. Um dia eu e meu irmão Carlito fomos até o sítio de meu tio Pedro. No córrego Sertãozinho, a quantidade de mangueiras de várias espécies era um exagero. Na companhia de nossa prima Rose, chupamos manga até o limite de nossa capacidade, chegamos de volta quase anoitecendo. Todas as noites antes de dormir era costume tomarmos um copo grande de leite, exceto nos dias em que chupávamos manga. Nessa noite inexplicavelmente nos esquecemos desse detalhe, lembrei-me uns vinte minutos depois, quando estava pegando no sono. Levantei da cama assustado e o escândalo que provoquei foi inesquecível, eu e meu irmão chorávamos alucinados dizendo que não queríamos morrer, nossa mãe tentava nos acalmar, dizendo que às vezes não acontecia nada, para nosso desespero. Na manhã seguinte acordei mais cedo que de costume, estava muito feliz por estar vivo e não ter sentido nada. Parece engraçado, se não fosse trágico.

Depois de cinco anos que me mudei para Jales, em 1988, comecei a sentir dores de cabeça que foram se intensificando com o tempo. Procurei um neurologista que, após analisar meu quadro, concluiu que estava sofrendo de enxaqueca, comecei a fazer uso de medicamentos para aliviar as dores e o mal-estar que me afligiam, percebi que o tratamento estava funcionando como um paliativo, coisas estranhas estavam acontecendo com minha visão, periodicamente tinha de substituir meus óculos, fortes dores de cabeça e nos olhos, aumentavam progressivamente a dose da medicação

para conseguir algum alívio. Segundo o médico, meu quadro estava evoluindo para labirintite, passei a ser dependente desses medicamentos, sem perspectiva de melhoras.

No início de 1991, mudamos para São José do Rio Preto, meu horário de trabalho passou a ser das 14 horas à meia-noite. Os remédios passaram a fazer parte de minha vida, fazia uso várias vezes ao dia, até que em agosto sofri uma convulsão enquanto dormia. Submetido a uma tomografia computadorizada, comprovou-se a existência de um tumor cerebral em adiantado estado de desenvolvimento, causa dos incômodos que me atormentavam há quatro anos. O neurocirurgião diagnosticou a necessidade de realizar a cirurgia imediatamente, era a única possibilidade de resolver o problema. Na época tinha trinta e cinco anos, três filhos pequenos, o mais velho com onze anos e o menor com sete.

Pela segunda vez, tive que encarar a iminente possibilidade que meu momento havia prematuramente chegado, apesar de o médico ter dito que a cirurgia não oferecia nenhum risco de morte, explicou-me que o tumor, apesar de grande, estava localizado em região de fácil acesso, argumentos confortadores, como os usados pela nossa mãe, que não impediam que o medo e as preocupações desaparecessem. Como não restava outra saída, coloquei-me nas mãos de Deus, seria de conformidade com Seus desígnios. Quando se chega a essa conclusão, descobrimos nossa fragilidade, adquirimos coragem e esperança, enfrentamos qualquer tipo de provação, inclusive a pior delas, a aceitação da morte.

A cirurgia resolveu o problema, mas deixou algumas sequelas que a partir de então foram se revelando gradativamente, a morte passou a ser uma realidade presente, cada crise que ocorria, experimentava sensações desesperadoras, como sendo a última. Como sobrevivia a essas revoluções cerebrais, fui adquirindo conhecimento de um universo de situações até então desconhecidas. Passei a fazer uso regular de medicamentos, mesmo assim não impediam que ocorressem.

A partir daí um universo de questionamentos começaram a acumular, esse depósito de interrogações aumentava a cada crise, senti que sozinho não tinha capacidade psicológica para assimilar tantas revelações misteriosas, necessitava de esclarecimentos que elucidassem e permitissem conviver com aquela nova realidade. Eu tinha um problema neurológico, que desencadeava em crise, acontecia com mais frequência durante o sono, uma espécie de revolução cerebral, que ocasionava intensa dor de cabeça. Depois que passava a dor, a mente ficava confusa, com dificuldade de assimilar as sensações, uma série de revelações estranhas à vida presente aflorava na lembrança, como se fosse remetido a outros mundos, a outras épocas, onde outra realidade era vivenciada, presenciava e participava de acontecimentos e situações como se fossem reais, deixando forte impressão, muitos pensamentos estranhos começavam a transitar involuntariamente, desvirtuando a concentração, ocasionando perturbações. Nas noites subsequentes tinha muita dificuldade em conciliar o sono, quanto mais

tempo permanecesse sem dormir, ficava mais perturbado, rememorando aquelas reminiscências, começava a ouvir vozes induzindo-me a atentar contra minha própria vida, sugerindo-me várias formas de autocídio. Quando conseguia dormir por alguns momentos, tinha sonhos perturbadores, acordava assustado e todo arrepiado. Depois de um longo tempo sem dormir, finalmente conseguia. Esse sono era povoado de sonhos muito estranhos, visitava muitos lugares desconhecidos, uns inóspitos e aterrorizantes, outros aprazíveis e paradisíacos, submetido a situações degradantes, outros como se estivesse no paraíso, desfrutando de uma felicidade desconhecida, se pudesse não mais retornaria à realidade. Às vezes na presença de pessoas conhecidas, vivas ou desencarnadas. Outros com pessoas alheias ao meu conhecimento. O realismo desses sonhos impressionava como se estivesse acontecendo realmente, fragmentos de lembranças inerentes a esses acontecimentos afloravam e desapareciam sucessivamente, impedindo que os interpretasse devidamente, misturando-se à realidade. Dando a impressão de estar perdendo o controle da realidade.

Existe uma lei natural denominada Lei do Progresso, que envolve todos os fatores de nossa vida, tudo evolui, a própria natureza evolui, a humanidade evolui, a religião necessariamente também evolui. Como a religião evolui? Fornecendo esclarecimentos, vivenciamos a era do espírito, hoje temos informações que esclarecem com detalhes muitas questões complexas, depois de esclarecidas deixam

de ser misteriosas. Um milagre deixa de ser milagre quando são reveladas as causas que explicam sua ocorrência. O mesmo acontece com os mistérios. O espiritismo traz no bojo de sua doutrina esclarecimentos diversos que elucidam de maneira racional os mais intrincados mistérios que outras religiões enxergam como fenômenos sobrenaturais, cuja natureza não pressupõe esclarecimentos nem entendimentos. Defensoras da teoria do céu, do inferno e do purgatório, ignoram e são refratárias das atividades espirituais, que incansavelmente desenvolvem trabalhos de orientação e ajudam a todo espírito necessitado de compreensão.

São exatamente os mortos que nos fornecem os esclarecimentos a respeito da morte, é um fenômeno natural inerente a todo ser vivo, que está subordinado a um ciclo temporário de existência no plano físico. Depois da desencarnação, o invólucro físico retorna à matéria, e o espírito, a parte inteligente, retorna à sua pátria de origem, onde permanece por um período variável, de acordo com suas necessidades. Quando se encontra em condições, retorna através do processo conhecido como reencarnação, para dar continuidade em sua marcha evolutiva, e assim sucessivamente. Como é essa pátria de origem? É o céu, o inferno e o purgatório, para quem prefere simplificar as coisas. Mas pra quem deseja ter outro entendimento, definiria como uma civilização espiritual, muito complexa, extremamente organizada, onde os direitos e os deveres são bem definidos e respeitados, e o espírito obediente e providente reconhece o quanto e

onde falhou, inevitavelmente responderá por esses delitos, e gradativamente começa a se redimir enquadrando-se na realidade espiritual, realizando a parte que lhe compete, compreendendo que acima dele existe um universo de forças a que inevitavelmente terá que se submeter, para dar continuidade em sua trajetória. Os insubordinados, por sua vez, farão o mesmo percurso, porém mais lentamente em regiões menos felizes, enfrentando maiores perturbações e sofrimentos, mas no momento oportuno também reconhecerão o tempo perdido, terão que se submeter às mesmas regras, comuns a todos. Conscientizam-se de que o mundo espiritual é governado por leis Divinas, perfeitas, imutáveis, invioláveis, incorruptíveis. Da mesma forma que no plano físico existem muitas moradas, no plano espiritual muitas são as moradas dos espíritos, que vão ascendendo gradativamente à medida que se regeneram e entendem sua situação.

Os espíritos revelam que o mundo físico onde vivemos é uma cópia imperfeita do mundo espiritual, a civilização humana está regida por leis humanas, imperfeitas, mutáveis de tempos em tempos, muitas vezes injustas, até mesmo ignoradas, que variam de um país para outro, de acordo com seu estágio evolutivo, suscetíveis aos vícios e aos desmandos que o poder material e temporal exerce, são falhas, frágeis e corruptíveis.

Conhecer todas as leis naturais, também conhecidas como leis Divinas, explicitadas uma a uma, em “O Livro dos Espíritos”, reveladas pelo *Espírito de Verdade* na co-

dificação da doutrina espírita, concebem entendimentos que nos permitem identificar a evolução espiritual da humanidade do orbe, apta a interpretar as mesmas verdades, ampliar sensivelmente a visão sobre os propósitos de Deus para com Sua criação, esclarece particularmente de forma racional. Quando estudamos essas leis, uma a uma, a ideia do sobrenatural não se sustenta e desaba, dá lugar a uma infinidade de conhecimentos, esclarecidos de forma incontestável. Possibilita-nos efetuar uma paridade de pensamento, entre o Decálogo, recebido de Deus, por Moisés, no Monte Sinai, relatado no Livro Êxodo, no Velho Testamento, e as mensagens de Jesus Cristo, contidas no Novo Testamento, reveladas nos Evangelhos de Marcos, Lucas, Mateus, João, e em Atos, deixado pelo apóstolo Paulo. O Pentateuco, representado pelas cinco obras da Revelação Espírita: “O livro dos Espíritos”, “O Evangelho Segundo o Spiritismo”, “O céu e o inferno”, “O livro dos médiuns” e “A gênese”. Os conteúdos dessas três revelações estão simetricamente alinhados, em nenhum ponto essas mensagens se contradizem, todo atrito que se avença é de natureza da interpretação humana, inapta a entendimentos desvinculados de interesses terrenos, mas cristalinos à luz da interpretação de espíritos evoluídos, designados pela esfera Divina, cujo único interesse é simplesmente a divulgação da verdade, que permite ao homem se libertar. Percebemos a profundidade de cada uma delas, estando diretamente condizentes com nível de entendimento da humanidade, nas respectivas épocas que ocorreram. Formam um todo que se completa, capazes de nos propor-

cionar todos os esclarecimentos que necessitamos. Todas as dúvidas desapareceram, velhos conceitos sofreram a ação da Lei do Progresso, deixaram de ser um mistério sobrenatural, o espiritismo retirou o véu das incertezas e das crendices.

“Conheça a verdade, ela vos libertará”. Quando adquirimos a consciência dos abusos e das arbitrariedades que determinadas religiões praticaram ou ainda estão praticando, que usam em benefício próprio muitos conceitos e dogmas religiosos, considerados absolutos e inquestionáveis, como a figura do inferno, das penas eternas, do diabo, de satanás, que foram criados com finalidade de intimidação, para obter obediência e respeito. Tantas outras indulgências que foram adotadas como poderes concedidos por Deus, delegando ao homem a autoridade de absolver pecados, excomungar, condenar, proibir, com a finalidade de demonstrar poder, e detentores das verdades absolutas. Tantos outros sacramentos, ditos Divinos, criados unicamente com a finalidade de expropriação, Deus outorga ao homem o direito de cobrar pelo ato do batismo, crisma, casamento, funeral? Verdadeiro comércio oficializado de coisas ditas sagradas. Religiões que exploram a fé pública descaradamente, formando verdadeiros impérios financeiros, prédios suntuosos, ditos casa de Deus, que têm como finalidade explorar e não esclarecer. Assim caminha a humanidade.

“Cegos conduzindo cegos, ambos cairão no abismo” (Mateus 15.14). Não obstante os esforços de emissários de Deus, como Moisés e Jesus Cristo, que trou-

xeram à humanidade mensagens balizadoras, verdadeiros manuais de orientação para que o homem percorresse através de caminhos seguros na direção de estágios evolutivos que lhe proporcionassem entendimentos, de conformidade com Seus propósitos, o ser humano desobediente e relapso, há séculos vem derrapando, negligenciando, até mesmo ignorando esses ensinamentos. As instituições religiosas que se intitulam outorgadas a transmitir a interpretação dessas mensagens, por sua vez trilha com dificuldades, cometendo derrapagens ainda mais comprometedoras. Preocupadas em fazer prevalecer a ideia de detentoras de verdades absolutas, omitem que a essas verdades foram incorporadas práticas viciosas, capazes de ludibriar e explorar seus fiéis, comprometidas exclusivamente com seus interesses, que lhes proporcionam falso status de legitimidade e grandeza, através do poderio econômico, em detrimento à nobre missão de esclarecer, orientar e ajudar.

Como essa filosofia através dos séculos foi ganhando força, a prática religiosa se utilizou da Lei do Progresso, no sentido de aprimoramento de seus métodos, através do profissionalismo e comércio religioso sistemático, intensivo e lucrativo, afastando-se dos preceitos doutrinários de Jesus Cristo. Sabedor das dificuldades que a humanidade teria para seguir seus ensinamentos, anteviu a necessidade de uma terceira revelação, quando o homem atingisse um nível de amadurecimento espiritual, intelectual e moral. Para receber essas verdades esclarecedoras e consoladoras, que seriam transmitidas através dos espíritos, profetizou:

“Se vós me amais, guardai os meus mandamentos; – e eu pedirei a meu Pai e ele vos enviará outro consolador, a fim de que permaneça eternamente convosco: o **Espírito de Verdade** que o mundo não pode receber, porque não o vê e não o conhece. Mas quanto a vós, o conhecereis porque permanecerá convosco e estará em vós. — Mas o consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar de tudo aquilo que eu vos tenha dito” (São João, 14:15-17 e 26).

Então no devido tempo Jesus cumpre sua promessa, e nos envia a terceira Revelação, através do Advento do Espírito de Verdade.

“Venho como antigamente, entre os filhos transviados de Israel, trazer a verdade e dissipar as trevas. Escutai-me. O Espiritismo, como antigamente minha palavra, deve lembrar aos incrédulos que acima deles reina a verdade imutável: o Deus bom, o Deus grande que faz germinar a planta e eleva as ondas. Revelei a doutrina Divina; eu, como um ceifeiro, reuni em feixes o bem esparso na Humanidade, e disse: ‘Vinde a mim, todos vós que sofreis!’

Mas os homens ingratos se desviaram do caminho reto e largo que conduz ao reino de meu Pai, nos ásperos e estreitos caminhos da impiedade. Meu pai não quer aniquilar a raça humana; quer que vos ajudando uns aos outros, mortos e vivos, quer dizer, mortos segundo a carne, porque a morte não existe, vos socorrais e que, não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a voz daqueles que não estão sobre a Terra se faça ouvir para vos proclamar: Orai e crede! Porque a

morte é a ressurreição, e a vida é a prova escolhida durante a qual vossas virtudes cultivadas devem crescer e se desenvolver como o cedro.

Homens fracos que compreendeis as trevas de vossas inteligências. Não afasteis o facho que a clemência divina coloca em vossas mãos para iluminar vosso caminho e vos conduzir, filhos perdidos, ao regaço de vosso Pai.

Estou muito tocado com vossas misérias, pela vossa imensa fraqueza, para não estender mão segura aos infelizes transviados que, vendo o céu, tombam no abismo do erro. Crede, amai, meditai as coisas que vos são reveladas; não misture o joio ao bom grão, as utopias às verdades.

Espíritas! Amai-vos, eis o primeiro ensinamento; instruí-vos, eis o segundo.”

Portanto, temos todas as respostas, todos os conhecimentos necessários que a humanidade se tornou digna em receber. À medida que seus valores morais e intelectuais se desenvolverem, elevando seu grau de civilidade e justiça, novos conhecimentos nos serão concedidos pelos espíritos mensageiros de Deus, conseqüentemente a transformação de nossa consciência e de nosso mundo. Tal como acontece no mundo espiritual, os retardatários demorarão mais a entender, mas em seu tempo serão arrastados pela força invisível das Leis Divinas a que todos obrigatoriamente estamos submetidos.

Hospital Psiquiátrico Nosso Lar

A FASE MAIS DIFÍCIL DE MINHA vida aconteceu na época em que fui transferido para Campo Grande, nessa ocasião minhas crises mentais eram constantes, cada crise se apresentava com particularidades diferentes, me sentia desorientado diante dessas variáveis incompreensíveis, nesses dias críticos tinha que conciliar essas alterações mentais com o trabalho complexo que executava, num ambiente novo, com pessoas estranhas, que não compreendiam as oscilações de meu comportamento, reagia de maneira incomum, tinha consciência desse modo estranho de agir, era um pedido de socorro que dizia: não estou bem, me ajudem pelo amor de Deus.

Apesar de fazer uso de medicamentos corretamente, acordava pela manhã com uma dor de cabeça intensa, tomava um sedativo e ia para o trabalho, durante todo

o dia aqueles pensamentos estranhos invadiam minha mente. Trabalhava no sétimo andar, olhava as janelas escancaradas, uma voz conhecida me convidava para um voo definitivo, que poria fim naquele estado de coisas. Eu desviava meu pensamento e imaginava meus filhos, minha esposa, minha mãe, uma espécie de alento me demovia daquele convite infeliz, concentrava-me no que estava fazendo, logo outra avalanche de pensamentos sugeria-me outras formas de resolver tudo facilmente.

Chegava a casa desanimado, não comentava nada, a vida perdia todo o sentido, me sentia deslocado da realidade, deitava sabendo que não conseguiria dormir, minha mente era uma máquina pensante que não desligava, dava voltas e voltas, as horas se arrastavam lentamente, o dia não amanhecia, sempre era assim, quem sabe na próxima noite, e o dia recomeçava com as mesmas dificuldades.

Lembro-me de que, numa dessas crises, havia passado três noites sem dormir, comecei a ouvir vozes que me diziam coisas incompreensíveis, que interpretava como sendo o prenúncio do fim, talvez fosse melhor assim. Minha esposa percebeu aquela ansiedade anormal, levou-me a um pronto-socorro, o médico plantonista se inteirou de minha situação e disse que resolveria o problema com uma simples injeção para dormir. Aplicou-me a injeção, deitei em uma cama, ele retornou em quinze minutos e nada. Resolveu aplicar outra um pouco mais forte, esperou meia hora, quando voltou foi recebido com um monte de desaforos e ofensas pessoais. Disse-lhe entre outras que não

ele entendia nada, queria voltar para casa, chamou os enfermeiros, com lençóis me amarraram os pés e as mãos na cama de metal, confabulou com minha esposa que estava ao meu lado, aplicou-me uma dose cavalara que seria a última. Eu forçava as amarras para me soltar, sem conseguir, minhas vistas foram se turvando, não vi mais nada.

Deviam ser dez horas da noite quando apaguei de vez. Como não tinha quarto para internação, por ser um pronto-socorro para atendimento emergencial, fui transferido de ambulância para o Hospital Psiquiátrico Nosso Lar. Não conhecia esse hospital, não me lembro de ter ouvido falar dele. Durante aquele sono profundo prolongado, aconteceu-me um fenômeno difícil de precisar como se classificaria: sonhei que tinha morrido, muitos foram os lugares em que estive na condição de visitante, sempre acompanhado por parentes desencarnados. Lembro perfeitamente que meu anfitrião foi meu tio Pedro, que faleceu no início dos anos 80, desfrutava de sua companhia com naturalidade, como se estivesse nas mesmas condições dele, conversávamos sobre assuntos afetos ao nosso entendimento, era como se estivéssemos nos encontrado depois de um longo tempo. Em nenhum momento passou pela minha cabeça que todas aquelas pessoas já haviam falecido, eu era um deles, agia como tal, demonstravam uma felicidade contagiante, uma espécie de alegria nos envolvia, era um lugar aprazível, a presença de meu pai, meus avós, parece que estive com eles muito tempo e conversamos intensamente, estivemos juntos em diversos lugares.

Nessa época já estava frequentando a Casa Espírita, tinha lido as obras básicas do espiritismo, codificadas por Alan Kardec, tinha lido também algumas obras de André Luiz, psicografadas por Francisco Cândido Xavier, inclusive o livro “Nosso Lar”. Meu conhecimento da doutrina era superficial, acredito que não influenciou em nada esse sonho. Quando acordei não percebi nenhuma mudança de ambiente, a impressão era tão real, que me sentia ainda envolvido. Abri os olhos procurando por aquelas pessoas, estava sozinho no quarto, era outra pessoa, a cabeça estava leve, todos aqueles acontecimentos estavam ainda presentes, analisei o quarto, não era o mesmo de antes, minha roupa era outra, um roupão estranho, sem nada por baixo, estava descalço, levantei da cama considerando ser um espírito que acorda depois da morte, abri a porta, o corredor imenso vazio, chegava o som de uma música suave, caminhei pelo corredor uns trinta metros, encontrei uma sala com algumas cadeiras confortáveis, tinha uma televisão ligada, só um rapaz na sala assistindo. Estava vestido como eu, me aproximei dele e perguntei que lugar era aquele onde estávamos, respondeu-me com naturalidade: “Aqui é o Hospital Nosso Lar”. Se eu tinha alguma dúvida, agora tinha certeza, tinha mesmo morrido. Agora, sim, as obras de André Luiz exerciam influência no meu modo de encarar aquela situação que teria que enfrentar, era uma realidade. Perguntei se fazia muito tempo que estava ali, me disse que fazia um mês, perguntei se sabia que também havia falecido, me olhou meio espantado, disse que não sabia, comeci a explicar que estávamos mortos e devía-

mos estar no hospital para recuperação. Disse com tanta convicção, notei que o rapaz ficou em dúvida, me olhando desconfiado. Observei que havia uma mesa no canto da sala, sobre ela tinha uns jornais, vi que eram de Campo Grande, achei muito estranho, agora a dúvida era minha.

Voltei para o quarto, me deitei na cama, fiquei por algum tempo pensando, fazendo uma retrospectiva, o que significava tudo aquilo. Aquela transição tinha sido tão confortável, estava me sentindo tão bem, aquela paz e bem-estar me envolvia a tal ponto que ainda não tinha parado para pensar em tudo que havia deixado para trás. Minha preocupação era conhecer primeiro aquele mundo desconhecido, certificar-me se haveria um lugar tranquilo para mim, finalmente estava livre daquelas perturbações mundanas que há tanto tempo me acompanhavam. Acredito que não era egoísmo de minha parte, teria que pensar em mim. Se realmente estivesse morto, nada poderia mais fazer aos que ficaram no mundo dos vivos, não tinha noção do tempo passado, aquele acontecimento para mim havia durado uma eternidade, talvez a família também já estivesse superando a dor da perda. A urgência era descobrir com certeza absoluta minha real situação, depois me informaria sobre as outras preocupações, era questão de prioridade, devemos ser práticos nesses momentos cruciais. Tudo isso são reflexos do medo da morte, ela sempre nos foi apresentada como um inimigo poderoso, que nos subjuga e nos destrói, um processo longo e doloroso de difícil adaptação à nova condição. Como tudo tinha sido sua-

ve e prazeroso, nada tinha que lamentar, estava aliviado, o pior eu já havia passado.

Nesse momento ouvi vozes no corredor, levantei-me, arrumei o roupão no corpo, abri a porta, eram Zara e dona Máuris que estavam chegando. Não comentei nada, mas senti um misto de tristeza e decepção, infelizmente não havia morrido. Voltei para a cama, era mais de seis horas da tarde, me explicaram que fui transferido para o Hospital Espírita Nosso Lar, que tinha dormido mais de vinte horas consecutivas. Perguntaram-me como estava, limitei a dizer que estava tudo bem. Dona Máuris era diretora do hospital, disse que tomasse um banho, pois o jantar estava chegando.

No início esse tipo de sonho me perturbava, ficava tentando entender como tudo acontecia. Com o conhecimento da doutrina espírita compreendi que, quando dormimos, nosso espírito andarilho abandona o corpo, viaja, visita lugares improváveis, interage com outros espíritos, encarnados e desencarnados, simpáticos ou não, tem trânsito livre nas esferas espirituais e vice-versa, frequenta ambientes de toda natureza, e sempre retorna ao corpo físico após essas excursões. Quando acordamos, às vezes temos lembranças das pessoas, melhor, dos espíritos que encontramos e dos lugares que estivemos, outras vezes só nos restam vagas lembranças. Existem sonhos em que o espírito faz uma viagem introspectiva, revolve os registros do inconsciente, revive fatos e acontecimentos de nossa infância, até de encarnações passadas, todos esses dados estão registrados, e nessas ocasiões são recordados.

Depois que realizei a cirurgia cerebral, em 1991, devido a uma seqüela, periodicamente sofria crises epiléticas, que eram camufladas pelos medicamentos, mas internamente essas revoluções cerebrais aconteciam, os efeitos colaterais se apresentavam na forma de intensa dor de cabeça, insônia, sonhos esquizofrênicos, depressão com ideias suicidas. Após vinte e cinco anos de convivência com esses efeitos, com meus conhecimentos adquiridos sobre a natureza desses sintomas, com a descoberta correta das dosagens e dos medicamentos que terei que fazer uso permanente, hoje posso dizer que tenho uma boa qualidade de vida, depressão em nível suportável, administro com domínio e tranquilidade meus sonhos muito loucos, considero um privilégio tê-los, porque são esparsos e passageiros. Tenho muita fé em Deus, e a consciência de que poderei partir no momento que Ele determinar.

(Este relato “Hospital Psiquiátrico Nosso Lar” também foi extraído de meu primeiro trabalho, “O tempo não apagou”. Como acredito que essa experiência me fez sentir como se realmente houvesse desencarnado, a ponto de estar conformado com a nova condição, reflete com fidelidade que Deus, em Sua infinita sabedoria, nos dotou da capacidade de enfrentar e superar todas as situações, inclusive, a condição de mortos).



Morri, e Agora?

CADA PESSOA TEM SUA PRÓPRIA concepção a respeito da morte, entendendo que essa impressão é o produto daquilo em que acreditamos. Se essa crença foi lastreada em informações que conseguiram nos convencer oferecendo argumentos racionais, nos coloca em posição de segurança, que possibilita assumirmos posições que aos olhos do incrédulo seriam classificadas como inconsequentes e irresponsáveis.

Como este acontecimento é um fato que não podemos evitar, é razoável que manifestemos nossas impressões, de como imaginamos que deverá transcorrer esse evento, no mínimo, indesejável.

Imagino meu Espírito olhando para meu corpo sem vida estirado sobre uma maca grosseira, em uma sala de hospital, após constatar morte física e cerebral, para ser submetido aos procedimentos de praxe, curso de todos os corpos que encerraram suas atividades terrenas. Após as tratativas necessárias estará apto a receber uniforme condi-

zente, calça social, camisa de mangas, paletó e gravata, ser colocado em uma urna funerária de preferência simples, esperar transcorrer o período recomendável, em torno de vinte e quatro horas, para ser sepultado no cemitério local. O velório deve ser realizado em um espaço público, tipo velório municipal, com acesso liberado. E ali estarei afeto a todas as orações cristãs e bons pensamentos, e a todas as atitudes inerentes a essas celebrações. A participação do padre não deve ser proibida nem exigida. As lágrimas e os risos serão entendidos como manifestações pessoais que revelam o estado de espírito das pessoas perante o infortúnio. Os comentários e as piadas tradicionais nesses eventos, apesar de não recomendados, não poderão ser cerceados, cada pessoa possui sua própria impressão e gozará de seu livre-arbítrio para expressá-los plenamente. Gostaria da presença de muitos, entenderei as ausências como impossibilidades justificáveis. Os desafetos, gostaria de não possuí-los, como somos seres imperfeitos, temos a consciência de tê-los não em grande número, e estes certamente não comparecerão.

Preferiria que meu espírito não estivesse presente, sentiria um grande desconforto em assistir a tudo, ficar olhando para as pessoas e não poder fazer nada, querer falar com os amigos e não ter esta prerrogativa, revelar a essas pessoas sobre a naturalidade da morte, explicar que morrer é um acontecimento único normal, um atributo que será concedido a todos, significa ingressar em uma fase que se reiniciará, conviver com os antigos amigos e parentes que nos precederam nessa travessia natural

necessária, e poder dizer que num futuro impreciso poderemos nos reencontrar alhures.

Talvez o mais desagradável seja depois do sepultamento do corpo ter que assistir às pessoas se despedirem uns dos outros e se retirarem lentamente. Em breve momento ficaria sozinho, sentado em um túmulo contemplando a solidão silenciosa do cemitério desolado, saber que não poderia voltar para casa, como os demais.

Particularmente, para onde irei não tenho a menor ideia, acredito que nesse difícil momento deverei ser ajudado, sozinho não saberia o rumo a tomar, ser levado por um preposto designado pelo departamento responsável para o lugar onde me foi destinado por direito e merecimento, de preferência antes do anoitecer. Tenho consciência de que agora estarei sob a égide da lei de uma justiça infalível, onde não existem privilégios, assim deve acontecer.

Depois do socorro providencial, que não demorou muito a chegar, graças a Deus era dia ainda, viajamos em alta velocidade através do espaço, em poucos minutos a Terra desapareceu se misturando ao azul da atmosfera. Em espaço de tempo que não sei quantificar, chegamos a uma espécie de comunidade espiritual, centenas ou milhares de residências, sobrepostas umas às outras, indicativo de população numerosa. Meu acompanhante entregou-me a chave de um quarto, indicando que ali seria meu alojamento, e se despediu demonstrando que ainda não tinha terminado seu expediente, tinha muito a fazer.

Antes de adentrar meu novo lar, decidi fazer o reconhecimento da vizinhança, dar uma pequena volta. Após

apresentar-me a algumas pessoas que estavam próximas, expliquei que estava acabando de chegar, que habitaria aquela residência, que seríamos vizinhos, retribuíram meus cumprimentos com formalidade, desejando-me boas-vindas, pedi licença aos novos conhecidos alegando cansaço, consequência de um dia cheio e movimentado, com muito jeito, para evitar má impressão, fechei a porta. Após inspecionar a habitação que se resumia em único e minúsculo ambiente, percebi um colchonete estendido num canto do cômodo, era tudo que tinha a minha disposição. Deitei-me e já me senti entediado. Nesse exato momento, acometido de imensa tristeza e saudade de tudo, levantei imediatamente, precisava de informações. Passei por alguns vizinhos que não demonstraram atitude em querer ajudar-me, fui andando até encontrar um morador mais distante que pareceu ser mais receptivo, me recebeu com um sorriso, diria irônico, penso que já sabia o que lhe perguntaria, educadamente esperou que me explicasse. Fui lhe dizendo: “Acho que houve algum equívoco, meu quarto é muito pequeno e só possui um colchonete muito fino, impossível descansar, gostaria de saber a quem devo reclamar, para ser realocado”. Após ouvir-me atenciosamente percebi que o sorriso do vizinho não abandonava seus lábios, até o momento que começou a dizer: “As condições por aqui não são muito confortáveis, os quartos são todos do mesmo tamanho, o enxoval se resume somente no colchonete, alegam que aqui é um lugar de muita ocupação e não de descanso, na verdade o cubículo destina-se à privacidade para reflexões, não há propriamente a quem reclamar”.

Como tinha conseguido a resposta que procurava, mas não tinha resolvido meu problema, ousei perguntar: “Parece que o pessoal aqui anda meio mal-humorado.” Percebi o sorriso voltar aos lábios do vizinho, até o momento que resolveu responder minha segunda pergunta: “Você tem boa percepção, realmente aqui ninguém gosta de ajudar ninguém, somos conhecidos como ‘comunidade dos Espíritos arrogantes.’” Como havia realizado sua quota de caridade do dia, deu a conversa por encerrada.

Voltei para o meu quarto pensativo e cabisbaixo, as informações colhidas eram substanciosas, o padrão de comportamento da população daquele local, infelizmente, refletia com fidelidade meu estilo, comecei a entender as razões de ter-me levado a habitar aquele lugar. Formávamos uma população homogênea de Espíritos arrogantes. A resposta do vizinho não saía de minha memória. Não havia a quem reclamar, aquele era o bairro dos Espíritos arrogantes. E assim se iniciava uma nova etapa de minha longa existência.



Um Mundo de Trevas

EM RELATOS anteriores mencionei que, em meus sonhos, muitas vezes me encontro em lugares tão agradáveis que, se fosse possível, a minha vontade seria permanecer por lá para sempre. Em outros me vejo inserido em um mundo completamente diferente, o sentimento que experimento é desesperador. Como muitas vezes não percebo que se trata de um sonho, é como se estivesse vivenciando uma situação real. Meu instinto de conservação lança mão de todos os recursos imagináveis a minha disposição para me livrar daquela situação que intimamente não gostaria de estar passando, então luto desesperadamente até o ponto de muitas vezes acordar assustado, interrompendo o sonho, ficando uma forte impressão e a curiosidade de entender o que significava tudo aquilo, e como terminaria.

Como os sonhos dessa natureza se tornaram rotineiros, adquiri uma excepcional habilidade, que consiste em

recuperar a consciência real, “acordar” sem prejuízo do desenrolar dos acontecimentos. Para que isso aconteça, o corpo físico tem que se manter inerte, principalmente a cabeça, o mais leve movimento interrompe a percepção e a continuidade do sonho. Como se estivéssemos tendo dupla percepção, captamos o que está acontecendo no meio real, como por exemplo, o latir de um cachorro, o ronco da pessoa ao lado, sem prejuízo do desenrolar do sonho, inclusive nosso envolvimento nele, na condição de impossibilidade em interceder, na posição de mero espectador; no entanto, com a prerrogativa de interromper no momento que acharmos conveniente, basta mexermos a cabeça, tudo cessará. Temos a consciência de que se trata de um sonho e, apesar de estarmos participando daqueles acontecimentos, sabemos que nosso corpo está deitado em uma cama, muito longe daquele cenário. Mesmo sabendo que se trata de um sonho, dificilmente conseguimos acompanhar o desenrolar dos acontecimentos até o fim, exceto naqueles sonhos agradáveis, como relatei no início.

O cenário deste sonho revelava que pertencia a uma época perdida num passado distante. Um vilarejo constituído por muitas construções, edificadas essencialmente de madeira. Uma pequena praça central circular, em seu centro existia um pequeno palanque, caprichosamente construído de madeira resistente, destinado a diversos tipos de manifestação. As poucas ruas se convergiam e terminavam nessa pequena praça circular, eram ocupadas por carroças e carruagens rústicas de pequeno porte e muitos animais usados como

montaria, únicos meios de transporte e locomoção na época, encontravam-se amarrados em postes fincados estrategicamente para essa finalidade. Intenso fluxo de pedestres de todo matiz emprestava à cidadezinha um clima de festa, dando a entender que naquele dia seria realizado um evento especial, pelo fato de as pessoas se agruparem em volta do coreto central.

Nesse momento “acordei”, tive consciência de que se tratava de um sonho, estava inserido nele na condição de temido prisioneiro que, juntamente com mais dois comparsas, respondíamos por delitos perpetrados contra o sistema religioso atuante em curso, cerceador de liberdades consideradas elementares. Fomos considerados hereges, julgados e condenados à morte por crime de sedição, pela corte inquisitorial, formada pelo Clero temporal.

Estávamos os três algemados pelos pulsos, em uma pequena cela, dentro de um presídio, distante poucos metros da praça central. Sabíamos que aquele seria o dia de nossa execução, aguardávamos o momento, como quem espera um acontecimento muito desejado, podíamos ouvir a algazarra nas ruas. Na hora exata marcada para execução, chegaram os guardas, armados com espadas e lanças, todos vestidos de preto, com seus rostos cobertos com capuzes também pretos.

Abriram a porta, levaram-nos atrelados por correntes, fomos conduzidos andando como animálias, em direção ao matadouro, por uma rua estreita apinhada de gente, formando um cortejo inconsequente, demonstrando ser aquele acontecimento uma rotina que não oferecia

comoção ou exclusividade. Dava a impressão de que não tínhamos seguidores nem defensores, estávamos completamente entregues à própria sorte.

Chegamos ao palco da execução, subimos por uma escada, ficamos de pé, parados de frente para multidão impaciente, estávamos em evidência sobre o palanque montado. Uma comissão formada por autoridades, que trajavam uniformes específicos, ornamentados com enormes crucifixos de metal e envergavam a condição de religiosos, eram os responsáveis pela operação. Efetuavam o sorteio para definir a modalidade e a ordem da execução, para que o holocausto se tornasse mais atraente e interessante. A força, a fogueira ou a guilhotina. Cumpridas as formalidades, estava decidido que eu seria o primeiro a ser executado. Através da guilhotina, minha cabeça seria decapada por golpe mecânico e certo.

O Inquisidor chefe, investido da autoridade que lhe competia, fez a leitura da sentença condenatória, enaltecendo a necessidade do ato e a legitimidade da medida, reforçando a ideia do perigo que representávamos para a continuidade da ordem e dos valores instituídos, e do elevado grau de periculosidade que oferecíamos. Deixou em evidência minha condição de líder, melhor, aliciador de mentes subservientes e irresponsáveis, imputando-me também a culpa pelo envolvimento e o arrastamento daquelas bestas igualmente perigosas e inconsequentes, denegrindo sobremaneira a imagem dos réprobos.

Determinou ao carrasco que executasse a sentença, sem conceder-me ao menos o direito de expressar meus

sentimentos ou meu último desejo. Indicou-me o instrumento mecânico que efetuará a operação. Caminhei absorto em direção à máquina mortífera. Nesse momento eu era um ser insensível, toda reflexão possível e plausível havia realizado durante um ano que permanecemos encarcerados, sofrendo as mais torpes e humilhantes degradações que um ser humano pode se submeter, essas reminiscências estavam em minha memória. Aquele momento me acenava como um final muito esperado e desejado, na intimidade não esposava nenhum sentimento de arrependimento, tudo que havíamos feito condizia com nossas consciências e ideologia, se tivesse oportunidade faríamos tudo da mesma maneira, talvez nos utilizando de meios mais incisivos e convincentes. Não tínhamos prejudicado nenhuma pessoa particularmente, tínhamos nos rebelado contra um sistema corrupto e vicioso que, em nossa opinião, maculava a função e os objetivos da religião praticante, representado por um conglomerado de déspotas hipócritas e corruptos espalhados em todos os níveis da hierarquia eclesiástica, posicionamento compartilhado por todos os réus.

Parei na frente do cadafalso, colocaram-me um capuz negro, inclinaram minha cabeça na abertura providencial da engehoca letal, ouvi o som metálico do destravar da estrutura que sustentava a enorme lâmina de aço, conseqüentemente, seu descarrilamento. A escuridão tornou-se mais intensa quando a lâmina atingiu meu pescoço, separando minha cabeça do corpo, ambos caindo separadamente envoltos num banho de sangue.

Na posição de espectador presenciei aquela hecatombe sinistra, ainda consegui assistir colocar as duas partes de meu outro corpo em uma urna mortuária, me encontrava inserido em um mundo de trevas como o executado. Nesse momento, como espectador, senti minha emoção atingir um nível extremo, insuportável, não mais conseguiria compartilhar aquela visão desesperadora, senti meu estômago convulsionar e uma espécie de asfixia me atingir inexplicavelmente. Como se estivesse também desfalecendo, movimentei rapidamente a cabeça para libertar-me daquela situação angustiante, imediatamente aquele cenário foi desfeito, restando em minha memória a presença de todas aquelas impressões aterrorizantes.

A Ação do Tempo

S INTO OS DIAS PASSAREM rapidamente, indiscutivelmente a presente existência caminha resoluta no sentido da linha de chegada. Todos caminham imperceptíveis na mesma direção e na mesma velocidade. Como o tempo é um recurso que não controlamos sua intensidade, em nossa existência terrena, cada pessoa tem seu reservatório particular, mas desconhece a quantidade remanescente, despertamos para a necessidade de aproveitá-lo o mais racionalmente possível, embora uma maioria caminhe alheia e despreocupada ignorando essa condição e essa realidade. A questão consiste em elegermos a prioridade que será alvo de nossa atuação.

Em nossa infância e adolescência, imaginamos a vida como uma eternidade futura que não se esgotará facilmente. Olhando para frente percebemos todas as coisas que estão por acontecer. Muitas ocorrências inevitáveis estarão em nosso caminho, enxergamos essas ocorrências

como dificuldades que teremos de superar, desafios que se apresentam como provas acima de nossa capacidade em vencê-las, não ter a tranquilidade em aceitar e vivenciar com naturalidade, sem desfrutarmos emocionalmente da satisfação que elas nos proporcionam. Então, cada acontecimento desses acaba sendo encarado e percebido como fatos corriqueiros, que exigem da gente um sacrifício pessoal, que nem sempre estamos seguros de que deles sairemos vencedores.

Deus, em sua infinita sabedoria, bondade e justiça, concedeu-nos o livre-arbítrio para que sejamos os artífices de nosso próprio destino. Utilizamos nosso tempo para realizar tudo que desejamos, a cada dia construímos o que chamamos nossa vida. Os fatos vão se sucedendo automaticamente, sem atribuímos a eles a importância que representam. Cada uma dessas pequenas conquistas e aquisições que realizamos são patrimônios imperecíveis que nos acompanharão, e de certa forma vão se agregando, formando nosso patrimônio particular. São propriedades próprias, que vão deixando transparecer tudo o que somos. Cada conhecimento adquirido é um tijolo que colocamos no edifício de nossa personalidade. O mundo é uma escola, e nossa vida, um estágio temporário que começa quando nascemos e termina quando daqui partimos.

Quando atingimos uma idade considerável, podemos olhar para o passado e visualizar o longo caminho que percorremos, atribuir importância especial a esses acontecimentos que de certa forma foram determinantes em nossa trajetória evolutiva, e dos quais nos isentamos

de responsabilidade. Decisões que interpretamos como fatos predestinados para nossa vida, e esquecemos que foram escolhas nossas. O inventário desses acontecimentos felizes ou infelizes é o resultado de tudo o que estamos vivenciando. Quando olhamos para nosso passado e só percebemos os fatos ruins que aconteceram, significa que fizemos muitas escolhas equivocadas; mesmo assim, devemos aceitá-las como ensinamentos que nos orientarão em nossas vivências futuras.

O mais interessante é que dificilmente nos damos conta de que o tempo está se esvaindo e muitas realizações que desejamos não empreendemos, como se a existência se prolongasse indeterminadamente. Estamos inseridos em contextos sociais que inibem nossas iniciativas e nos tornamos passageiros dessa viagem temporária, sem percebermos que a qualquer momento podemos ser convidados a desocupar nosso assento.

À medida que a decrepitude vai chegando, a inatividade nos envolve, sentimos que não temos mais condições de nada realizar, nos entregamos à ociosidade improduti-va, influenciados por essa certeza de que tudo se finda, de que tudo se acaba, deixamos de agregar valores impercíveis que certamente muito nos ajudariam no futuro que nos espera. Estou conjugando o verbo no plural, mas essa impressão é pessoal, falo somente por mim. Não obstante vemos pessoas incansáveis dando-nos o exemplo, indiferentes à ação do tempo, alheios à realidade de que a qualquer momento tudo terminará. Isso é admirável, mas incompreensível.

Há quem defenda que a ação do tempo é nula, uma convenção humana, com múltiplos e submúltiplos, correspondente a segundos, séculos e milênios. Seria aceitável, se não existissem os espelhos onde podemos a cada dia perceber sua ação devastadora. O tempo é uma realidade incontestável, inclusive traz em seu bojo invejável senso de justiça, indistintamente todos estão sujeitos e submetidos aos seus desígnios. O tempo é uma criação Divina, nos concedido por DEUS, que nos deu a mancheias, porque dele desfrutaremos eternamente, com ele conviveremos onde estivermos, faz-se necessário que o compreendamos.

O Suicídio

INFELIZMENTE, até os dias de hoje, essa prática inconcebível permeia no ceio das sociedades, vez por outra se ouve notícia desse fato extremo que induz o indivíduo a pôr fim em sua existência. Como se a continuação da vida fosse um sacrifício ou um sofrimento insuportável, que somente essa atitude resolveria seu problema ou cessaria seu calvário de viver. Anteriormente me referi ao papel das religiões no esclarecimento de seus fiéis sobre os múltiplos problemas que afetam diretamente a vida das pessoas. É necessário que comecemos a esclarecer a humanidade sobre as consequências que essas atitudes, aparentemente justificáveis, vão comprometer o futuro desses espíritos inconsequentes. O suicídio é um fato muito comum, impera em todas as faixas sociais, desde as civilizações indígenas às classes supostamente privilegiadas financeira e intelectualmente, ocorre independentemente da religião que professam. Temos certeza de que é justamente na religião que reside a solução ou ao menos a redução dessa calamidade social.

Vivemos a era do espírito, falanges de irmãos abnegados trabalham incansavelmente para informar-nos de nossa responsabilidade perante a vida. A vida não é uma brincadeira ou passatempo irresponsável que usufruímos ao bel-prazer, despreocupados com as consequências de nossas atitudes diante de nossos semelhantes, e com nós mesmos. Esses mesmos espíritos abnegados e responsáveis revelam através de mediunidades responsáveis as dificuldades que os espíritos têm para reencarnar, informa-nos que para cada espírito encarnado existem quatro desencarnados, esperando o momento oportuno para retornar ao plano físico para dar continuidade a sua evolução moral e intelectual. É uma oportunidade que Deus nos outorga, mediante compromisso que assumimos em aproveitá-la ao máximo possível. É comum ouvirmos pessoas dizer que não pediram para nascer, desconhecem que até imploraram para que acontecesse por sentir necessidade de resgatar dívidas pretéritas, despojar de pendores que nos atrapalham, e de certa forma contribuímos para o melhoramento das condições de nosso mundo e ser úteis aos nossos semelhantes.

A literatura espírita está repleta de trabalhos inerentes a esse assunto. Depoimentos de espíritos suicidas que comparecem em sessões relatam com riqueza de detalhes os longos e dolorosos sofrimentos que estão passando ou passaram antes de serem socorridos, depois de terem cumprido um longo período sofrendo martírios inenarráveis, conforme os desígnios das leis superiores. Antes de nascermos, nosso espírito passa

obrigatoriamente por um processo de triagem, em que são recapitulados todos os fatos relevantes que determinaram nossos maiores comprometimentos morais, organiza-se um programa em que é determinado o ambiente onde iremos reencarnar, onde estaremos em contato direto ou indiretamente com as pessoas as quais possuímos pendências pretéritas, cujas dívidas não foram ressarcidas, que necessitam ser quitadas, para que possamos avançar em nosso processo evolutivo. Para essa missão as Leis Divinas nos concedem um período de tempo suficiente para que possamos executá-las, encerrado o prazo previsto naturalmente retornamos à pátria espiritual. Acontece que nem sempre cumprimos com nosso compromisso, e muitas vezes ainda agravamos mais nossa situação; então nossas dívidas vão se acumulando, e nossa tarefa se torna mais trabalhosa para a próxima missão.

Podemos ver pessoas se arrastando em suas existências, carregando fardos muito pesados, sofrimentos de toda ordem, doenças crônicas incuráveis, desarmonia familiar, vícios insuperáveis, dificuldades financeiras inexplicáveis, conflitos existenciais de toda natureza. Mesmo assim, suportam as provações com resignação, conseguem arrastar-se até o término de suas missões e, quando daqui partem, se despojam de todos os seus compromissos, deixando para trás aqueles complicadores que os afligiram. O espírito se sente livre, desvencilhado de suas mazelas, as dívidas estão quitadas, sua consciência está tranquila.

O suicida é um espírito que não suportou esperar o término de sua jornada, não conseguirá desta forma se libertar

de suas complicações. O espaço de tempo que lhe restava, segundo depoimentos de suicidas, por muito tempo, experimentará sofrimentos dilacerantes, incomparável a nenhum outro sofrível sobre a Terra. Despertará em ambiente intermediário, não dos vivos, nem dos mortos, revivendo e sentindo repetidamente seu ato inconsequente, sem nada poder fazer para remediar sua situação. Tardamente compreende que desrespeitou e ofendeu profundamente as Leis Divinas, descobre que não se libertou de suas responsabilidades, obrigatoriamente terá que arcar com as conseqüências de seu ato, por tempo que ele nem imagina. A pessoa que tomar conhecimento desses depoimentos jamais atentará contra sua própria vida, saberá que por essa via não solucionará seus conflitos, agravará em muito seus sofrimentos. A mensagem de Jesus Cristo, abaixo, talvez seja a solução mais contundente para aqueles que atribuem um peso insuportável para suas vidas.

“Vinde a mim, todos que andais em sofrimento e vos achais cansados e sobrecarregados, Eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendeis de mim, que sou manso e humilde de coração, e achareis descanso para as vossas almas. Porque o meu jugo é suave e o meu fardo é leve” (Mateus, XI-28-30).

Recomendo a todos a leitura do livro “Martírio dos Suicidas” (Almerindo Martins de Castro), editado pela Federação Espírita Brasileira (FEB), pois suas mensagens são bastante fortes, os relatos nos dão ideia do que esses espíritos equivocados esperam.

Amor Incondicional

DOIS JOVENS SE CONHECERAM em tenra idade, entre eles nasceu e cresceu um sentimento puro e verdadeiro, depois de um período de namoro resolveram se unir em matrimônio. Com o consentimento de seus pais, ficaram noivos e marcaram a data do casamento. Ele, um rapaz muito responsável, possuía muitos amigos e era muito querido pelos seus vizinhos e parentes.

Em uma manhã caminhava por uma estrada no sentido do trabalho, de repente encontra a morte, que diz estar indo buscar a vida de sua noiva amada, tendo em vista que o prazo de sua atual existência havia se expirado. O rapaz se desespera, começa a revelar o quanto a ama, implorar pela sua vida, dizendo que faria qualquer coisa para que sua vida fosse prolongada. Depois de refletir, a morte se comoveu com a sinceridade do noivo

apaixonado, depois de consultar seus compêndios, revelou sua condição, dizendo:

— Segundo meus registros, você dispõe de mais de quarenta anos para concluir sua existência. Você repartiria esse tempo com sua noiva? Então conceberia a ambos mais de vinte anos de vida, não causaria assim nenhum prejuízo na economia das existências.

O rapaz ficou pensativo, muito triste com as condições exigidas, e nada respondia. A morte percebendo sua indecisão lhe disse:

— Vou conceder-lhe o dia para que reflita se aceita ou não as minhas condições. Impreterivelmente à tarde deste dia quero sua resposta – e retornou de onde estava vindo.

O rapaz começou a refletir no que iria decidir, mas não chegava a nenhuma conclusão. Queria salvar sua amada, mas não queria abrir mão da metade de sua vida restante. Desistiu de ir trabalhar, resolveu consultar seus três melhores amigos para que o auxiliassem na decisão.

O primeiro amigo consultado lhe sugeriu:

— Entendo que você deve aceitar as condições da morte, dividir com sua amada o restante de sua vida. Casem-se, sejam felizes pelo restante de suas vidas, a vida só tem sentido quando vivemos ao lado da pessoa que amamos.

O rapaz gostou da sugestão, mas mesmo assim resolveu consultar mais dois de seus amigos.

Encontrando o segundo, explicou seu drama, e o que ouviu foi o seguinte:

— Rapaz, não seja tolo, vai dar mais de vinte anos de sua vida para uma mulher, que amanhã poderá te desrespeitar, e por força das razões terá que abandoná-la, e perderá metade de sua vida. Existem moças tão prendadas e até mais bonitas que sua noiva, não vale a pena o sacrifício.

A dúvida começou a suscitar em sua cabeça confusa.

Encontrando o terceiro amigo, relatou seu problema, revelou a conclusão das opiniões dos dois amigos consultados, gostaria de receber uma terceira opinião, que o orientasse e permitisse que tomasse a decisão mais acertada. O terceiro interpelado refletiu por instantes e disse:

— Amigo, está diante de um problema de difícil solução, aconselho você a negociar com a morte, exigindo a seguinte condição: você aceita a condição de dividir com sua noiva o restante de sua vida, sem que ela saiba de nada, comprometendo ser um bom marido em todas as circunstâncias, porém que o compromisso se rompa caso ela se torne indigna de ser sua esposa.

O rapaz analisou as três sugestões e, depois de ponderar, decidiu que o conselho mais acertado seria o último, a morte haveria de concordar. Quando a morte retornou no final da tarde, o rapaz revelou sua posição. Após analisar sua condição, achou justas suas precauções e deliberou por aceitar sua consideração.

Os dois se casaram, passaram a desfrutar de uma felicidade plena, o lar era um recanto de amor e paz, alegria e entendimentos. A felicidade se fez maior quando no ceio daquela pequena família nascera um filho que iluminara por completo aquele ambiente de felicidade

e cumplicidade. O tempo passava e a alegria do casal só aumentava.

Um dia, ao chegar do trabalho para almoçar, encontrou seu filho de menos de três anos de idade chorando, adentrou a casa e deparou-se com sua esposa caída sem vida. Não entendia o que tinha acontecido, a esposa não estava doente, que teria lhe acontecido? À medida que analisava os acontecimentos, um turbilhão de dúvidas e incertezas lhe envolvia, uma revolta muito grande foi conduzindo a um desespero incontido, alguma coisa induzia a pensar que por algum motivo sua esposa havia se tornado indigna de viver. Começou a blasfemar contra a morte, invocando-a para que ali comparecesse, necessitava de uma explicação convincente antes que enlouquecesse. Como não obtinha nenhuma resposta, desesperado, avisou seus vizinhos do acontecido, entregou o filho para que alguém cuidasse dele. Necessitava de uma explicação, saiu desolado chorando pela mesma estrada onde estivera com a morte anos atrás, invocando-a a todo instante, até que a encontrou.

Seu estado era desesperador. Perguntou-lhe por que tinha feito aquilo com ele, que explicação teria para justificar aquela maldade sem limites. Calmamente a morte lhe disse:

— Vou lhe revelar o que aconteceu, acho que você entenderá e aceitará. Hoje era o dia que expiraria a vida de seu primogênito, vim logo cedo realizar meu trabalho. Sua esposa percebeu minha presença, perguntou-me o que desejava, quando revelei o motivo de minha presença, sem

nenhuma objeção ofertou-me sua vida em troca da vida do filho. Achei a proposta compatível, e acabo de deixá-la no departamento mais confortável existente no Plano Espiritual, reservado exclusivamente para as verdadeiras mães.

Diante daquela justificativa, o rapaz não sabia o que pensar. Colocou-se no lugar da esposa amada: se ao invés dela tivesse acontecido com ele, será que procederia da mesma forma? Será que teria capacidade de doar sua vida incondicionalmente pela do filho? Nesse momento pôde avaliar a grandiosidade daquele espírito materno. Ali mesmo naquela estrada fatídica, caiu de joelhos, chorou todas as suas lágrimas, pensando o que seria agora de sua vida.

Observando aquela cena desagradável, a morte reavaliava seu procedimento, decidia peremptoriamente que, a partir daquele momento, não negociaria com mais ninguém, se limitaria a executar seu doloroso trabalho em absoluto silêncio.



A História do Castiçal

UM HOMEM de aproximadamente quarenta anos andava muito insatisfeito e infeliz em seu casamento, sua esposa não lhe oferecia mais nenhum atrativo, vivia malvestida, desleixada consigo mesma, sua única preocupação e dedicação era com a casa e os filhos, não tinha disposição para sair, passear. Não reclamava da pobreza em que viviam, nem do trabalho excessivo que realizava. Não reivindicava nada, muito econômica e compreensiva com todos, inclusive dispensava dedicação e atenção maternal com o sogro, que vivia sob o mesmo teto.

Seu marido a analisava, concluía que não valeria a pena continuar com aquele casamento. Gostaria que sua esposa fosse uma pessoa apresentável, bem cuidada, como eram as esposas de seus amigos e outras mulheres que ele conhecia e conversava na cidade.

Seu pai, um senhor de quase setenta anos, com sua saúde debilitada, percebendo as atitudes grosseiras do filho e a forma indevida como tratava a esposa e os filhos, antevendo o desfecho daquela situação, chamou-o para uma conversa particular que lhe dizia respeito. Com bastante jeito foi lhe dizendo:

– Meu filho, tenho observado como você vem se comportando com sua esposa e seus filhos, percebo que não está agindo bem com eles.

O homem sentiu que o pai tocava em um assunto muito particular que envolvia seu modo de agir, se irritou, queria encerrar a conversa. Com total falta de respeito disse ao pai para não se meter em sua vida, estava morando ali de favores, se não quisesse ser expulso daquela casa, seria melhor que não se intrometesse. Era ele que decidia como agir.

O velho, sábio e experiente, começou a argumentar, tentando fazê-lo enxergar as múltiplas qualidades de sua esposa. Se ela não se apresentava mais condizente com suas vontades, a culpa era somente dele, que não lhe proporcionava condições mínimas para que ela se vestisse e se arrumasse devidamente. Era tratada como uma reles serviçal, não lhe dispensava nenhuma consideração. Não lhe dava a mínima atenção, até a ignorava. Como o filho relevava suas ponderações, não demonstrava interesse nem preocupação em aceitar seus argumentos, perguntou:

– Você gostaria de ouvir a história de um castiçal?

Achou estranha aquela pergunta, nunca tinha ouvido nada sobre essa história. Que teria de tão interessante, que

pudesse influenciar em seu relacionamento conjugal? Mais por curiosidade que interesse em modificar-se, concordou.

Pacientemente, seu pai começou a narrar uma história:

– Existia uma aldeia com vários casebres, localizada às margens de uma estrada. Um rei muito rico e sábio, certa feita, necessitou pernoitar em um desses casebres devido a uma tempestade. Durante a noite colocou um castiçal sobre o aparador, acendeu uma vela de cera para a iluminação. Na manhã seguinte, propositadamente, deixou o castiçal e seguiu sua viagem. Temporariamente, muitas famílias habitavam aquelas casas modestas. De tempos em tempos, quando por lá passava o rei com sua comitiva, com o propósito de tomar um copo de água, adentrava o casebre, observava que o velho castiçal envolto em fuligem permanecia esquecido no mesmo lugar em que o colocara. Passados muitos anos, ao passar pelo local, o rei notou que a casa estava abandonada, parte de sua estrutura havia desabado. Para espanto de seus súditos, o rei desmontou do cavalo, com cuidado adentrou as ruínas da tapera. Depois de muito procurar, percebeu o velho castiçal esquecido entre os entulhos, com dificuldade retirou-o e levou consigo. Chegando a uma estalagem onde pernoitariam, diante de seus companheiros, pacientemente o rei começou a polir o castiçal. Todos perceberam que se tratava de uma peça de ouro maciço, a borda interior do precioso objeto era revestido por dezenas de diamantes raros. Todos tinham conhecimento que aquela preciosidade permanecera desprotegida,

abandonada naquele casebre por muito tempo sem que ninguém percebesse seu valor.

Moral da história: Muitas vezes possuímos um tesouro bem diante de nossos olhos, ao alcance de nossas mãos, nosso descaso e insensibilidade não permitem que o enxerguemos.

Apesar de ser um homem rude e insensível, entendeu perfeitamente o espírito daquela singela historinha. A partir desse momento passou a observar melhor sua esposa, percebeu nela múltiplas qualidades que possuía, sob aqueles molambos existia ainda uma mulher jovem e muito atraente, conservava todos aqueles atrativos que um dia o conquistaram. A partir desse momento mudou seu modo de agir, modificou seu comportamento perante a esposa e os demais de toda sua família, percebeu o tempo perdido e quanto estava equivocado. Intimamente ficou agradecido pelo conselho paterno, demonstrando isso através de seu modo de agir.

Almas Afins

UM CASAL DE JOVENS, durante alguns anos, estudava no mesmo colégio, período noturno, em uma pequena cidade do interior. Como moravam na mesma rua, esporadicamente se encontravam a caminho da escola. Aqueles encontros fortuitos fizeram nascer entre ambos um sentimento de amizade, caminhavam juntos por algumas quadras, nessas oportunidades conversavam sobre alguns assuntos pertinentes à condição de jovens despreocupados e felizes. Quando essa amizade se tornou mais consolidada, ela tinha quinze anos de idade, era uma jovem comunicativa e muito bonita, tinha os olhos verdes, cabelos negros e compridos, seu uniforme de escola diferia dos uniformes de suas colegas no comprimento, pois pertencia a uma tradicional família evangélica, seu pai era funcionário de uma conceituada firma comercial. Ele, um rapazinho de dezessete anos, tinha os cabelos compridos e boa aparência, devido a sua idade, estava mais adiantado em seus estudos, um rapaz simples, mas inteligente, traba-

lhava com seu pai e irmãos em uma pequena propriedade rural que possuíam, um pouco distante da cidade. Quase todos os dias ia trabalhar no sítio, às vezes ia de carro com o pai, às vezes por motivo de incompatibilidade de horário ia sozinho de moto. Todos de sua família eram frequentadores assíduos de uma casa espírita, portanto eram reconhecidamente seguidores da doutrina espírita, mais precisamente do espiritismo codificado pelo francês Alan Kardec, que viveu no século XVIII, de 1803 a 1869. Por vezes o assunto que conversavam durante esse pequeno percurso envolvia religião, em que ela fazia referência a sua participação no coral da igreja. Como o rapaz tinha consciência de que os evangélicos não veem o espiritismo com bons olhos, limitava-se a ouvir seus comentários.

Um dia ela o questionou sobre sua religião, o espiritismo. Pacientemente ele lhe explicou que para compreender o espiritismo tinha que começar a estudá-lo, tratava-se de uma doutrina muito instrutiva, tinha resposta para quase todas as questões que envolvem a vida terrena do homem, como também sua vida espiritual, porque a vida não cessa com a morte, continua em outro plano. Quando começou a falar que a reencarnação explica racionalmente uma grande quantidade de mistérios que envolvem a vida do homem, ela disse que não acreditava que o espírito voltasse à vida terrena. Ele se justificou dizendo que para entender era necessário estudar. Então decidiram que cada um continuaria professando sua religião sem interferência, cada um respeitando a posição e a crença do outro. Assim ficou combinado.

Com o passar do tempo aquela amizade despretenhiosa transformou-se em namoro de adolescentes. Faziam aquele percurso juntos todos os dias, mais lentamente, quando chegavam em frente à casa dela, ficavam namorando por algum tempo no portão, depois se despediam, ele andava mais duas quadras até sua casa. Quando a família da menina tomou conhecimento do namoro, considerou que seria uma relação passageira e não intercedeu. Como o namoro não perdia força e a cada dia ficava mais comprometedor, e a menina dava impressão que começava se interessar pelas ideias espíritas, às escondidas lia alguns livros, emprestados pelo namorado, o pai deliberou que a melhor forma de interromper aquele relacionamento, sem causar constrangimento, seria pedir transferência em seu emprego para outra unidade bem distante. Por motivo de preconceito religioso, considerava incompatível aquela relação.

Aquela separação indesejada provocou ao jovem casal um desconforto difícil de superar. Seu pai deixou bem claro que não queria a continuidade do namoro, alegando uma série de motivos. Proibiu qualquer forma de contato. A menina, obediente, acatou a decisão paterna sem contestação, porém seu espírito não assimilou aquela proibição gratuita, a partir do momento da mudança desenvolveu profundo estado depressivo. Não obstante os recursos despendidos, nada demovia a situação angustiante, perdeu completamente a vontade de viver. Para desespero dos pais, durante dois anos a jovem, que era cheia de vida, foi definhando gradativamente, dizia que seu único desejo

era sua conversão para o espiritismo, somente assim encontraria seu amado depois da morte. Quando os médicos diagnosticaram que seu quadro era grave e irreversível, a família, desesperada, concordou que ela se convertesse ao espiritismo, em poucos dias desencarnava como espírita.

A vida do rapaz após a mudança de sua namorada não foi menos difícil, tinha conhecimento de que a separação se deu devido à intolerância religiosa do pai dela, revoltou-se, deixou de frequentar a casa espírita, adquiriu o vício da bebida, abandonou o trabalho e o estudo. Agora com dezenove anos estava irreconhecível, em uma noite completamente embriagado sofreu um acidente de moto. Foi levado ao hospital em estado gravíssimo. Durante o período internado na UTI, dizia às enfermeiras e a seus pais que desejava imensamente ser batizado como evangélico, na mesma religião de sua amada, que depois de sua morte a encontraria. (Não conhecemos onde ambos tiraram esse entendimento). Como sua condição era desesperadora, realizaram sua vontade. Em breves dias deixava o mundo físico e desencarnava como evangélico.

Os falecimentos ocorreram quase na mesma época, cada uma das famílias sofreu a sua maneira aquelas perdas prematuras, mesmo sabedores de que haviam concordado com as conversões, como resolução extrema. Nenhuma das famílias tinha conhecimento do ocorrido com o outro, tinham eliminado qualquer possibilidade de contato.

O tempo passou, depois de seis meses do ocorrido, em uma sessão na casa espírita onde a família do rapaz continuava frequentando, para surpresa de todos, através

da psicografia de um médium da própria casa que desconhecia o que havia acontecido com a namorada do rapaz, comunica o espírito do rapaz desencarnado, e sua revelação é surpreendente.

O rapaz dirige sua mensagem às duas famílias, afirmando que aquela união fora programada no plano espiritual antes das reencarnações, que eram espíritos afins, e programaram realizar um importante trabalho no plano físico, mas com a separação tudo fora frustrado e adiado. Revela que tudo havia transcorrido naturalmente, depois de um breve espaço de tempo se encontraram no plano espiritual, estavam juntos e felizes ao lado de seus entes queridos. Não responsabilizava ninguém em particular pelo ocorrido.

Obs.: Imaginamos que os dois jovens em seus colóquios, na tentativa de se verem inseridos na mesma crença religiosa, tentavam cada um convencer o outro para sua religião, por força do compromisso assumido. O argumento que utilizavam era justamente a possibilidade de um dia por motivo de religião serem forçados à separação, uma ideia incogitável. Foi o que aconteceu no plano físico, mas não no espiritual.



Amor Transcendental

EXISTEM MUITOS CASAIS QUE deixam transparecer um relacionamento tão harmonioso, que nada consegue afetar ou alterar a felicidade que compartilham. Quanto mais o tempo passa, mais sólida e prazerosa se torna a relação, passam a desfrutar de uma cumplicidade perceptível a todos. Impossível imaginar um sem a presença do outro. Muitos casais compartilham dessa felicidade por períodos dilatados, que somente a morte os separará momentaneamente, porque, certamente, o que partiu primeiro ficará esperando pelo outro, para continuarem a caminhada no outro plano de vida.

Mas esse nosso mundo, por ser ainda de provas e expiações, está convencido que a felicidade, por enquanto, poderá ser apenas relativa, não podendo atingir o grau máximo de perfeição, ocorrências injustificáveis

acontecem esporadicamente. Como desconhecemos os desígnios do Alto, ficamos por entender por que isso acontece.

A literatura espírita e a vida real fornecem exemplos, em que podemos constatar rompimentos repentinos de relacionamentos felizes que prematuramente são encerrados, motivados pela ação avassaladora da morte impiedosa. E essas almas afins são forçadas a separações compulsórias de longa duração. Como entre o céu e a terra existem mais coisas que nossa vã filosofia possa imaginar, Deus, em Sua infinita bondade e justiça, permite que certos espíritos, por seus méritos, cuja força do amor recíproco transcende a normalidade, consigam descobrir, através dos escaninhos de suas Leis Perfeitas e Imutáveis, maneiras de continuarem se amando e se relacionando intimamente com normalidade. Todo esse processo acontece através de sonhos. Aos espíritos que gozam desta prerrogativa, recebem os nomes de íncubos e súcubos. Não são transgressores das Leis Divinas, e sim beneficiários por merecimento.

A história que passo a narrar é uma concepção própria, lastreada em conhecimentos adquiridos através de leituras sobre os fenômenos acima em negrito, que acredito serem perfeitamente possíveis, tendo em vista que o conhecimento da humanidade terrena sobre as coisas de Deus sempre será relativo. O conhecimento dos espíritos superiores é incomparavelmente mais dilatado e abrangente. Com base nessas informações, nos compete avançar as possibilidades.

Vamos nominar um casal terreno por João e Luzia, iniciaram suas vidas em comum com a expectativa de longevidade, necessitariam de uma eternidade para dar vazão àquele amor sem limites. Eram almas afins, predestinadas a compartilhar uma felicidade conjugal reservada exclusivamente para esses espíritos mutuamente comprometidos. A felicidade e a alegria que desposavam transcendia a compreensão, o romantismo e a sensualidade. A sinceridade da afeição proporcionava a harmonia reinante naquele ambiente feliz. Desfrutavam com intensidade máxima daquele relacionamento iniciante. Nos momentos de intimidade, projetavam realizações que envolveriam outros seres para compartilhar aquela intensa felicidade, queriam filhos para complementar aquele paraíso terreno.

No início tudo acenava com possibilidade de êxito em todas as suas realizações, programavam para um futuro não muito distante a chegada de filhos, lindos e perfeitos, para compartilharem tanta felicidade, era o que mais desejavam. A vida adquiria contorno de um sonho há muito acalentado. A realidade lhes sorria prometendo conceder-lhes todas as suas aspirações. Aquele casal envolto naquele sonho real não imaginava que o prazo de sua felicidade terrena tinha próxima a data limite determinada para se expirar.

Como nesse nosso mundo a felicidade ainda não pode ser completa, o jovem marido, em plena forma de suas condições físicas, percebeu que sintomas estranhos começaram a interferir em sua saúde mental, dores de cabeça intensa, tonturas inexplicáveis começaram a incomodá-lo repe-

tidamente. Sua jovem esposa percebeu que algo lhe afligia. Questionado, revelou-lhe o que estava acontecendo. Imediatamente resolveu procurar um médico especialista, um neurologista conceituado, para obter um diagnóstico que lhe revelaria a causa daqueles sintomas. Após a realização de exames específicos, foi detectado um tumor cerebral em adiantado estágio de crescimento, localizado em região inacessível, onde seria impossível intervenção cirúrgica para remover a causa do incômodo. Como o problema era grave, sem expectativa de solução, o máximo que poderia recomendar seria o uso de alguns medicamentos que aliviariam as dores, que certamente se agravaria gradativamente, a cura e a solução estavam aquém do âmbito dos recursos da medicina terrena.

Aquela notícia inesperada, com consequências extremas, fazia desmoronar aquele mundo de projeções promissoras minuciosamente desejadas. O casal não se desesperou, encarou aquela realidade como uma fatalidade, incapaz de interferir no relacionamento feliz que compartilhavam. Tinham muita fé em Deus, acreditavam que nada que viesse a acontecer poderia destruir aquele amor transcendental, desfrutariam com intensidade máxima o pouco tempo que lhes restava. Começaram a traçar um plano, um pacto de amor eterno, que a morte, apenas um detalhe insignificante, não interromperia aquela felicidade que compartilhavam. Continuariam fieis àquele amor, não importava o que lhes acontecesse. Era um compromisso sincero, perpetrado em momentos de doação e cumplicidade total.

Como essa separação fora programada alhures, com a morte de João, seu companheiro amado, o mundo de Luzia, que até então só conhecera felicidade, de repente se transformou em um mundo sombrio, sem atrativos, então percebeu que a presença de filhos tão desejados seria o lenitivo que lhe daria forças para continuar vivendo. A eles se dedicaria de corpo e alma, até o dia em que novamente se encontraria com seu amado, como havia pactuado. Era uma mulher jovem, muito bonita, antes transbordava alegria, agora uma névoa de tristeza lhe invadia o coração oprimido, seus olhos haviam chorado todas as suas lágrimas. Não eram lágrimas de revolta, e sim de saudade. Toda noite dedicava momentos de orações ao marido ausente, reforçando o compromisso assumido.

Haviam passado três anos do ocorrido, nada alterava o endereço de suas orações e seus pensamentos. Uma noite, durante o sono, se sentiu envolvida por um turbilhão de emoções estranhas, pela primeira vez percebeu a presença de seu amado. Ele estava deitado ao seu lado na cama. O que experimentou foi algo que não se descreve, um misto de espanto e felicidade, fizeram que automaticamente se envolvessem em um amplexo incontido, a saudade era tanta que se amaram com uma intensidade nunca antes vivenciada. Tudo era muito real, seus corpos locupletaram numa simbiose ardente, atingindo as raias do imponderável. Depois de se amarem intensamente, entre lágrimas e risos, ficaram se olhando, não compreendendo o que aquilo significava. Então entre carícias ele lhe disse: “Luzia, nunca mais se sentirá sozinha, todas as noites estarei com

você, não mais nos separaremos”. Sua emoção foi tanta que nesse momento acordou e percebeu que tinha vivido um lindo sonho de amor. Porém, não tinha sido um sonho qualquer, tudo era muito verdadeiro, estava muito feliz, tinha saciado todos os seus desejos reprimidos, estava leve e realizada. Sentou-se na cama, rememorando todos aqueles momentos, não tinha nenhuma dúvida de que seu marido estivera ao seu lado. Não comentaria nada com ninguém, seria um segredo que não compartilharia, não conseguiu mais conciliar o sono, seu espírito experimentava a mesma felicidade que havia perdido alhures.

Aquele foi um dia muito especial, tinha certeza de que à noite se encontraria novamente com seu amado. Ocupou-se o máximo o dia todo, a vida novamente lhe sorria, sentia que não estava mais sozinha, quem a visse estranharia, era outra pessoa. À noite, na hora de dormir, fez suas orações como sempre, deitou e esperou pelo sono. Mal tinha adormecido, João compareceu como havia prometido. Envolvidos na mesma emoção que sempre compartilharam, depois de se amarem intensamente, ele lhe disse: “Agora vamos passear”. Pegou sua mão, e, abraçados, saíram levitando sobre a cidade onde ela morava, depois sobre campos e plantações, rios e florestas, como passarinhos desocupados percorriam a imensidão do espaço, contemplando a natureza exuberante, entre beijos e sorrisos flutuavam no vazio, entre as nuvens. Quanto tempo demorou esse passeio, a noite toda, para eles alguns instantes, estando juntos o tempo não existia. Quando acordou o dia estava amanhecen-

do, recordava cada momento, seu desejo era reviver tudo novamente.

Todas as noites ele comparecia em seus sonhos. Depois de se amarem intensamente, saíam abraçados gravitando na imensidão do céu. ‘Hoje vou levá-la até o arco-íris.’ Partiam procurando por um lugar que estivesse ensolarado, à procura do fenômeno. Depois de muito viajar, avistaram o espetáculo de cores, descrevendo um diadema gigante. À medida que atravessavam as cores suspensas no espaço, seus corpos adquiriam a mesma tonalidade. Experiência inconcebível para qualquer mortal, entre carícias e beijos se divertiam percorrendo o arco colorido. Quando acordou, aquelas imagens não saíam de seu pensamento. Seriam possíveis todas aquelas coisas? Não estaria delirando? Mas tudo era tão real, sentia necessidade de compartilhar com alguém todas aquelas experiências, uma pessoa próxima muito amiga. Mas quem acreditaria? Considerariam que estivesse enlouquecendo, a informação poderia se transformar em preocupação para os parentes. Mas se sentia tão bem, estava tão feliz! Decidiu que não revelaria seu segredo.

Assim continuou Luzia, encontrava-se com João, seu marido, em seus sonhos. Quando ele demorava a aparecer, aprendeu a procurá-lo na imensidão do mundo imaterial, rapidamente o encontrava e juntos, depois de se amarem intensamente, excursionavam por todas as regiões, onde os mundos visíveis e invisíveis se misturam formando um todo, totalmente acessíveis aos espíritos desvinculados de seus envoltórios físicos. A cada sonho conhecia novos

horizontes, o seu mundo se expandia, cada experiência lhe revelava um novo universo, sempre ao lado de seu amado. Conheceu paraísos e submundos, visitaram as paisagens mais exóticas e exuberantes de nosso orbe terrestre, as luzes e as cores mais estonteantes imagináveis, geradas pela nossa estrela solar, as comunidades espirituais mais organizadas e evoluídas, em todas as suas particularidades, e regiões sombrias e sofríveis onde comunidades de espíritos aguardavam serem retiradas e socorridas.

Luzia se considerava o ser vivo mais privilegiado da Terra, apenas um detalhe a entristecia: não conseguia compartilhar suas experiências com ninguém, não saberia descrever nem explicar como todas essas coisas aconteciam, não encontrava parâmetros de convencimento, certamente ninguém lhe daria crédito. Seria rotulada de paranoica, louca ou doente mental.

Não se preocupe, não fique triste, Luzia! Você não é nenhuma maluca. Tudo isso é perfeitamente possível para quem ama com essa intensidade. Estive em muitos desses lugares, sei que eles existem. Eu acredito em você.

Reforma Íntima

MUITOS SÃO OS MOTIVOS que levam uma pessoa a modificar seu modo de viver, principalmente alterar seu comportamento para melhor, qualquer que seja ele. Somos todos imperfeitos, portanto passíveis de ser infinitamente melhorados. Tarefa grandiosa que certamente demorará uma eternidade. Instintivamente somos induzidos a modificar nossa maneira de ser. Muitas vezes conduzidos de arrastão pela transformação das ideias e do comportamento coletivo. Quando adquirimos a consciência da necessidade de racionalmente acelerar essa transformação, começamos a entender que quanto antes começar essa empreitada, mais rapidamente começaremos a colher os frutos dessa melhora, que está ligada diretamente com a satisfação de viver.

O que leva uma pessoa a ter essa necessidade de mudança? Muitas são as razões que justificam essa transformação. Vivemos em uma sociedade de valores, ininterruptamente somos observados, avaliados, comparados e

julgados. Nossas atitudes determinam o nível de nossa aceitação e rejeição. Nossa postura perante nós mesmos e nossos semelhantes nos concede conforto relativo que permite nossa alegria de viver, ou permanente desconforto existencial, sinalizador de que precisamos fazer algo a nosso favor, para que nossa trajetória seja menos dolorosa e complicada.

A nossa vida não termina com a morte, que representa apenas um *stop*, de duração que acreditamos ser variada, igual à existência física, uns mais e outros menos, de acordo com as necessidades, permitindo avaliar nossa atuação em relação às Leis Divinas, que regem todas as vidas. Nosso espírito imortal dispõe da eternidade, portanto temos muito tempo para atingir a perfeição. Como disse JESUS, “*Vós sois deuses*”, em algum momento num futuro muito distante, seremos perfeitos.

Temos muitas razões para programar a reforma íntima, adquirindo, concomitantemente, valores morais e intelectuais, que funcionarão como duas asas e permitirão planar sem maiores turbulências sobre as oscilações que a vida nos apresenta, sempre perfeitamente superáveis. As dificuldades estão na falta de compreensão. Fomos criados simples e ignorantes, mas com potencial para atingir a perfeição, fomos criados a Sua imagem e semelhança. A principal condição está refletida, com todas as letras, no primeiro mandamento promulgado por nosso Pai, Deus, a Moisés, no Monte Sinai, ratificado por Jesus Cristo através de Seu Evangelho, explícito em “O Livro dos Espíritos”, nominada como *Lei de Adoração*, que consiste em: “*Amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo*”.

Aí reside nossa imensa dificuldade. Não adquirimos com facilidade a capacidade de amar plenamente. A forma que amamos é sempre egoísta, fomentada por interesses pessoais e de conveniência, distante do preconizado por Jesus, que se referia a um amor incondicional desinteressado.

Quando adquirimos a consciência da existência de Deus, atribuímos a Ele a razão de todas as coisas, inclusive o fato de nossa existência. Um Ser supremo, todo-poderoso, onipotente, onipresente, infinitamente sábio, bom e justo, criador de todas as coisas, em que toda sua criação está governada por leis perfeitas, imutáveis e incorruptíveis. Ele nos concedeu todas as condições necessárias para nossa transformação, só depende de nós. Para entender isso, temos os exemplos de seres dispersados em uma feira infinita de todos os níveis evolutivos imagináveis.

A partir dessa consciência, compete-nos olhar para nós mesmos, observar o quanto de recursos possuímos para desenvolver todo o nosso potencial: Deus colocou a nossa disposição todos os recursos naturais que necessitamos em nossa existência, capacidade de aprender, produzir, fazer amigos, interagirmos com nossos semelhantes, liberdade de escolher tudo que desejarmos. Inclusive conhecimento de Suas Leis Perfeitas, para que possamos prevaricar o menos possível, tendo o cuidado de colocá-las em nossa consciência, para não alegarmos desconhecimento. A capacidade de amar e conquistar o amor.

Nossa transformação ocorrerá queiramos ou não, o sofrimento é um aliado impulsionador dessa mudança,

algoz que forçosamente nos levará a reflexões mais profundas, possibilitando enxergar o que antes era imperceptível. Os Evangelhos são balizadores seguros, principalmente quando interpretados à luz do conhecimento e da vivência milenar de espíritos evoluídos, que há muito descobriram a importância e passaram a praticar a lei do amor, e se ocupam em propagar suas experiências felizes, se encontram inteiramente desvinculados dos enganos terrenos, comprometidos exclusivamente com o esclarecimento dos seres, visando à transformação qualitativa do mundo em que vivemos. Esta condição está diretamente ligada à conscientização das pessoas em relação aos seus semelhantes, uma sociedade mais justa, pacífica e instruída, proporcionando como consequência o desaparecimento gradativo da dor e do sofrimento, permitindo o surgimento da presença do amor fraterno incondicional. Essa transformação está inserida nas Leis Divinas, a que estão submetidos todos os seres e todos os mundos.

A Natureza Humana

O HOMEM É UM SER RACIONAL, dotado de espírito, com enorme capacidade de se adaptar, desenvolver e evoluir. O ser mais completo criado por Deus, segundo a bíblia, feito a Sua imagem e semelhança. Por sermos Sua criação terrena principal, como filhos preferidos, imaginamos que sejamos o motivo de Suas maiores preocupações. Podemos ir ainda mais longe, cada um de nós imagina ser Seu filho preferido, merecedor de um tratamento diferenciado. Maneira ultraegoísta de entender e enxergar as coisas. Vejamos:

Deus criou o universo, onde estão inseridos bilhões de galáxias, cada uma com bilhões de sistemas solares, cada sistema solar faz girar em torno de si vários planetas. No caso do sol, são nove os planetas conhecidos, que por sua vez fazem girar em torno de si os satélites. Coincidentemente estamos no planeta Terra, relativamente pequeno e insignificante se comparado com outros, formado por uma parte

sólida, os continentes, e três partes líquidas, formadas pelos oceanos e rios. Os cinco continentes estão divididos em países, que ao todo são mais de duzentos, cada país está dividido em estados que são constituídos em regiões, essas em municípios, divididos em milhares de propriedades, rurais e urbanas, onde moramos. O planeta Terra representa um minúsculo ponto localizado no sistema solar, onde vive quase uma dezena de bilhões de seres humanos.

Deus, infinitamente sábio, bom e justo, juntamente com sua criação, criou leis perfeitas, imutáveis e incorruptíveis, a que estão submetidos todos os mundos e todos os seres. Deu ao homem a inteligência e o livre-arbítrio, para que fosse o artífice de seu próprio destino e tivesse dominação sobre os demais seres de Sua vasta criação.

Quando entendemos que toda criação Divina, do átomo ao cosmo, da ameba ao homem, está subordinada a forças Superiores, que funcionam perfeitamente e independem da vontade e do entendimento humano, começamos a compreender quão grandioso e complexo é o universo. Apesar de toda a evolução humana, há de se reconhecer quão pouco o conhecemos, que representamos apenas um item de Sua enorme criação. Se a raça humana deixasse de existir, o mundo continuaria indiferente em sua trajetória rumo à eternidade. Deus, em Sua infinita sabedoria, da mesma forma que concebeu inteligência e liberdade ao homem, com autonomia de vida e morte, imputou-lhe responsabilidades através de Suas Leis Divinas, pelas quais responderemos positiva ou negativamente, em conformidade com nossas atitudes.

Apesar da grandiosidade e da complexidade de um universo a administrar, Deus, em Sua infinita Onipotência, tem demonstrado ser um Pai presente e preocupado com a destinação de Seus filhos terrenos. De tempos em tempos, tem-nos mandado instrutores sérios e responsáveis, nos orientando sobre o melhor caminho a seguir. Todo deslize e comportamentos indevidos são de natureza humana, com consequências presumíveis, que, em conformidade com Suas Leis soberanas, obrigatoriamente necessitarão ser equacionadas, de forma individual e/ou coletiva. Portanto, somos coadministradores de nossas vidas e do mundo em que vivemos, com direitos e obrigações, onde seremos avaliados e julgados pelo tribunal da nossa própria consciência, onde estão gravados em caracteres indelévels cada letra do código Divino infalível, que dispensa testemunhas. E será concedido a cada um, em conformidade com suas próprias obras.

Quando adquirimos essa consciência, começamos a perceber onde reside a Perfeição de Deus, pois tudo que nos parece estar errado são situações provisórias, que ao seu tempo deverão ser equacionadas, o que presenciamos no presente são reflexos de ações perpetradas no passado, assim como os erros de hoje, obrigatoriamente, carecerão de reparação amanhã. Quando Jesus recomendou que não julgássemos, disse com propriedade, pois, sendo profundo conhecedor da infabilidade das Leis Divinas, conhecia as razões dos infortúnios que envolvem a humanidade: a cegueira do cego, a limitação física do aleijado, a ausência da palavra ao mudo, do silêncio que envolve o surdo, da

morte precoce, da avariza do rico, da revolta do pobre, da hipocrisia do fariseu. Não queiramos conhecer essas razões, basta compreendermos que cada uma delas está sendo resgatada no seu tempo. E quem estiver sem pecado atire a primeira pedra, como sugeriu JESUS.

O homem primitivo lutou intensamente para controlar seus instintos animalizados, por milênios a raça humana foi evoluindo gradativamente, a cada geração foi adquirindo valores e conhecimentos que foram se agregando, e o resultado dessa longa e intensa aprendizagem imputou ao homem hodierno um cabedal de conhecimentos respeitável, adquirido através de séculos de civilizações progressivas. Apesar do avanço cultural e tecnológico em todas as áreas das ciências modernas, vivemos em um mundo conturbado, descompromissados com os valores morais balizadores da arte de viver fraternalmente, ensinamentos decretados há milênios são desconsiderados e ignorados todos os segundos, o homem sábio e inteligente pouco evoluiu espiritualmente. Ainda pensa e se comporta como o fariseu hipócrita. Pratica ostensivamente a arte do homicídio injustificável, do latrocínio gratuito, da guerra fratricida e de tantos outros crimes inomináveis, aceitos como ocorrências hodiernas urbanas normais. E os estropiados continuam nascendo aos borbotões.

Vivenciamos a era do Espírito, nossas infâncias e adolescências espirituais foram consumadas há muito tempo, atingimos a maturidade cronológica, tudo que o homem necessitava saber já revelado. Toda ignorância é produto do desinteresse que envolve a natureza humana, motivo de nosso atraso espiritual, pelo qual estamos respondendo.

Amor Perfeito

SENTIA DOR INTENSA NA CABEÇA, resolvi tomar uma dose cavalariça de analgésico, deitei-me em uma cama, tudo começou a girar a minha volta. À medida que uma sonolência me envolvia, senti penetrar-me em um ambiente que não era totalmente desconhecido, espécie de sala de aula espaçosa, com muitas pessoas sentadas ao meu redor, todos falavam ao mesmo tempo, minha percepção estava comprometida. No princípio não conseguia entender o que diziam, a cabeça pesava, a mente estava envolvida por um nevoeiro espesso. Depois de alguns momentos naquele ambiente nebuloso e embaçado, comecei a sentir o cheiro de um perfume suave conhecido e especial que há muito não sentia e me transportava para uma realidade que proporcionava sensação de alívio. Conforme aspirava aquele perfume, sentia penetrar no cérebro e expulsar lentamente aquele nevoeiro, descortinando uma lucidez que fazia compreender que voltava à realidade e me devolvia uma felicidade

que reconhecia ser um estado de espírito que me ocorria nessas ocasiões.

Nesse momento adentrou a sala um ancião de barbas brancas e longas, munido de alguns livros, colocou-os sobre a mesa, cumprimentou a todos, sua presença emprestava ao ambiente um clima de sobriedade atraindo a atenção de todos, o qual começou dizendo: “Hoje vamos fazer uma preleção sobre um assunto de conhecimento geral: ‘Amor.’” Pegou um livro que estava junto com outros sobre a mesa, e continuou:

– Depois de ler este livro, que tem como título “Amor Perfeito”, cheguei à conclusão de que, como eu, muitos de vocês também devem ter uma concepção distorcida envolvendo esse tema de relevante importância. Juntos meditaremos sobre o assunto à luz do pensamento deste escritor, que despreziosamente nos esclarece verdades pelas quais poderemos dilatar nosso entendimento, e o quanto é difícil conceber profundamente o significado deste sentimento e, mais difícil ainda, colocá-lo em prática.

O amor preconizado pelo ilustre escritor desconhecido reporta, em sua essência, o sentimento exteriorizado e praticado por Jesus quando esteve em missão junto à humanidade. O homem temporal se sentiu abalado e incomodado com essa estranha forma de amar, porque não admitia que estivesse amando nem agindo equivocadamente. Eram seguidores rigorosos da lei mosaica que pregava “olho por olho, dente por dente”, conhecida também como lei de talião. Afinal, grande parte daquela população descendia de hebreus e se considerava o povo

escolhido por Deus. Não obstante Seus ensinamentos não contrariar os valores da Lei de Moisés, censurava com propriedade o estilo de vida dos escribas e dos fariseus, principalmente a conduta e postura moral. Sua percepção aguçada permitia sentir a natureza íntima daqueles que se consideravam irrepreensíveis. Como suas declarações eram verdadeiras, os atingidos, principalmente os orgulhosos, criticavam suntuosamente Seu proceder e duvidavam d'Ele. Porém a maioria, composta de pessoas simples e humildes, admirava e aprovava Suas atitudes e O seguiam, acreditavam no que dizia e podiam sentir os eflúvios de Seu amor incondicional.

Durante séculos as gerações tiveram dificuldade em compreender como seria esse amor idealizado e exteriorizado por Jesus, “*amar o próximo como a si mesmo*”, “*perdoar aos inimigos*”. Poucos conseguiram entender com legitimidade esse sentimento. Entendemos que a razão dessa dificuldade está no despreparo espiritual do homem terreno, que não consegue visualizar nada além da matéria tangível, instintivamente oferece resistência em desenvolver esse sentimento com a benevolência que ele exige. Jesus falou através de seus evangelhos de um amor incondicional que fortalece, nos coloca acima das bagatelas humanas, despido de qualquer interesse temporal e pessoal. Esse sentimento nos completa e nos torna felizes, semelhante ao amor materno e paterno, arraigado ao espírito desde o início da criação, procedente de Deus, Pai Criador. Inserido nas consciências, não careceu de aprendizagem e conquista, revela-se

espontaneamente, por ser dádiva natural. Mesmo assim passível de rupturas e desentendimentos, devido à dureza do coração humano.

Entendo que as demais formas de amar são aquisições do espírito, que desenvolve através de seu livre-arbítrio um dom que Deus colocou no espírito humano em estado de germe. Quando encontra as condições favoráveis, germina e se desenvolve. O relacionamento entre as pessoas compartilhando interesses comuns permite desenvolver laços que geram afinidades, faz surgir sentimentos nobres, com capacidade de se desenvolver, crescer e dar significado a nossa existência. A prática do bem, o ato de servir e conviver pacificamente com os semelhantes proporcionam satisfação e geram entendimento, permitindo compreensão mais abrangente do que significa ser “um ser racional”. Através do amor, a criatura descobre valores, adquire a consciência de sermos filhos de Deus, de que somos todos iguais, dotados de espírito, portanto irmãos. Quando o indivíduo adquire a convicção de que seu espírito é indestrutível, de que sua existência não cessa após a morte, isso lhe dá esperança e conforto pessoal, que nenhuma outra conquista tem capacidade de proporcionar.

No entanto, o mesmo relacionamento capaz de criar laços fraternos, se malconduzido, tem a possibilidade de motivar desentendimentos que vão ocasionar conflitos com consequências imprevisíveis. O ser humano, dotado de livre-arbítrio, tem capacidade de desenvolver o amor, como também enorme facilidade de deixar fluir uma série de comportamentos inferiores, contrários à lei do amor,

capazes de influenciar negativamente a harmonia das relações e das sociedades, causando insatisfações, tornando as pessoas agressivas, gerando separações, violências, assassinatos e guerras.

A primeira mensagem pública de Jesus foi proferida sobre uma elevação rochosa, localizada nas colinas de Kurun Hattin, a sudoeste do lago de Genezaré. Nessa oportunidade Jesus traçou, através das oito bem-aventuranças, uma série de mensagens, o maior e mais profundo tratado de como deveria ser uma civilização pacífica e agradável a Deus, muito distante da forma de proceder daquele povo, “os escolhidos”. Conforme consta nos evangelhos, no conhecido “Sermão da Montanha” traçou o perfil dos que mais estavam agradando a Deus. Seriam os pobres de espírito; os puros de coração; os mansos; os misericordiosos; os que têm fome e sede de justiça; os pacificadores; os tristes; os que sofrem perseguição por causa da justiça. Sem mencionar suas procedências: hebreus, romanos, gentios, essênios, fariseus, samaritanos, etc.

Não obstante a Lei do Progresso, depois de dois milênios, muitas mudanças ocorreram nas sociedades. Caso Jesus retornasse e reiniciasse suas pregações, certamente não seria sobre uma montanha, e sim em via satélite, em rede de televisão para todo o planeta. Com sua percepção aguçada, falaria sobre os bem-aventurados modernos, traçaria o perfil daqueles que mais estariam agradando a Deus na atualidade. Com certeza não seriam os corruptos, os traficantes, os mercenários dos templos, os exploradores sexuais, as facções terroristas, os fabricantes

de armas, os déspotas, os homofóbicos, os pedófilos, etc. Com certeza também não mencionaria suas procedências religiosas: católicos, evangélicos, espíritas, protestantes, esotéricos, muçulmanos, budistas e outras. Por considerar esse detalhe irrelevante, pois todas as religiões levam ao Pai, e o caminho continuará para sempre sendo Jesus.

Assim o nobre ancião encerrava sua preleção, dizendo:

– Sugiro a todos a leitura do livro “Amor Perfeito”, autor anônimo, para melhor se inteirarem do assunto.

Neste momento retornei de mais um de meus intrincados sonhos, minha dor de cabeça havia desaparecido completamente, ainda sentia o cheiro daquele perfume misterioso. Por muito tempo procurei sem sucesso por este livro, “Amor Perfeito”, inclusive em uma livraria do plano espiritual, descrita em meu “Sonho Obscuro”. Depois de algum tempo encontrei o livro “Sermão da Montanha” escrito pelo extraordinário escritor, Humberto Rohden, onde contempla essa passagem do evangelho e nos brinda com sua interpretação lúcida e moderna, que nos possibilita avaliar a profundidade daquelas mensagens e nos permite compreender o “amor perfeito”, exteriorizado por Jesus.

Como escreveu Mahatma Gandhi, *“Se se perdessem todos os livros sacros da humanidade, e só se salvasse O SERMÃO DA MONTANHA, nada estaria perdido”*.

Depressão

DEPRESSÃO. ESSE É O NOME atribuído a uma doença moderna, uma doença que não apresenta causa aparente, não se manifesta através da dor física, não é detectada por nenhum exame clínico laboratorial. Difere de uma pessoa para outra, em intensidade e reação. É comum em todas as faixas etárias, não escolhe condição social ou cultural. Não possui um tratamento específico, manifesta-se através de desânimo, indisposição e tristeza intensa. E muitas vezes leva o indivíduo a pôr fim em sua existência, através do suicídio.

É por muitos considerada uma doença da alma, apesar de não haver conhecimento científico que justifique sua ocorrência e a natureza da origem de seu surgimento. Como é uma doença que se propaga dia a dia em intensidade, torna-se um problema grave de saúde pública e de difícil solução, pelo fato de a medicina ainda não ter descoberto uma fórmula eficiente de eliminá-la. Decidi escrever sobre o assunto, com base em minha experiência própria, há muito tempo convivo com ela, em momentos críticos pude sentir os efeitos nefastos que representa.

Posso considerar-me uma pessoa privilegiada, tenho problemas comuns como qualquer pessoa, mas nenhum que possa causar-me um estado depressivo. Então concluo que nada justifica minha depressão. Depois de muito tempo, aprendi a conviver com ela, apesar de fazer uso de medicamento para combatê-la, acredito que não representa uma ameaça efetiva a minha saúde e meu equilíbrio emocional, mas incomoda bastante.

No meu caso, ela surge do nada, principalmente na parte da manhã. Sem nenhum motivo aparente, misteriosamente vai me envolvendo uma tristeza intensa que me domina, a vida perde todo o sentido, a motivação pelo trabalho e pelas coisas desaparece como num passe de mágica, desejo de isolar-me, não conversar com ninguém e uma vontade irresistível de morrer, evaporar. Como sei que é um estado transitório passageiro, com duração de três a quatro horas, procuro deitar e tentar dormir, depois desaparece, e tudo volta ao normal.

Existem casos em que o paciente sente uma aflição no peito, mal-estar. Faço ideia que um estado de depressão permanente torna a vida muito difícil, ninguém consegue submeter-se ao estado depressivo o tempo todo, a pessoa tem que procurar ajuda imediatamente, é um sofrimento que ninguém merece. Muitos são os medicamentos usados para amenizar os sintomas. Como difere de uma pessoa para outra, um remédio que proporciona alívio para uma pessoa, em outra pode não exercer nenhum efeito. Mas é recomendável procurar um médico e iniciar o tratamento assim que os sintomas começarem a aparecer, para que a situação não saia de controle.

A Mágica dos Números

SERIA DIFÍCIL IMAGINAR UM mundo sem a existência das palavras e dos números ou numerais, caracteres criados pela inteligência do homem que facilitaram a vida em sociedade. Sem esses elementos tão essenciais como registraríamos tantas ideias e informações, uma prova contundente de nossa racionalidade?!

Em algum momento da civilização humana, perdida na noite dos tempos, os homens perceberam a necessidade de representar as quantidades por símbolos. Assim, criando dez símbolos, a que deram o nome de algarismos indo-arábicos, desenvolveram o sistema de numeração decimal. Era a descoberta de uma ciência que prosperaria paralelamente à percepção humana, se desenvolveria infinitamente como a inteligência do homem, tornando-se assim uma interpretação comum universal incontestável,

uma ciência exata de larga aplicabilidade. Tal como as palavras, foi utilizado deliberadamente para todas as atividades da vida humana.

Hoje tudo é mensurado, medido, computado e registrado. A todo momento se descobrem novas fórmulas científicas ou métodos que possibilitam obter a solução para uma nova incógnita, e assim o universo da matemática e da física se dilatam infinitamente. O avanço dos recursos tecnológicos e o advento da computação, permitindo cálculos inconcebíveis, com rapidez, facilidade e precisão absoluta, facultaram ao homem realizar descobertas transcendentais.

Particularmente, sempre gostei de matemática. Durante o curso primário tive muita facilidade com os números, principalmente na solução de problemas que exigiam atenção e raciocínio. Depois, quando fui lecionar, era a disciplina que encontrava mais prazer em ensinar, gostava de estimular meus alunos, através de exercícios e problemas, para que adquirissem interesse e gosto pela matéria, sempre me desdobrando exhaustivamente em explicações minuciosas.

Quando lecionava para a terceira série primária em Carneirinhos, em 1976, concomitantemente estudava para o concurso do Banco do Brasil. Nessa oportunidade, ao estudar matemática, conheci uma matéria que se intitulava “Razões e Proporções”, que até então desconhecia. Após interpretar o conteúdo devidamente, percebi que era possível montar uma brincadeira com meus alunos envolvendo o assunto e, ao mesmo tempo, exercitá-los em multiplicação e divisão.

A brincadeira consistia em adivinhar o número usado pelo aluno, como se fosse um passe de mágica, depois de ter multiplicado e dividido várias vezes por números previamente por mim designados.

Exemplo:

Cada aluno (40 alunos) escolhia um número qualquer de um a cem (pode-se usar qualquer número), multiplicava e dividia corretamente esse número pelos números fornecidos (pode-se multiplicar e dividir quantas vezes desejar), apresentando-me o resultado. De posse de uma calculadora, descobria-se o número escolhido imediatamente, como também se o aluno havia feito as operações corretamente. (O uso da calculadora para agilizar o processo.)

Exemplos:

ALUNOS	NÚMERO ESCOLHIDO	OPERAÇÕES	RESULTADO
João	23 x	7 X 4 X 6 X 5 / 4 X 3 X 8	115920
Maria	18 x	Idem	90720
Pedro	44 x	Idem	221760
Miguel	32 x	Idem	161280
Inez	215 x	Idem	1083600

Outros exemplos:

ALUNOS	NÚMERO ESCOLHIDO	OPERAÇÕES	RESULTADO
Célia	64 x	$12 / 2 \times 5 \times 3 / 3 \times 4 \times 10$	76800
Ana	55 x	Idem	66000
Carlos	27 x	Idem	32400
Pedro	17 x	Idem	20400
Mauro	25 x	$5 / 3 \times 4 \times 10 / 2 \times 12 \times 3$	30000
Antônio	13 x	Idem	15600

Observe que o coeficiente (razão) no primeiro exemplo é 5040. Descobre-se o coeficiente dividindo o resultado pelo número escolhido.

Ex.:

$$115920/23 = 5040 \text{ ou } 115920/5040 = 23$$

$$90720/18 = 5040$$

$$1083600/215 = 5040$$

Descobre-se o resultado, multiplicando o número escolhido pelo coeficiente.

Pode-se também descobrir o resultado de qualquer número escolhido usando a regra de três simples.

Ex.:

No segundo exemplo:

64 está para 76800 assim como

55 está para x .

Resolve-se, fazendo: $55 \times 76800 = 4224000 / 64 \quad x = 66000$

Observe, no segundo exemplo, que a ordem dos números não altera o coeficiente nem o resultado da operação. (Há de se considerar a função de cada número, “x” multiplicação ou “/” divisão).



Jesus, Num Sonho

*EU VI UM JOVEM CAMINHANDO
ANDANDAVA DESPREOCUPADAMENTE
DEVIA TER DEZOITO ANOS
ESTAVA DESCALÇO
NA ÚNICA RUA DE NAZARÉ
NA ANTIGA PALESTINA
TINHA OS CABELOS LONGOS
REPARTIDOS AO MEIO
NOS MOLDES DOS NAZARENOS
VESTIA ROUPÃO BRANCO DE ALGODÃO
TECIDO, PANO DE SACO
ASSIM COMO OS DEMAIS
ERA O TRAJE DA ÉPOCA
TRAJE DE TRABALHO
SIMPLES E CONFORTÁVEL
EU O OBSERVAVA
SABIA QUE ERA ELE, JESUS*

SUA NOBREZA INCONFUNDÍVEL
PAROU, SENTOU-SE NA AREIA
RISCAVA O CHÃO COM OS DEDOS
ESCREVIA OU DESENHAVA?
NÃO SEI DIZER
DE REPENTE, ERGUEU SEUS OLHOS
CONTEMPLAVA O HORIZONTE DISTANTE
FAZENDO CONJECTURAS
E ASSIM PERMANECEU POR BREVE TEMPO
TALVEZ ESTIVESSE ORANDO OU SIMPLESMEN-
TE PENSANDO
TALVEZ CONVERSANDO COM DEUS?
TAMBÉM NÃO SEI DIZER
DE REPENTE, LEVANTOU-SE, RETORNOU DE
ONDE VIERA
ENTROU NA CARPINTARIA DE SEU PAI, JOSÉ
VOLTANDO AO TRABALHO
ACORDEI.

Obs.: Senti-me incompetente para narrar este sonho, foi muito rápido. Quando acordei, estava emocionado. Penso que esses poucos versos escritos sem nenhuma regra ou cadência descrevem tudo que vi.

Quadrado Diabólico com 400 casas

(O total da soma dos vinte valores das colunas:
Horizontais, Verticais e Transversais são equivalentes)

1 391 16 386 8 394 19 353 29 399 12 395 11 330 387 4 393 121 341 **20**
42 **38** 82 375 23 376 22 365 27 366 370 360 367 337 329 44 389 25 **39** 34
58 371 **43** 272 80 355 57 324 155 352 40 349 160 368 347 124 64 **61** 384 46
123 346 71 **60** 49 340 138 314 273 312 50 364 359 303 335 332 77 21 87 56
116 342 276 96 **157** 83 362 226 331 263 81 339 35 249 287 **113** 26 171 327 130
93 319 114 302 104 **252** 293 311 383 310 149 154 239 246 **112** 122 143 17 269 78
162 221 151 235 118 271 **72** 294 139 236 224 264 165 **136** 99 75 129 392 242 385
178 168 343 257 176 225 109 **174** 241 24 180 177 **233** 227 134 223 321 325 247 48
150 110 170 357 172 259 179 152 **169** 231 161 **100** 147 382 284 254 135 156 323 119
181 182 183 184 185 188 187 186 209 **190** 191 220 213 217 219 218 216 215 212 214
201 194 203 202 205 200 210 196 189 **207** 211 204 197 199 206 193 198 192 208 195
266 158 47 285 280 175 281 237 **229** 296 145 **232** 41 290 173 140 378 125 69 163
234 133 256 146 115 260 144 **244** 94 132 262 107 **253** 63 315 297 275 230 222 228
127 111 255 238 292 89 **267** 30 141 278 270 166 128 **274** 258 298 108 265 126 289
338 159 268 102 240 **286** 317 153 306 13 361 59 28 66 **295** 250 137 243 106 283
320 92 95 98 **305** 131 85 148 318 91 356 251 351 88 53 **301** 348 245 73 261
350 55 333 **328** 334 37 336 101 117 164 291 45 76 67 79 326 **167** 120 304 380
299 279 **372** 33 396 7 277 84 52 74 248 68 313 54 5 288 345 **400** 62 354
390 **309** 344 36 374 31 282 103 300 70 10 14 377 105 3 86 65 379 **363** 369
381 32 388 18 397 51 373 15 308 2 398 142 316 9 90 322 97 307 6 **358**

Obs: Quadrado Diabólico, este trabalho foi batizado com esse nome, devido à dificuldade que tive para montá-lo, caso eu publique meu terceiro livro será revelado meu Quadrado Triabólico, de novecentas casas, bem mais complicado que seu irmão acima, que já está concluído.

Impressão e Acabamento:



viena
*gráfica &
editora*

VIENA GRÁFICA & EDITORA.
Av. Dr. Pedro Camarinha, 31
Santa Cruz do Rio Pardo-SP
T: (14) 3332.1155
www.viena.ind.br